

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DE GESTÃO

Impressões do Sagrado

Estudo de uma coleção privada de Registos de Santos



Teresa Lança Ruivo
Dissertação de Mestrado em Estudos do Património

Departamento de Ciências Sociais e de Gestão



Impressões do Sagrado

Estudo de uma coleção privada de Registos de Santos

Dissertação
de Mestrado em Estudos do Património
Orientador: Professor Doutor Pedro Flor

Teresa Lança Ruivo

Lisboa

2012

Índice Geral

Sumário.....	6
Abstract.....	7
Índice de Quadros.....	8
Siglas e Abreviaturas.....	9
Introdução.....	10

Parte I – Os Registos de Santos

Capítulo 1. A importância social e artística das coleções de registos de santos.....	14
1.1 Os registos de santos: a sua importância social e antropológica	14
1.2 Os registos de santos: a gravura como expressão popular.....	17
1.3 Os registos de santos: coleções e património.....	22

Parte II – A coleção de registos de D. Gabriel de Sousa

Capítulo 2. A coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa – colecionismo e influências.....	28
2.1 A coleção de registos de D. Gabriel de Sousa: curiosidade ou colecionismo?.....	28
2.2 Referências de organização da coleção: as coleções do Museu Nacional de Arqueologia e da Biblioteca Nacional de Portugal.....	30
2.2.1 Museu Nacional de Arqueologia.....	31
2.2.2 Biblioteca Nacional de Portugal.....	33
Capítulo 3. A coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa	36
3.1 O colecionador e o percurso da coleção	36
3.2 Organização da coleção	39
3.3 Arqueologia da coleção.....	43
3.3.1 Inventário	43
3.3.1.1 Números.....	45
3.3.1.1.1 Invocações	45

3.3.1.1.2 Artistas.....	48
3.3.1.1.3 Casas de comércio e Tipografias	52
3.3.1.1.4 Técnicas de gravura	55
3.3.1.1.5 Estado de conservação.....	58
Síntese Final	61
Bibliografia	64
Glossário	69
Anexos	
Anexo 1: Ilustração.....	75
Anexo 2: Percurso da coleção	77
Anexo 3: Organização da coleção	86
Apêndices	
Fichas de Inventário.....	133

ERRATA

Dissertação de Mestrado em Estudos do Património

Título: Impressões do Sagrado- *Estudo de uma coleção privada de Registos de Santos*

Ano: 2012-2013

Autoria: Teresa Lança Ruivo, nº 1002819

- **pp. 18**

Linha 3, onde se lê:

De facto, é durante o reinado deste monarca que se assiste à organização do ofício do gravador estabelecendo-se em 1768 «uma primeira escola oficial de gravura, agregada à Impressão Régia» (...)

Deve ler-se:

De facto, é durante o reinado deste monarca que se assiste à organização do ofício do gravador. Estabelece-se em 1768 «uma primeira escola oficial de gravura, agregada à Impressão Régia» (...)

- **pp. 18, notas de rodapé**

nota 31, onde se lê:

A «aula da gravura» é extinta em 1801.

Deve ler-se:

A «aula da gravura» foi renovada em 1801.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho quer com informações, quer com conselhos ou com palavras de alento. No entanto, não posso deixar de agradecer, em especial, à minha família que tantas vezes cedeu parte do seu tempo para eu poder atingir este objetivo pessoal compreendendo-me e alentando-me para uma conclusão exitosa.

Também quero agradecer ao meu orientador de dissertação de mestrado, Professor Doutor Pedro Flor, pela confiança, pelo acompanhamento, pelos conselhos e disponibilidade demonstradas ao longo deste ano.

Os meus agradecimentos estendem-se à equipa de colegas da Área de Conservação da Biblioteca Nacional de Portugal pela sua compreensão e das quais destaco a Paula Ferreira que me acompanhou e colaborou em muitas etapas da inventariação dos «santinhos». Também agradeço à Joana Campelo, do Instituto dos Museus e Conservação, que me disponibilizou o seu trabalho realizado no âmbito da sua dissertação de mestrado «Registos de Azulejo: distribuição em Lisboa e aproximação aos registos gravados» e ao Armando Araújo pela investigação que realizou no Porto seguindo algumas das pistas acerca de organismos que podiam conter parte da coleção em estudo nos seus acervos museológicos.

Quase por último, e não considerando nenhuma ordem em especial, quero agradecer os bons momentos partilhados e o trabalho fantástico realizado no âmbito da exposição «Registos: A Coleção de D. Gabriel de Sousa (1912- 1997)» aos: Pedro Flor, Cristina Dias, Eurico Malafaia, Fernando Peixoto Lopes, Henrique Carvalho, Joana Campelo, Margarida Almeida Bastos, Miguel Faria, Paula Ferreira e Rosário Dantas cujos conhecimentos, informações e conselhos foram sobejamente aproveitados na realização desta dissertação.

Por último, o meu destacado agradecimento a Eurico Malafaia que colocou à minha inteira disposição a coleção de registos de registos e documentos relacionados; e à Ana Lopes, cuja colaboração em todas as fase de inventariação e organização da exposição foi inexcelável.

SUMÁRIO

Esta dissertação de mestrado tem por base a investigação que realizamos acerca da forma e conteúdo da coleção de registos de santos reunida por D. Gabriel de Sousa (1912-1997) e que atualmente pertence a um particular. Da vasta coleção de cerca de quinhentos registos de santos em papel e pergaminho fazemos incidir o nosso estudo numa amostra de oitenta e um registos que estiveram na base da realização de uma exposição e de um ciclo de conferências em que se abordaram os registos de santos do ponto de vista formal (gravados e em painéis de azulejo), do ponto de vista etnográfico e social (realização de círios) e do ponto de vista comercial da venda dos registos (principais casas de impressão e de comércio). Todas estas vertentes encontram-se presentes na coleção de D. Gabriel de Sousa e são expostas ao longo deste trabalho.

Não é nosso propósito debruçarmo-nos sobre a oportunidade e correção da forma como a coleção se encontra compilada, mas sim, observá-la como um conjunto que foi reunido ao longo de um período de tempo e cuja organização demonstra um conhecimento, por parte do colecionador, que excede a simples fruição e curiosidade. D. Gabriel de Sousa dividiu a coleção em duas áreas distintas, organizando-as por temas, autorias e invocações: registos artísticos e registos populares acrescentando diversas notas datilografadas descritivas dos conteúdos da coleção.

O nosso estudo, também, pretende apresentar uma coleção que poderá ter sido iniciada por fruição mas que permite ler, nas entrelinhas, o esforço que D. Gabriel de Sousa colocou na sua organização e cuja interpretação nos poderá auxiliar a entender melhor o colecionismo português, na esfera do privado, na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: registos de santos, coleção, organização

ABSTRACT

This master thesis is based on a research conducted about the form and content of the collection of records of saints gathered by D. Gabriel de Sousa (1912-1997) that currently belongs to a private collector. From the vast collection of records of about five hundred saints in parchment and paper we focused our study on eighty-one records that served as a basis to the making of an exhibition and a series of conferences in which the records of saints were approached formally (in their printed format and in tile panels), from an ethnographic, social (processions and other religious festivities) and commercial viewpoints (major printing houses and records trading). All these aspects are present in the collection of D. Gabriel de Sousa and are exposed along this work.

Rather than drawing over the sense of opportunity and correctness of the way the collection is compiled, our purpose is to observe it as a set that was gathered over a period of time and whose organization demonstrates an understanding by its creator that exceeds simple curiosity. D. Gabriel de Sousa split the collection into two distinct areas, organizing them by themes, authorship and invocations: artistic records and popular records, both annotated.

Our study aims to present a collection that may have been initiated for enjoyment that reveals in a parallel reading the effort D. Gabriel de Sousa put in organizing it and whose interpretation may help us better understand Portuguese art collecting, in the private sphere of the first half of the twentieth century.

Keywords: records of saints, collection, organization

INDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Invocações por ordem alfabética	46
Quadro 2 – Artistas e gravadores nacionais e estrangeiros	51
Quadro 3 – Casas comerciais.....	54
Quadro 4 – Técnicas de gravura identificadas na coleção.....	57
Quadro 5 – Estado de conservação da coleção.....	60

SIGLAS

M.E. – Mau estado de conservação

R.E. – Razoável estado de conservação

B.E. – Bom estado de conservação

E.S. – Ernesto Soares

B.N.P. – Biblioteca Nacional de Portugal

D.G.S. – Dom Gabriel de Sousa

R.S. – Registos de santos

ABREVIATURAS

alt. – Altura

larg. – Largura

nº - Número

nºs. – Números

Inv./ inv. – Inventário

INTRODUÇÃO

A oportunidade de estudar a «Coleção de Registos de Santos de D. Gabriel de Sousa», tema desta dissertação de mestrado, surgiu através da sugestão e do convite feito pelo Prof. Doutor Pedro Flor, também nosso orientador de dissertação, para integrar um grupo de trabalho¹ que pretende aprofundar o estudo de registos de santos² quer como património documental quer como património azulejar, e cujos objetivos atingidos foram apresentados sob a forma de uma exposição e de um ciclo de conferências de título «Registos: A Coleção de D. Gabriel de Sousa (1912- 1997)» realizados durante o mês de Março deste ano.

A coleção, em estudo, foi reunida por D. Gabriel de Sousa ao longo da sua vida eclesiástica e civil não se conseguindo apurar o seu início e o seu término. Os registos gravados chegaram até nós pela mão do seu atual proprietário, Eurico Malafaia, que colocou o conjunto à nossa total disponibilidade para que pudéssemos efetuar a sua inventariação e aprofundar todas as relações que pudessem existir entre a tipologia da coleção com outras da mesma temática, para que pudéssemos estudar as principais características da coleção e para que, entre outras hipóteses, verificássemos a importância antropológica e patrimonial deste conjunto de registos de santos. No entanto, realçamos que neste trabalho não pretendemos incidir sobre a questão de verificar a oportunidade e correção da forma em como a coleção se encontra organizada, mas sim de observá-la como um conjunto que foi reunido ao longo de um período de tempo onde se assume que o proprietário tenha seguido os modelos de organização e de descrição da coleção de registos de santos realizados por Luís Chaves³ e por Ernesto Soares⁴ tanto na coleção de Aníbal Fernandes Tomás adquirida por José Leite Vasconcelos, propriedade do Museu Nacional de Arqueologia, como da coleção de registos de santos de Elviro dos Santos integrada nos fundos iconográficos da Biblioteca Nacional de Portugal, respetivamente.

1 - Integração no grupo de trabalho derivada dos trabalhos realizados sobre a «Coleção de Registos de santos da Biblioteca Nacional» para a unidade curricular, Seminário de investigação, Mestrado em Estudos do Património (2010-2012), universidade Aberta.

2- Documento gráfico avulso de pequena dimensão e de temática religiosa.

3- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo, com estudo preambular e notas, da coleção de «registos» de Aníbal Fernandes Tomás, hoje no Museu Etnológico português*, Separata d'«O Archeologo Português», Imprensa Nacional, Lisboa.

4- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário a Coleção de Registos de Santos*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

A coleção de D. Gabriel de Sousa está dividida em registos artísticos e registos populares. Os registos artísticos estão ordenados por autor e por ordem cronológica; e os registos populares por invocação local (norte e sul de Portugal) e por invocação geral. A acompanhar a organização dos registos de santos encontram-se folhas dactilografadas, pelo próprio, que identificam os autores, as invocações e as origens geográficas dos registos representando o investimento e esforço realizado pelo proprietário no conhecimento da sua coleção distanciando-o assim do perfil de um mero curioso e aproximando-o do perfil de colecionador.

Como já referimos, pretendemos, igualmente, abordar a importância dos registos de santos sob uma perspetiva antropológica e social que analisa a sua função original: a de objeto devocional. Atualmente, e com origem nas coleções reunidas no final do século XIX, os registos de santos perderam essa função para se tornarem objetos de coleção e ascenderem, também, à categoria de património intelectual, religioso e artístico.

Para a caracterização desta coleção e descrição da sua arqueologia são essenciais os estudos realizados sobre a importância social, antropológica e patrimonial dos registos de santos por Luís Chaves e Ernesto Soares sobre as coleções do Museu Nacional de Arqueologia⁵ e da Biblioteca Nacional de Portugal⁶; a investigação de Miguel Faria⁷ sobre a produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime, a reflexão feita por Maria José Goulão⁸ acerca da coleção pertencente à Sociedade Martins Sarmento, bem como, o estudo realizado por Joana Campelo⁹ que estabelece a relação próxima entre os registos de santos em suporte azulejar e os registos de santos gravados.

A estreita relação entre a coleção de registos e a historiografia da gravura artística em Portugal também é uma das componentes deste trabalho. No entanto, ressaltamos que não referimos exaustivamente a evolução desta categoria das Artes

5- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...*

6- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção de Registos...*

7- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa: produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime*, Porto. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

8- GOULÃO, Maria José (1995), "A representação do sagrado nos «Registos de Santos».", *Estudos de Arte e História: Homenagem a Artur Nobre de Gusmão* (Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Universidade Nova, Lisboa), pp.312-318.

9- CAMPELO, Joana (2008), "Registos de santos em azulejo. Aproximação às fontes gravadas.", *Revista das Artes Decorativas* (Escola das Artes, Universidade Católica, Porto), nº 2, 2008, pp.171-182.

Decorativas portuguesas ao longo do tempo, porque essa não é nem foi a nossa intenção primordial neste trabalho. A história da gravura artista em Portugal é mencionada mas enquadrando-se e limitando-se aos dados obtidos através do campo da letra dos registos de santos para que possamos compreender com maior facilidade as informações obtidas através da sua sistematização em tabelas criadas, especificamente, para o efeito com dados retirados das fichas de inventário individualizadas¹⁰.

O estudo desta coleção também pretende responder a diversos problemas que nos foram surgindo ao longo do processo metodológico da investigação: a origem ou origens desta coleção; principais influências na sua génese; o perfil do seu colecionador; e a importância patrimonial e artística desta coleção cuja informação contida será sistematizada através de fichas de inventário individualizadas baseadas no modelo das normas de inventário para o Espólio Documental¹¹ (com atribuição de número de inventário próprio assinalado ao longo do texto entre [nº inv.]) e através do tratamento quantitativo dos dados daí obtidos que constituirão o capítulo da arqueologia da coleção.

Incidiremos o estudo da coleção sobre os oitenta e um registos retirados para a exposição «Registos: A Coleção de D. Gabriel de Sousa (1912-1997)» dos seis álbuns herdados por Eurico Malafaia que constituem o maior conjunto da coleção. Os critérios de seleção da amostragem foram os de abranger o maior número de artistas gravadores, de técnicas de impressão e de casas de comércio que representassem as principais preocupações do colecionador.

A constituição de um glossário, em apêndice, permitirá complementar o trabalho com a definição de vários conceitos usados ao longo do trabalho.

Desta forma, pretendemos contribuir para um conhecimento mais profundo das mentalidades e gostos subjacentes ao colecionismo português, na esfera do privado, da primeira metade do século XX.

10- Cf. No final do corpus no **Apêndice [Fichas de Inv. N.ºs.2-82]**.

11- INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO (2009), *Normas de Inventário: Espólio Documental: Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Última leitura a [19-09-2012]. Disponível em: http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/Recursos/Publicacoes/Edicoes_online/Normas_Invntario/NI_AP_AD_Espolio%20Documental.pdf.



PARTE I
OS REGISTOS DE SANTOS

Capítulo 1.

A importância social e artística das coleções de registos de santos

1.1 Os registos de santos: a sua importância social e antropológica

«Levei bons puxões de orelhas de meu pai por comprar na feira de São Lázaro, no Porto, em vez das gaitinhas ou dos registos de santos,(...)»

Almeida Garrett, *Viagens à minha terra*¹²

O significado social dos registos de santos estabelece-se ao longo da Idade Média e conhece o seu período áureo durante os séculos XVIII e XIX.

Durante o período da Idade Média verifica-se um aumento na crença dos milagres multiplicando-se as romarias e os círios¹³ que se socorriam eficazmente do culto das «imagens milagrosas»¹⁴ dos santos curandeiros e da sua utilização para captar o imaginário e a crença das multidões devotas e para honrar as graças concedidas. Os registos de santos ou «estampas de devoção» segundo a classificação de Raczynski na sua obra «Diccionaire historique-artistique du Portugal»¹⁵ têm, assim, como origem a obrigatoriedade de todos os cristãos fazerem uma peregrinação a Roma para obterem o perdão dos seus pecados através da compra de indulgências.

Como esta viagem não era acessível para muitos deles, em sua substituição surgiram as romarias. Nestas, o romeiro devia fazer uma peregrinação anual ao seu santo padroeiro e protetor e deveria comprar uma estampa daquele como comprovativo dessa viagem espiritual. A estampa devia ser colocada num lugar visível e ser utilizada como objeto devocional, geralmente, aposta na capa ou no chapéu do romeiro durante a

12- GARRETT, Almeida, *Viagens à minha terra*, («Clássicos da Literatura Portuguesa»), Biblioteca Digital, Porto Editora, pp. 43. [Última leitura a 23-09-2012]. Disponível em: <http://web.portoeditora.pt/bdigital/pdf/NTSITE99_ViagMinhaTerra.pdf>.

13- Romarias processionais.

14- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp. 5.

15- GANDRA, Manuel J., *Estampas religiosas gravadas do concelho de Mafra*. Última leitura a [10-05-2011]. Disponível em: <http://www.cesdies.net/iconografia-e-simbolica/fsp/estampas_religiosas.pdf>.

celebração da romaria e durante o regresso ao lar como é possível observar na gravura de João Palhares existente na coleção iconográfica da Biblioteca Nacional de Portugal¹⁶. O ritual repetir-se-ia todos os anos subsequentes e o número de imagens de devoção deveria igualar o número de romarias realizadas. Desta forma, o registo de santo gravado era considerado uma prova de um dever cumprido e um ritual da vida religiosa como Luís Chaves o confirma:

«A presença dos romeiros foi marcada pela posse do *registo* do Santo festejado, como antes o era pelas insígnias (...)»¹⁷.

O culto das imagens de devoção foi muito divulgado através de festividades e peregrinações popularizando-se, assim, as estampas gravadas em suporte de papel, de cartão, de pergaminho ou de pano o que torna os registos de santos facilmente transportáveis e de grande acessibilidade financeira. A qualidade destas estampas, geralmente de pequena dimensão, algumas similares às de um selo¹⁸, dependia da capacidade financeira do seu comprador, da qualidade dos seus autores e gravadores, e do facto do santo venerado ter um culto de maior ou menor número de devotos. Também concorre para a sua popularidade, o facto de serem um veículo primordial para a transmissão da mensagem pretendida para o grande público alfabetizado ou não.

Como veículo de «difusão maciça de imagens»¹⁹, Maria José Goulão considera que o significado dos registos de santos se torna mais evidente consoante a relação que estabelece com o seu público-alvo. Assim, a autora considera que a denominação dos registos de santos abrange, fundamentalmente, três subclassificações. O primeiro grupo compreende a «estampa de devoção»²⁰ cuja representação de temas religiosos concorre para a contemplação e para a conseqüente oração. O segundo subtipo, funciona como uma proteção que permite a salvação da alma através da concessão de indulgências. Por

16- Cf. No final do corpus no **Anexo 1**.

17- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp. 7.

18- «Reduções maiores serviam, e servem ainda hoje, para distintivos, ramos, palmitos, flores, fôlhas, objectos de ocasião, coladas como sêlo ou estampilha, e com dimensões ainda a miúdo inferiores.» in CHAVES, Luís (1946), *Registos de Santos da cidade de Lisboa: registos gravados*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. pp. 11. e Cf. no final do corpus no **Apêndice [N^{os}. inv. 29, 30 e 31]**

19- GOULÃO, Maria José (1995), "A representação do sagrado... pp.313.

20- *Idem, ib.*, pp.313.

último, e segundo a autora, no terceiro grupo seriam incluídas as estampas que garantem a proteção contra diversas calamidades e doenças, de forma preventiva.

O poder protetor e a relação íntima e afetuosa que o registo de santo estabelece com o seu detentor contribui para a sua conservação quer em formato avulso quer inseridos em pequenos oratórios conhecidos por «verónicas»²¹ ou como «medidas»²².

Atualmente, os registos de santos também conhecidos por «santinhos» continuam a integrar os rituais e cerimoniais da vida religiosa católica e se a sua função de proteção e de prevenção se encontra diluída, a de contemplação e de oração permanece, juntamente, com a de fruição e a do colecionismo²³.

Mas o valor dos registos de santos não é só relevante para a análise histórico-social das comunidades cristãs. De facto, estas estampas têm-se revelado como importantes fontes documentais para a compreensão da dinâmica das festas religiosas e das interações sociais e para o entendimento da evolução das artes decorativas e das belas artes porque nestes encontramos estabelecida a forte relação entre a arte ocidental e a vida cristã como é possível verificar-se nas palavras de Rosa Giorgi²⁴:

«Gran parte della storia dell'arte occidentale coincide con la storia della Chiesa cristiana e molta iconografia dipende e deriva da eventi particolari, dalla dottrina, dall'influenza di grandi personaggi, da movimenti di devozione diffusa.»²⁵

21- «Verónicas são gravuras como as dos *registos*, guardadas dentro de caixilhos de madeira ou de papelão, com ou sem vidro; as de papelão muito enfeitadas com lantejoulas e fios prateados, e suspendem-se ao peito; as de caixilho de madeira ou de papelão com vidro são maiores e formam pequeninos oratórios.» in CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo ...* pp. 7.

22- «Medidas são fitas franjadas, com o nome ou iniciais do Santo festejado, escrito a letras negras ou douradas; ao centro tem um *registro* minúsculo, do Santo. Talvez primitivamente, para justificar a designação, representassem estas fitas alguma medida da imagem do Santo respectivo, ou fosse uma *medida* uniforme para as fitas (*medida-padrão*)» in CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp. 7.

23- Ver, por exemplo, a coleção de registos do Museu Municipal de Mafra e do Museu da Misericórdia da Ericeira in CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA (2001), *Registos e objectos de devoção: colecções do Museu Municipal de Mafra e Museu da Misericórdia da Ericeira*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra.

24- AQUINO, Maurício (2011), «Construindo devoções: as estampas de santos na criação religiosa e na pesquisa histórica – o caso da Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado», *Revista de Estudos de Religião* (PLURA, Brasil), vol. 2, nº 1, 2010, pp. 101-117, pp. 103.

25- Nota de tradução livre: «Grande parte da história da história de arte ocidental coincide com a da Igreja Cristã e muita da sua iconografia depende e deriva de eventos particulares, da doutrina e da influência de grandes personagens, de movimentos de difusão de devoção».

1.2 Os registos de santos: a gravura como expressão popular

Indubitavelmente, os primeiros registos de gravura na Europa encontram-se associados à escola alemã. Não resta qualquer dúvida que os primeiros praticantes desta nova arte tenham sido da mesma nacionalidade do inventor dos caracteres móveis de madeira e de metal para impressão: Gutenberg²⁶. Através da utilização dos caracteres móveis e da prensa, Gutenberg, promove uma revolução no meio artístico e intelectual que se prolonga pelos séculos seguintes. A imagem e a informação encontram um novo suporte para a disseminação do seu conteúdo e tornam-se acessíveis às grandes massas devido à diminuição dos custos de produção dos livros tanto em relação à matéria-prima de suporte²⁷ obtida mais facilmente que o pergaminho²⁸, como à produção visual dos conteúdos.

Nos séculos seguintes, e apesar de a gravura constituir uma forma de ilustração dos livros, começa a observar-se um processo de separação e de independência daquela em relação aos livros. A estampa avulsa torna-se num meio popular de disseminação da imagem e de arte entre as várias camadas sociais que usufruem desta forma de transmissão de conhecimento.

Em Portugal, durante os séculos XVII e XVIII assiste-se ao desenvolvimento deste ramo das Artes Decorativas até, então, considerada como uma «arte menor». A gravura cujos modelos e temas são de influência europeia devido, como refere Maria Augusta Araújo, à «importação massiva de obras, estampas francesas, holandesas e italianas, bem como a vinda de numerosos gravadores estrangeiros»²⁹ realizada durante

26- *Johann Gensfleisch Gutenberg*, nascido entre 1394 e 1399, começou a experimentar a impressão ou a «escrita artificial» por volta de 1440 mas só em 1450 é que a sua invenção estava suficientemente aperfeiçoada para ser explorada comercialmente. In STEINBERG, S.H. (1996), *Five hundred years of printing*, rev. John Trevitt, 4ª ed., London, British Library & Oak Noll Press., pp. 4.

27- «Em Portugal temos notícias substanciais referentes ao papel fabricado pelos frades de S. Vicente de Fora na propriedade da Abelheira, no Tojal, aproveitando o curso de água do Trancão. (...) [Em 1835, o futuro Barão do Tojal adquire o engenho em hasta pública] e «Já em 1841 produzia papel para escrita e impressão, (...)» in BANDEIRA, Ana Maria Leitão (1995), *Pergaminho e Papel em Portugal: tradição e conservação*, Lisboa, CELPA, pp. 32. Outras fábricas papeleiras são fundadas durante o século XIX permitindo a aquisição de papel para impressão e gravação a preços inferiores do que os adquiridos por importação a França e Itália.

28- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

29- ARAÚJO, Maria Augusta (2004), «Gravadores estrangeiros na corte de D. João V.» In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DA A.P.H.A., III, Porto. Portugal na encruzilhada de culturas, artes e sensibilidades. Fundação Engenheiro António de Almeida. 17 A 20 de Novembro. [Última leitura a 08-10-2012]. Disponível em: <<http://www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/AugustaAraujo.pdf>>, pp.2.

o reinado de D. João V traduz-se no desenvolvimento das artes decorativas portuguesas, nomeadamente, da gravura.

De facto, é durante o reinado deste monarca que se assiste à organização do ofício do gravador estabelecendo-se em 1768 «uma primeira escola oficial de gravura, agregada à Impressão Régia»³⁰, em Lisboa, como nos informa Luís Chaves, e que contribui para o desenvolvimento deste ofício. A chamada «Aula de Gravura»³¹ rege-se por regulamentos que definem o campo de ação dos gravadores destacando o papel do gravador ou abridor como é possível verificar-se na transcrição do décimo primeiro artigo do alvará régio de 24 de Dezembro de 1768, referida por Pedro Queiroz Leite³²:

«Sendo presentemente necessário que no corpo de uma Impressão Régia não falte qualquer circunstância que a faça defeituosa; e sendo um dos ornatos da Impressão, as estampas, ou para demonstrações, ou para outros muitos utilíssimos fins, terá a mesma Impressão um abridor de estampas, conhecidamente perito, o qual terá a obrigação de abrir todas as que forem necessárias para a impressão, e se lhes pagarão pelo seu justo valor».

Assim, em meados do século XVIII, e em virtude da aposta de D. João V no desenvolvimento das artes decorativas portuguesas, na organização do ofício do gravador, com a fundação da primeira escola de gravura e com a vinda de artistas gravadores estrangeiros, observa-se o aumento da produção de registos de santos cuja venda se torna rentável. A encomenda deixa de ser necessária para a sua produção e a sua aquisição passa a ser possível fazer-se diretamente nas casas de venda ou nas casas editoras ou, ainda, pelos vendedores. A produção maciça de registos também está

30- CHAVES, Luís (1927), *Subsídios para a história da gravura em Portugal*, («Subsídios para a história da Arte Portuguesa»), Imprensa da Universidade, Coimbra, pp. 91.

31- A «aula da gravura» é extinta em 1801. Em 1799 é criada a oficina-escola de gravura do Arco do Cego que foi integrada na Imprensa Régia por alvará de 7 de Dezembro de 1801. Em 1802 são nomeados mestre e ajudante, respetivamente, Francisco Bartolozzi (1728-1815) e Gregório Francisco de Assis Queirós (c. 1768-1845), cf. CAMPELO, Joana (2010), *Registos de santos em azulejo, (1710-1830): fontes gravadas e distribuição em Lisboa*, Lisboa. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade católica portuguesa, Escola das Artes, Porto, pp. 82.

32- LEITE, Pedro Queiroz (2011), O missal da Regia Officina Typographica e seu legado na pintura rococó mineira: uma refutação à influência de Bartolozzi, In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – UNICAMP, VII. [s.t.; s.l.], pp. 408. [Última leitura a 08-10-2012]. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2011/Pedro%20Queiroz%20Leite.pdf>>, pp. 408.

diretamente relacionada com o desenvolvimento e utilização da gravura em talhe doce³³, que como Luís Chaves refere chega a Portugal «por intervenção estrangeira»³⁴.

Os primeiros registos conhecidos datam-se do século XVII assemelhando-se muito às ilustrações existentes na denominada literatura de cordel, nos livros de orações ou de novenas. A sua forma mais ou menos aperfeiçoada, a sua dimensão e a sua riqueza dependia grandemente dos recursos materiais do cliente.

Na grande maioria das coleções de registos de santos que chegaram até aos nossos dias encontram-se alguns exemplares de gravura em madeira³⁵ que, provavelmente, se tratam de revivalismo próprio do século XIX devido à possibilidade de produzir gravuras baratas e com uma forma e traços toscos que imprimem aos registos características de «arte popular»³⁶ e, cuja raridade, para Ernesto Soares se devia ao facto de que «estas pequenas recordações avulsas, impressas sobre papéis de fraca consistência, eram destinadas a livros de piedade ou a pequenos oratórios e tinham uma duração muito limitada.»³⁷ sendo um número reduzido de coleções que apresentam estampas daquele século.

Nas coleções nacionais observamos que os dois géneros de gravura, popular e artística, se encontram representadas. Tanto podemos verificar a existência de reproduções de obras de grande qualidade ou, ainda, realizadas por artistas de grande qualidade como Francesco Bartolozzi ou Vieira Lusitano que contribuíram, em muito, para a qualidade da produção de registos de santos em Portugal como, em simultâneo, gravuras cujos autores são desconhecidos e tanto produzidas por métodos de impressão tradicionais como por métodos fotomecânicos³⁸.

A impressão de registos de santos segue um percurso histórico muito idêntico ao da restante gravura em Portugal como é demonstrado por diversos estudos nesta área das Artes Decorativas dos quais destacamos a monografia de Luís Chaves, publicada em 1927, «Subsídios para a História da Gravura em Portugal»; a publicação, de 1971, de Ernesto Soares sobre «História da Gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras»; e a tese de doutoramento apresentada, em 2005, por Miguel Faria intitulada «A

33- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

34- CHAVES, Luís (1927), *Subsídios para a história...* pp. 12.

35- Cf. no final do corpus no **Glossário**, [ver xilogravura]

36- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [ver nºs inv. 28 e 45]

37- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. XXXIII.

38- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [ver nºs inv. 7 e 71, por exemplo]

imagem impressa: produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime».

Luís Chaves considera que os registos de santos «merecem também a atenção como estampa de artistas populares»³⁹ e que «(...) Constituem um ramo da estamperia popular.»⁴⁰ sendo possível analisar nas diversas coleções existentes e conhecidas em Portugal⁴¹ um grande conjunto de registos com características que se inserem na denominada gravura popular que se diferencia, segundo este autor, da gravura artística por serem de produção anónima e pela reutilização da mesma chapa adaptando-se o nome do santo à sua procura. Esta situação é possível observar-se na «Coleção de D. Gabriel de Sousa» nos registos de Nossa Senhora da Luz⁴² e Nossa Senhora do Livramento⁴³ em que o espaço da inscrição⁴⁴ é preenchido com invocações distintas ou em que o espaço da inscrição surge em branco para que se pudesse manuscrever ou imprimir a invocação consoante as necessidades do mercado ou do crente. Como exemplo desta situação, surgem-nos as imagens da Nossa Senhora da Saúde⁴⁵ e de outra Nossa Senhora⁴⁶, também pertencente à coleção em investigação, cujas inscrições são adicionadas por colagem (Nossa Senhora da Saúde) ou deixadas em branco⁴⁷ para que se pudessem acrescentar as invocações necessárias (Nossa Senhora).

Já Miguel Faria alarga o conceito de «estampa popular» ou de «estampa rústica»⁴⁸ à análise que pode ser realizada sob diversos ângulos referentes à técnica de estampagem utilizada, ao seu consumo ou à temática abordada na gravura. O autor considera que esta denominação sobrepõe duas interpretações: a primeira relacionada

39- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp. 10

40- *Idem, ibidem*, pp.10

41- Coleções pertencentes à Biblioteca Nacional de Portugal, ao Museu Nacional de Arte Antiga, à Universidade do Porto, ao Arquivo Histórico Militar, à Sociedade Martins Sarmento, ao Museu Nacional de Arqueologia, à Escola Superior de Belas-Artes do Porto e às Bibliotecas Públicas do Porto e de Évora.

42- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Nº inv. 10]

43- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Nº inv. 11]

44- Cf. no final do corpus no **Glossário**, [ver letra]

45- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Nº inv. 17]

46- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Nº inv. 18]

47- «Certas estampas ou espécies de estampas eram gravadas em série única. Faltava-lhes a designação do santo representado; era o santo, e nada mais; ficava aberto o espaço para a invocação e sua localidade. A casa não deixava de ter aí o seu anúncio de fabrico, venda, ou fabrico e venda. O devoto, o vendilhão das festas, romarias, peregrinações, ou a confraria sem recursos para mais, serviam-se destas edições; e, então, bastava-lhes mandar imprimir, ou simplesmente escreviam à mão, o nome do santo festejado. Está assim a ver-se como tantas vezes a mesma estampa ia aplicar-se, em muitos lugares, às imagens, que, se figuravam pelos atributos, não correspondiam determinadamente ao desenho, à pintura, à escultura, ou à feição da imagem local.» in CHAVES, Luís (1946), *Registos de Santos da cidade...* pp.7.

48- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 466.

com a capacidade técnica do gravador em que se observa a «ausência de escola»⁴⁹ e com a utilização de materiais de impressão de má qualidade que resultam em impressões de qualidade inferior à gravura artística; e a segunda já se encontra relacionada com o mercado amplo e abrangente dos vários grupos sociais a que este segmento de gravura se destina.

Os registos de santos, muito associados à vida cristã, ainda são, atualmente, produzidos não só com o propósito devocional mas, também, porque se tornaram um elemento integrante das artes decorativas portuguesas⁵⁰ e alvo do colecionismo do século XXI.

O estudo destas estampas também tem auxiliado na valorização da arte popular e para o aprofundamento do conhecimento da arte ocidental uma vez que esta surge intrinsecamente ligada à história da religião cristã. De igual forma, a iconografia cristã encontra nos registos de santos um meio de excelência para a disseminação dos atributos dos santos.

Os vários autores referem que o estudo das séries de imagens gravadas permitem muitas vezes identificar a tipologia dos seus clientes. Se alguns destes registos apresentam imagens e composições de elevada qualidade que só eram acessíveis a uma elite cultural e social, também muitas delas eram gravadas com uma imagem que se podia adaptar a qualquer tipo de invocação, como é possível verificar em vários registos da coleção de D. Gabriel de Sousa. O conhecimento desta situação ou da utilização da mesma chapa por vários editores ou confrarias também contribuem para a observação de mudanças na iconografia e práticas cristãs sendo uma importante fonte de conhecimento da sociedade que recorre a estas formas gráficas de representação religiosa.

Da mesma forma que para a etnologia, os registos de santos são fontes documentais ilustradas para o conhecimento das diversas festividades, das peregrinações, romarias e círios realizadas em Portugal em honra dos santos padroeiros e, ainda, para o conhecimento dos cânones das indumentárias dos homens da Igreja e dos intervenientes das festividades.

Já no campo da história de arte, as reproduções pictóricas de obras de arte de grande qualidade muitas vezes interpretadas e alteradas ao gosto popular, a reprodução

49- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 467.

50- Ver, a título de exemplo, o *blog* "Registos de Santos". [Última leitura a 31- 07- 2011]. Disponível em: <<http://registosdesantos.blogspot.com/>>.

em massa permitem caracterizar estilos e conduzir a investigações que contribuem para um conhecimento aprofundado da arte.

Assim, o estudo das coleções de registos permite variadas abordagens e como as que aqui já foram apresentadas. Também o espírito do colecionador fica representado na sua coleção. Através da sua caracterização é possível conhecer os seus interesses, os seus conhecimentos e estabelecer a ligação existente entre a coleção e o seu colecionador.

1.3 Os registos de santos: coleções e património

Em Portugal, o interesse pelo colecionismo acentua-se durante o século XIX, início do século XX. Nos anos que precedem a I República e durante este período são fundados diversos museus. As aquisições das coleções eram muitas vezes feitas através da descoberta dos próprios acervos que depois eram classificados, estudados e expostos ou através da doação dos próprios colecionadores à instituição ou pela aquisição de objetos que eram considerados importantes para manter a coerência e estatuto dos próprios museus.

No entanto, verifica-se a existência de duas atitudes, em simultâneo, perante o ato de colecionar. Uns colecionavam por gosto e moda sem terem qualquer preocupação com o tratamento museológico dos objetos, mas outros chamavam a si essa preocupação chegando a editar relatórios sobre projetos-lei que obrigavam ao tratamento museológico das várias coleções a cargo dos museus.

Esta preocupação é patente na obra de Joaquim de Vasconcelos (1849-1936)⁵¹, cuja coleção de gravuras⁵² foi adquirida por Francisco Martins Sarmiento com o propósito da sua doação à Sociedade Martins Sarmiento. Neste texto, o autor dedica a segunda parte da sua análise ao projeto-lei que tinha como objetivo organizar o ensino

51- VASCONCELOS, Joaquim de (1877), «A Reforma das Bellas Artes: analyse do relatório e projectos da comissão oficial nomeada em 10 de Novembro de 1875», Porto, Imp. Literário Comercial, 1877. – VII, 71 pgs. [última leitura a 13-05-2011]. Disponível em: <<http://purl.pt/980>>.

52- «A Sociedade Martins Sarmiento dispõe de um dos mais importantes acervos de gravuras antigas de Portugal. Na sua origem, está um legado de Francisco Martins Sarmiento, que adquiriu, com o propósito de a oferecer à SMS, a coleção particular do historiador de arte Joaquim de Vasconcelos, composta por um conjunto de aproximadamente 1600 estampas de gravuras sobre madeira e sobre metal. Actualmente integra mais de 2500 estampas.» in SOCIEDADE MARTINS SARMENTO & CASA DE SARMENTO_CENTRO DE ESTUDOS DO PATRIMÓNIO (2004), *Francesco Bartolozzi e os seus discípulos*, Guimarães, Sociedade Morais Sarmiento, pp.3.

das belas-artes e a sua aplicação à indústria, os museus artísticos e arqueológicos e o serviço dos monumentos históricos.

Joaquim de Vasconcelos, refere que a génese desta reforma tem como base o exemplo e os resultados obtidos em Inglaterra, Suíça, Áustria, Alemanha e mais, recentemente, nos Estados Unidos da América. As experiências referidas tinham tido início em 1852 e a sua adaptação em Portugal significavam para o autor «uma nova Renascença artística!»⁵³.

Relativamente aos museus associados à «Academia de Bellas-Artes» de Lisboa, o autor menciona que o artigo nº 48 estabelece o seguinte:

«Os objectos do museu serão classificados e distribuídos por quatro repartições: 1ª Objectos pré – históricos; 2ª Ethnologia; 3ª Bellas Artes; 4ª Artes industriaes, imitativas, decorativas e de mobília.»⁵⁴

O autor propôs que a primeira e segunda repartição fossem fundidas numa só que responderia pela classificação de etnologia à semelhança dos primeiros museus da Europa e porque considerava «inadmissível» a integração de objetos etnográficos num museu de arte.

Acompanhando esta tendência, encontramos a coleção de registos de santos reunidos por Aníbal Fernandes Tomás, integrada no Museu Etnográfico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia. A coleção adquirida por Joaquim Leite de Vasconcelos⁵⁵ a Aníbal Fernandes Tomás representa um manancial de informação etnográfica sobre a vida e hábitos cristãos da sociedade portuguesa bem como aporta informação referente à historiografia da gravura em Portugal como é referido na obra de

53- VASCONCELOS, Joaquim de (1877), «A Reforma das Bellas Artes... pp. VI.

54- VASCONCELOS, Joaquim de (1877), «A Reforma das Bellas Artes... pp. 65.

55- «As gravuras soltas de que tenho falado constituem propriamente registos, que se vendem nos respectivos santuários, por ocasião das festividades, e que os romeiros compram e levam para casa (na Beira-Alta os homens costumam ostentá-los metidos na fita do chapéu). Ha centenas de registos no Museu Etnológico ; nessa colecção avulta a que foi comprada no espolio do bibliografo A. Fernandes Tomás, composta de quatro volumes in-folio.» e « Embora quem estuda scientificamente as religiões veja em tudo isso fraquezas do espirito humano, que só de vagar e com custo se aproxima da verdade, é impossivel deixar de tributar affecto a tantas imagens, ora graciosas, ora extravagantes e grosseiras, sempre porém ingénuas e poéticas, que encantaram a mente das gerações que nos precederam, e encantam ainda agora a de muitas pessoas simples.— Encarreguei de catalogar e estudar os quatro álbuns de F. Tomás o Preparador do Museu, Luís Chaves, que actualmente se está ocupando d'esse serviço com toda a diligencia. O trabalho será publicado no Archeologo.» in VASCONCELOS, J. Leite (1915), *Historia do Museu Etnologico Português (1893 – 1914)*, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 231.

Luís Chaves cujo índice divide-se entre o «significado etnográfico dos registos»⁵⁶; o «significado artístico dos registos»⁵⁷ e onde faz uma abordagem ao percurso da história da gravura em Portugal comparando-o com o dos registos de santos impressos; e o catálogo, propriamente dito, composto por três partes dedicadas, respetivamente, à catalogação pelo nome dos santos, pelo nome dos autores das gravuras e, por fim, uma lista dos lugares, das casas de comércio, de impressão e dos editores.

Relativamente à coleção doada por Alfredo Elviro dos Santos à Biblioteca Nacional de Portugal, o seu estudo, catalogação e conservação coube a Ernesto Soares. Manuel Santos Estevens adjudicou esta tarefa a Soares considerando que «Trabalho desta especialização não podia ser realizado por leigos na matéria e por isso foi convidado para o executar o Prof. Ernesto Soares que, através de uma vasta e revolucionária obra, tinha sobejamente demonstrado a sua competência.»⁵⁸. Ernesto Soares, por sua vez, considera que as coleções de gravura devem ser estudadas e valorizadas como património artístico porque:

«(...) este ramo das artes menores, a gravura, que tantos serviços, actualmente, presta a investigadores, artistas, historiadores, com pezar o dizemos, tem sido sempre menosprezado, dando origem a que só raros estudiosos tenham alcançado perfeito conhecimento das espécies icónicas (...)»⁵⁹

Ernesto de Soares⁶⁰ destaca, igualmente, a importância da «Coleção de Registos de Santos» da BNP para a hagiologia, para a iconologia e iconografia cristãs, para a etnografia e para a história de arte. Se para a hagiologia a Coleção da Biblioteca Nacional de Portugal fornece dados muito importantes acerca da vida religiosa portuguesa, também para a iconologia e iconografias cristãs a mesma coleção permite o conhecimento aprofundado dos diversos significados dos atributos dos vários santos e dos aspetos formais que estes adquiriram ao longo dos tempos.

56- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp. 169.

57- *Idem, ibidem*, pp. 169.

58- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. VII.

59- *Idem, ibidem*, pp. IX.

60 - SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. XVI.

Também a coleção da Sociedade Martins Sarmento detém uma amostra representativa da produção de registos de santos em Portugal, nomeadamente, do século XVIII. Esta coleção detém não só «gravuras populares como também alguns “registos” de muito boa qualidade»⁶¹, como refere Maria José Goulão.

Coleções de registos de santos como as da Biblioteca Nacional de Portugal, do Museu Nacional de Arqueologia, da Sociedade Martins Sarmento e do Museu Nacional de Arte Antiga, entre outras, confirmam o interesse patrimonial das coleções constituídas por esta tipologia de documento gráfico.

Em todas as instituições, o número de registos de santos existentes é elevado e em todas se regista o tratamento museológico das espécies documentais. No entanto, na Biblioteca Nacional de Portugal como no Museu Nacional de Arqueologia verifica-se que houve uma dissociação do grupo formado pelos registos de santos dos restantes grupos de gravuras⁶² e de estampas⁶³. Este fator distingue-as das restantes coleções das quais há notícia da existência de registos de santos mas integrados nas coleções de gravuras pertencentes às restantes instituições.

Como já referimos anteriormente, os registos de santos também servem como fontes de investigação para a observação de tendências artísticas das diversas épocas, para a realização de estudos sócio - económicos com base nos registos comerciais das casas de comércio ou das confrarias que detinham o seu comércio direto ou indireto e para o conhecimento de rituais da vida religiosa em Portugal através da agregação do registo gravado à celebração das várias festividades e cultos religiosos.

Igualmente, devemos referir a ligação existente entre os registos gravados e os registos em azulejo como é referido por Joana Campelo⁶⁴ na sua tese de dissertação e por Margarida Almeida Bastos e pelo Fernando Peixoto Lopes⁶⁵. Nos estudos e publicações apresentados por estes investigadores, a ligação que se estabelece entre o

61- GOULÃO, Maria José (1995), “A representação do sagrado... pp 313.

62- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

63- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

64- «A ligação íntima entre as duas variantes, em azulejo e em gravura, é evidente. Uma circulação em maior número, um preço mais acessível e um tratamento menos complexo e mais padronizado das figuras, dos fundos e das cercaduras, por oposição aos modelos mais elaborados de grandes mestres gravadores, determinaram a escolha destas gravuras como modelo para os *registos* em azulejo.» in CAMPELO, Joana (2010), *Registos de santos em azulejo...* pp. 85.

65- «As gravuras de cariz erudito, amplamente divulgadas na Europa, a par das composições pintadas por conceituados artistas, constituíram as principais fontes de inspiração iconográfica dos registos [em azulejo].» e «Alguns painéis são, também, reflexo do culto tributado à Virgem através dos círios da região de Lisboa.» in LOPES, Fernando M. Peixoto; BASTOS, Margarida Almeida (2004), “Registos de Santos em azulejo do município de Lisboa: algumas considerações”, *Olisipo* (Boletim do grupo «Amigos de Lisboa», Lisboa), II série, nº 20/21, 2004, pp. 95-105, pp. 97 e pp. 102.

registro gravado e o registro em azulejo é inequívoca bem como a relação estreita existente entre os registros em azulejo com as procissões e círios.

No entanto, e apesar das várias investigações realizadas e trabalhos publicados, observamos a necessidade de aprofundar o estudo das coleções de gravuras existentes no país, nomeadamente, as dos registros de santos. Naquelas em que os trabalhos de investigação já foram iniciados torna-se necessário consolidar e sistematizar as informações já obtidas. Quanto às restantes verifica-se a premência de formar grupos de trabalho pluridisciplinares que possam explorar as diversas linhas de interpretação das informações contidas nos registros de santos gravados cuja investigação permitirá, não só, acrescentar conhecimento acerca da sociedade portuguesa como, também, acerca do património português.

A COLEÇÃO DE REGISTOS DE D. GABRIEL DE SOUSA



Capítulo 2.

A Coleção Registos de D. Gabriel de Sousa – coleccionismo e influências

2.1 A coleção de registos de D. Gabriel de Sousa: curiosidade ou coleccionismo?

Para que o conjunto de registos de santos reunidos por D. Gabriel de Sousa seja, efetivamente, considerado uma coleção deverá preencher determinados requisitos que são, atualmente, considerados como as premissas que diferenciam uma coleção museológica de um simples exercício de curiosidade ou de pretensão coleccionismo.

A coleção de D. Gabriel de Sousa não se encontra integrada em nenhum museu e o seu acesso não é público exceção feita, apenas, durante o ciclo de conferências «Registos: A Coleção de D. Gabriel de Sousa (1912- 1997)».

Para que possamos efetuar o exercício da sua classificação, interessa-nos recordar a evolução do coleccionismo em Portugal durante o século XIX e a forma como influenciou os modelos do coleccionismo e dos museus durante o século XX. Este período de tempo é contemporâneo da coleção em estudo e na sua organização encontramos muitas influências do modelo organizacional da coleção da Biblioteca Nacional de Portugal realizado por Ernesto Soares que por sua vez foi influenciado pelo modelo organizacional e de inventário seguido por Luís Chaves para a coleção do Museu Nacional de Arqueologia.

O século XIX marca o nascimento do «museu racional», como Luís Menezes⁶⁶ o define, que se destaca dos modelos anteriores pela instalação em espaços próprios e pela definição de diversas disciplinas que acompanham o desenvolvimento da museologia em Portugal. Com o crescente interesse pelo tratamento museológico da coleção assistimos ao florescimento das mais variadas tipologias de museus e de práticas

66- MENEZES, Luís (1993), “O primado do discurso sobre o efeito decorativo”, *Cadernos de Museologia* (Cadernos de Sociomuseologia), nº1, pp.37-46. [Última leitura a 08-10-2012]. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/470/373>>, pp.42.

museológicas muito associadas à etnologia, às ciências naturais e às reconstruções de ambientes e cenários que se associam a heranças e legados do passado que em muito contribuíam para a ideia que o homem e a sociedade tinha de si mesmo.

Antes da I guerra Mundial verificamos a tendência museológica de abstrair o objeto da sua função primordial. O objeto exposto torna-se representante dos objetos que lhe são iguais ou semelhantes mas dissociando-se da função para a qual foi utilizado e esta crescente tendência de tratar os objetos e as coleções museologicamente dá os seus frutos. E é neste sentido que João Alpuim Botelho⁶⁷ faz a distinção entre um exercício de curiosidade e a constituição de uma coleção.

Para este autor, a diferença entre o fenómeno da moda e da imitação e os verdadeiros colecionadores do século XIX está diretamente relacionada com o tratamento museológico que era feito às coleções que detinham – preservar, inventariar e classificar – faziam parte de uma linguagem à qual os meros curiosos não tinham acesso, nem a referiam e nem a necessitavam para poderem usufruir dos seus conjuntos de objetos. Alfredo Keil refere este afã de colecionar objetos como uma moda definindo-a como um «novo *sport*: o de colleccionar antiguidades»⁶⁸.

Na coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa é possível verificarmos três atitudes que distinguem o curioso do colecionador. A preservação da coleção foi feita através da colocação dos registos colados em cartolinas pretas em álbuns pretos de duas argolas para impedir a sua perda; a inventariação através da relação de registos que existem e de notas explicativas acerca do percurso de partes da coleção⁶⁹; e a classificação através da subdivisão dos registos entre o norte e o sul do país feita pelo colecionador e patente nas folhas datilografadas que intercalam os registos nos álbuns⁷⁰.

Ao aprofundarmos o conhecimento acerca desta coleção verificamos, também, que se trata de uma coleção vertical⁷¹ de uma só tipologia, com alguma dinâmica de saída uma vez que existe a notícia de que partes da coleção foram oferecidas a outras instituições, como mais adiante faremos referência; e reunida por um colecionador de

67- BOTELHO, João Alpuim (2007), *Luís Augusto de Oliveira e o Museu de Viana do Castelo*, Cad. Vianenses, 40, pg. 309-330. [Última leitura a 10-05-2011]. Disponível em: <<http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20081028153620.pdf>>

68- KEIL, Alfredo (1905), *Collecções e Museus de Arte em Lisboa*, Lisboa, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda., pp. 5.

69- Cf. no final do corpus no **Anexo 3**.

70- Cf. no final do corpus no **Anexo 3**.

71- Define-se uma coleção vertical como sendo uma coleção especializada. Cf. AFONSO, Luís Urbano (2011), "A história recente do colecionismo em Portugal no século XX." In: O colecionismo de arte em Portugal no século XX, Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, Cascais, 21-05-2011.

perfil conservador e erudito⁷² uma vez que verificamos o investimento do colecionador no estudo e na investigação desta coleção, segundo classificação de Luís Urbano Afonso.

A coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa é uma coleção especializada cujos conteúdo e aspeto formal seguem os modelos de colecionismo definidos em meados do século XX por grandes figuras da época, como Anastácio Gonçalves e Ricardo Espírito Santo, que influenciaram a organização e o tratamento museológico de diversas coleções de objetos e documentos gráficos pertencentes ao campo das Artes Decorativas.

2.2 Referências de organização da coleção: as coleções do Museu Nacional de Arqueologia e da Biblioteca Nacional de Portugal

As grandes coleções nacionais de registos de santos surgem indubitavelmente ligadas aos seus colecionadores: a coleção do Museu Nacional de Arqueologia adquirida por Leite Vasconcelos cujo anterior proprietário era Aníbal Fernandes Tomás; e a coleção da Biblioteca Nacional de Portugal doada por Monsenhor Elviro dos Santos. Em ambas coleções o corpo dos registos de santos destaca-se da restante coleção de gravuras.

Por nos encontrarmos a estudar uma coleção especializada em registos de santos e também, por relacionarmos os modelos de organização das coleções adotados por Ernesto Soares na coleção da Biblioteca Nacional e por Aníbal Fernandes Tomás com a organização da coleção realizada por D. Gabriel de Sousa, podemos considerar estas coleções representativas e influenciadoras da organização pela qual o colecionador optou.

Na forma em como a coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa se encontra organizada e na descrição dos seus conteúdos, realizada pelo colecionador, é

72- O perfil do colecionador está diretamente relacionado com a sua autoestima e com a necessidade de reconhecimento pelos seus pares. D. Gabriel de Sousa é um colecionador de perfil conservador porque adota a manutenção de modelos de colecionismo iniciados e definidos a meados do século XIX; e erudito porque demonstra um interesse específico na aquisição de registos e, na sua coleção, é observável o exercício de investigação acerca deste tema. Cf. AFONSO, Luís Urbano (2011), "A história recente do colecionismo..."

possível observar uma aproximação aos modelos de organização formal e de conteúdos similares às coleções de Aníbal Fernandes Tomás e do Monsenhor Elviro dos Santos organizadas e descritas, respetivamente, por Luís Chaves e Ernesto Soares. À semelhança do que foi feito nestas coleções patrimoniais, D. Gabriel de Sousa também fixou os registos em dossiers que funcionavam como álbuns e também descreveu a coleção quer por invocações quer geograficamente.

Neste capítulo, pretendemos descrever, sucintamente, cada uma destas coleções para que se possam estabelecer as relações de similitude existentes entre estas duas coleções nacionais e a coleção de D. Gabriel de Sousa aquando fizermos a análise da coleção em questão.

2.2.1 Museu Nacional de Arqueologia

A coleção de registos deste museu mantém, até à data, a organização feita por Aníbal Fernandes Tomás que é descrita por Luís Chaves na sua obra, «Registos de Santos: catalogo, com estudo preambular e notas, da colecção de «registos» de Aníbal Fernandes Tomás»⁷³. Nesta obra, Luís Chaves, refere-se à coleção em estudo como sendo o:

«Catálogo dos «registos» compreendidos em 4 volumes in-folio grande que pertenceram a Aníbal Fernandes Tomás, e hoje estão na posse do Museu Etnológico Português».⁷⁴

O estudo e catalogação desta coleção foram realizados por Luís Chaves em 1925 a pedido de José Leite de Vasconcelos que adquirira a coleção para fazer parte do espólio do então *Museu Ethnologico Português*, atual Museu Nacional de Arqueologia do Doutor Leite de Vasconcelos. A aquisição desta coleção inseria-se dentro dos objetivos que se pretendiam atingir com as coleções deste museu como nos é permitido verificar num prospeto elaborado por Leite Vasconcelos e distribuído à entrada do Museu, em 1910:

73- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...*

74- *Idem, ibidem*, pp. 1.

«(...) O Museu Etnológico, onde se arquivam documentos que servem para o estudo da vida do povo português, em toda a sua amplitude, desde os tempos mais remotos (idade da pedra) até a actualidade, (...)»⁷⁵

É nesta perspectiva etnográfica que a coleção de registos de santos de Aníbal Fernandes Tomás é estudada por Luís Chaves. Na obra publicada e daí resultante, o autor faz a seguinte descrição, que aqui citamos na sua totalidade e que é a que melhor traduz o sentido subjacente a esta coleção⁷⁶:

«Os *registos* que vou catalogar dispõem-se em quatro livros do *in-folio* grande.

O Catálogo destes *registos* divido-o, por conveniência de labor e consulta, em três partes. Qualquer delas, sendo as duas primeiras essenciais, e a restante complementar, não seria um catálogo completo, porque faltariam sempre os outros elementos de documentação. Assim as três integram-se e compreendem-se complementando-se mutuamente.

Na PARTE I fica o catálogo alfabético, remissivo, dos registos, pelo nome dos santos, agrupados sob cada nome todos os que a êle possam referir-se. Cada inscrição vai acompanhada do número do volume em caracteres latinos, e o da respectiva página em números arábicos. É a parte mais extensa, por que muitos dos registos, mesmo a maior parte talvez, não tem nota de autores, nem fabricantes, nem vendedores, e apenas se identificam pela imagem; é além disto infinito o número e a nomenclatura dos Santos.

Na PARTE II abrange todos os autores que figuram nos *registos*, sejam desenhadores e pintores, ou gravadores, litógrafos, fotogravadores. A ordem de catalogação é a mesma da primeira parte.

75- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord., (1993), *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta, pp.41.

76 - Esta coleção mantém-se no formato original aquando da sua aquisição. Encontra-se catalogada e disponível para consulta. No futuro serão tomadas medidas de conservação preventiva em relação ao seu correto acondicionamento cuja decisão se encontra em estudo.

A PARTE III, seguindo o mesmo critério das duas primeiras, é o catálogo das casas de fabrico e venda de *registos*, seriadas por ordem alfabética de terras declaradas.

Quando a cada nome inserto não corresponder notícia topográfica, é que ela falta no *registo*.

Compreende-se que os registos são feitos por gravura em madeira ou metal, quando outra coisa se não diga; por isso, os processos diferentes serão enumerados. Assim, como se compreenderá que o desenho é incolor, quando não se acrescente a observação contrária.»⁷⁷

2.2.2 Biblioteca Nacional de Portugal

A «Coleção de Registos de Santos» da BNP é considerada como uma coleção representativa da mentalidade do seu doador, Monsenhor Elviro dos Santos permitindo a caracterização do espírito intelectual subjacente a esta coleção que se destaca das restantes coleções da Área de Iconografia da Biblioteca Nacional de Portugal não só pelo elevado número de registos que a constitui (cerca de 6.300) como, também, pela amplitude temporal que abarca – século XVI ao século XX – como pela qualidade artística que algumas estampas têm devido aos seus autores – Francisco Vieira Lusitano, Domingos António Sequeira e Francesco Bartolozzi, entre outros⁷⁸.

A «Coleção de Registos de Santos» foi doada à Biblioteca pelo seu proprietário em 1928 e é formada, na sua grande maioria, por gravuras de devoção de pequena dimensão embora inclua algumas maiores que Ernesto Soares denomina como estampas.

A coleção foi integrada na Área de Iconografia da Biblioteca Nacional de Portugal durante a direção de Manuel Estevens que solicitou a sua organização a Ernesto Soares. O estudioso que já tinha editado trabalhos sobre a gravura artística portuguesa que continuam a ser uma referência nesta área⁷⁹, aceitou o convite de

77- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp.19.

78- Informação disponibilizada no site da Biblioteca Nacional de Portugal. [Última leitura a 22-05-2011]. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt>>.

79- Consideramos como a sua obra mais emblemática, a seguinte: SOARES, Ernesto (1971), *História da Gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras*, Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971.

Manuel Estevens para organizar a coleção de registos de santos cujo primeiro contacto com a coleção é descrito da seguinte forma:

«(...) mas o núcleo principal para não dizer a sua quase totalidade, proveio de uma generosa oferta à Biblioteca Nacional por Monsenhor Elviro dos Santos. O seu erudito possuidor e generoso concesso propunha-se começar a separação em pequenos maços, debaixo de uma orientação, única a empregar para um aglomerado de estampas religiosas, de carácter exclusivamente católico, orientação que, com pequenas modificações, se determinou em manter.»⁸⁰

Como já mencionámos o núcleo principal desta coleção é formado pela doação do Monsenhor Elviro dos Santos que, em conjunto, com as ofertas, compras e entradas por depósito legal completam esta coleção. A maioria dos registos está acondicionada em treze álbuns de formato A2 e os restantes permanecem em envelopes de papel identificados. Quatro álbuns são relativos a santos cuja numeração segue a sequência do 01 ao 01950; três álbuns são dedicados a Nossa Senhora cujos registos têm a numeração de 02000 a 03532; outros três álbuns dizem respeito à figuração de Nosso Senhor Jesus Cristo e são numerados de 03550 a 04702; dois álbuns são referentes a santas com a numeração de 04703 a 05593; e, por fim, um último álbum considerado como suplemento cujo número vão de 05594 a 05919.

Os locais de culto também são identificados nesta coleção permitindo fazer uma leitura toponímica dos registos de santos.

A identificação dos artistas desenhadores e gravadores foi feita por Ernesto Soares na sua obra «Inventário a Coleção de Registos de Santos» publicada em 1955 pela Biblioteca Nacional de Portugal. Alguns destes artistas viveram sob a proteção de D. João V ou foram discípulos de gravadores estrangeiros contratados por este monarca. Outros usufruíram da evolução das técnicas de gravura como a técnica de pontilhado que Bartolozzi popularizou.

Como principais oficinas e editoras destacam-se as parisienses Bouasse – label, a Tipografia L. Turgis e Litografia Bulla; e as lisboetas José da Fonseca, J.A.F. Gradil, a

80- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. XIV.

Litografia Castro, a Litografia Lopes & Bastos, a de Francisco Manuel, a de Pedro Luís Peyssonneau, a de José Luís Pinheiro, a José António Ramalho e a António Joaquim Ribeiro.

Os registos de santos desta coleção apresentam várias técnicas de gravação das quais se destacam pela sua repetição a xilogravura⁸¹, a água-forte⁸² e o buril⁸³ como processos que utilizam a matriz em metal, a litogravura⁸⁴ e a gravura mecânica⁸⁵.

81- *Cf.* no final do corpus no **Glossário**.

82- *Cf.* no final do corpus no **Glossário**.

83- *Cf.* no final do corpus no **Glossário**.

84- *Cf.* no final do corpus no **Glossário**.

85- *Cf.* no final do corpus no **Glossário**, [ver métodos planográfios].

Capítulo 3.

A Coleção de Registos de D. Gabriel de Sousa

Quando estudamos uma coleção existem campos de pesquisa que, obrigatoriamente, devem ser tidos em conta. Sem o conhecimento da informação daí extraída muito dificilmente se consegue classificar uma coleção na sua vertente museológica, patrimonial e até económica.

Essas áreas abrangem a biografia do colecionador, quando este existe; o percurso da coleção (aglutinações, dispersões, doações, entre outras alterações à estrutura original); o método de organização da coleção que se traduz na perceção do eixo principal ao qual a coleção se subordina; e à arqueologia da coleção onde se faz a descrição material e numérica da coleção através de descrições ou de fichas de inventário.

Para descrevermos a amostra retirada do conjunto principal da coleção de registos de D. Gabriel de Sousa utilizámos a metodologia acima mencionada. Desta forma, nos subcapítulos seguintes, conheceremos os principais dados biográficos do colecionador, faremos notícia do percurso da coleção onde seguimos informações acerca de possíveis paradeiros de partes da coleção, conheceremos o método de organização da coleção feita por D. Gabriel de Sousa e, por fim, procederemos à arqueologia da coleção na qual se encontra a descrição física da coleção e para a qual foram elaboradas oitenta e uma fichas de inventário individualizadas e uma ficha geral para a coleção⁸⁶.

3.1 O colecionador e o percurso da coleção

D. Gabriel de Sousa (1912 - 1997) nasceu na Freguesia de Besteiros, concelho de Paredes. A 25 de Setembro de 1927, torna-se Frei Gabriel na Ordem Beneditina na Falperra em Braga e a 8 de Novembro de 1948 é eleito para o cargo de Dom Abade de Singeverga.

86- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nºs 1-82]**

Segue-se um período entre 1931 e 1966 em que é nomeado arquivista e cronista⁸⁷ da Ordem de São Bento e em 1967, D. Gabriel parte para Angola a convite do Arcebispo de Luanda onde, entre as obrigações religiosas, decide aprofundar o papel dos missionários da Ordem Beneditina em terras angolanas. Na sequência desta estadia, D. Gabriel de Sousa desenvolve uma obra literária sobre o papel dos missionários da sua Ordem, sobre temas acerca de espiritualidade e sobre a história monástica que se encontram publicados em revistas e livros. Esta vontade encontra-se, fortemente, associada ao interesse pela História que D. Gabriel de Sousa tinha.

Ao longo da sua vida participou em diversas conferências, realizou palestras tanto para o público em geral como para o meio universitário e editou variados estudos acerca da contribuição da Ordem Beneditina na história de Portugal. Na sua vasta obra encontram-se a redação da «Crónica de Singeverga», colaborações na revista da *Opus Dei*, na revista «Ora e Labora» e na revista «mensageiro de São Bento» cujos artigos da sua autoria assinava como «Monachus»⁸⁸ e «H.Q.», entre outras colaborações em edições periódicas e em monografias⁸⁹.

A sua obra literária é reconhecida pela Academia portuguesa da história da qual D. Gabriel de Sousa se torna membro na década de 80 do século passado.

Ao estudarmos os dados biográficos do colecionador, rapidamente constatamos que o gosto pela História é constante ao longo da sua vida. Talvez se encontre nesse gosto a razão pela qual D. Gabriel de Sousa iniciou a sua coleção de registos de santos. Como já aqui referimos, os oitenta e um registos aqui apresentados são uma amostragem da coleção de D. Gabriel de Sousa cujo número total desconhecemos. No entanto, registamos a primeira notícia acerca desta coleção em 1946. Num artigo que D. Gabriel de Sousa assina como «Monachus» para a revista «Menina e Moça» escreve:

87- «Cronista e Arquivista foram dois cargos para que sempre senti uma espécie de vocação. Creio ter trabalhado bastante para a organização do arquivo de Singeverga» in OLIVEIRA, Isabel Maria Mota de, coord., (2001), *In memoriam de G. Gabriel de Sousa, O.S.B.*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, pp. 38.

88- Interessa-nos a identificação desta assinatura para assinalarmos a utilização de registos da coleção de D.G.S. na publicação da revista «Menina e Moça» in SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1946), “Nossa Senhora de Portugal”, (Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Lisboa), *Menina e Moça*, nº 92, à qual tivemos acesso a uma cópia com a paginação truncada. Cf. no final do corpus no **Anexo 2**.

89- Cf. a sua bibliografia descrita exaustivamente no artigo de DIAS, Geraldo José Amadeu coelho (OSB), *Bibliografia de D. Gabriel de Sousa, OSB. in Idem, ibidem*, pp. 42-71.

«Numa coleção de registos que, com amor, temos andado a organizar, possuímos um do conhecido gravador portuense Santos, (...)»⁹⁰

A ilustrar este artigo estão impressos quatro imagens dos registos da coleção de D. Gabriel de Sousa. Destes quatro, fazemos referência ao da Nossa Senhora da Conceição que faz parte da amostra em estudo⁹¹. A acompanhar a cópia deste artigo também tivemos acesso à cópia de uma carta redigida por Maria Joana Leal, a 16 de dezembro de 1946, a agradecer o empréstimo dos registos de santos para a ilustração desse mesmo artigo⁹².

Os seis álbuns herdados por Eurico Malafaia constituem o maior conjunto da coleção e a amostragem para a exposição «Registos: A Coleção de D. Gabriel de Sousa (1912-1997)» foi retirada destes álbuns. No entanto, após pesquisa de alguns documentos pessoais de D. Gabriel de Sousa cedidos por Eurico Malafaia encontramos indícios e notícias de que a coleção foi dividida, pelo menos, em duas partes: os seis álbuns pertencentes a Eurico Malafaia e um conjunto de 108 registos entregue ao «Museu de Etnografia e História»⁹³ no Porto.

A notícia desta entrega surge em forma de correspondência e de recibo emitido pelo «Museu de Etnografia e História»⁹⁴ em que o diretor do museu agradece a doação de 108 registos que a coleção do Museu não dispunha e que diziam respeito ao distrito do Porto. Esta doação reflete a ideia subjacente da importância social e antropológica dos registos dos santos para a sociedade portuguesa.

Devido à desativação deste museu procurámos encontrar pistas acerca destes 108 registos uma vez que sabemos que as coleções pertencentes ao acervo deste museu foram distribuídas por outros museus, nomeadamente, o Museu Soares dos Reis⁹⁵ que terá recebido grande parte do acervo deste museu incluindo a coleção de gravura. As notícias que tivemos acerca das diligências que efetuámos, neste sentido, foram

90- SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1946), “Nossa Senhora de Portugal”...

91- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Ficha inv. nº66].

92- Cf. no final do corpus no **Anexo 2**.

93- Cf. MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA. [Última leitura a 6-11-2012]. Disponível em: <<http://www.amp.pt/gca/?id=253>>.

94- Cf. no final do corpus no **Anexo 2**.

95- Cf. MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS, [Última leitura a 6-11-2012]. Disponível em: <http://mnsr.imc-ip.pt/>.

negativas⁹⁶. Na correspondência eletrónica trocada, as duas instituições contactadas, Museu Nacional Soares dos Reis e o Arquivo Histórico Municipal do Porto, desconhecem ou negam, respetivamente, a integração de registos de santos pertencentes a D. Gabriel de Sousa nas suas coleções.

Também efetuámos uma pesquisa na «MatrizNet»⁹⁷ e as entradas de inventário encontradas em registos de santos referem, apenas, a incorporação de registos provenientes do «Museu de Etnografia e História» no «Museu dos Biscainhos»⁹⁸, como mencionado na mensagem de 10 de Julho de 2012⁹⁹.

3.2 Organização da coleção

Se não é nosso propósito debruçarmo-nos sobre a oportunidade e correção da forma como a coleção se encontra organizada, já o é observá-la como um conjunto que foi reunido ao longo de um período de tempo e que terá proporcionado fruição ao seu proprietário.

Apesar de colocarmos a hipótese de que na génese desta coleção estar um exercício de diletantismo relacionado com o gosto pessoal do colecionador pela História, reconhecemos o esforço que o seu proprietário colocou na sua organização e cuja interpretação nos poderá auxiliar a entender melhor o colecionismo português, na esfera do privado, na primeira metade do século XX.

De forma similar ao procedimento que Ernesto Soares utilizou para dividir a coleção da Biblioteca Nacional de Portugal (invocações várias e invocações gerais), D. Gabriel de Sousa dividiu a coleção em duas áreas distintas, organizando-as por temas, autorias e invocações: registos artísticos e registos populares. Os registos encontram-se fixos em folhas de cartolina preta e a intercalá-las em intervalos irregulares encontram-se folhas dactilografadas¹⁰⁰ pelo colecionador que identificam os autores, as invocações e as origens geográficas dos registos.

96- Cf. no final do corpus no **Anexo 2**.

97- «O MatrizNet é o catálogo coletivo on-line dos Museus tutelados pelo Ministério da Cultura, através do Instituto dos Museus e da Conservação, permitindo atualmente o acesso a informação selecionada sobre mais de 40.000 bens culturais móveis, que integram as coleções daqueles Museus.» in MatrizNet. [Última leitura a 15-10-2011]. Disponível em: <<http://www.matriznet.ipmuseus.pt/matriznet/Apresentacao.aspx>>

98- Cf. MUSEU DOS BISCAINHOS, [Última leitura a 6-11-2012]. Disponível em: <<http://www.museus.bragadigital.pt/Biscainhos/>>.

99- Cf. no final do corpus no **Anexo 2**.

100- Cf. no final do corpus no **Anexo 3**.

Através do estudo das informações inseridas nestas folhas foi possível confirmarmos algumas informações relativas ao conjunto dos oitenta e um registos em estudo.

A página de rosto da coleção acondicionada nos álbuns tem como título «Colecção de Registos Portugueses»¹⁰¹ cujo texto existente diz respeito a notas históricas acerca das litogravuras. Seguem-se duas folhas com dados biográficos dos artistas A.J. Silva, de João Macphail¹⁰², de Dias da Costa¹⁰³ e de J.S. Lima¹⁰⁴.

A segunda parte da coleção diz respeito às invocações locais que D. Gabriel de Sousa divide entre Lisboa e «outras terras»¹⁰⁵. Dentro de cada uma destas regiões é feita a correspondência entre o local de culto e a invocação correspondente.

Na amostragem que estudámos conseguimos identificar, em Lisboa, as seguintes invocações: Nossa Senhora da Piedade das Escadinhas do Carmo¹⁰⁶; Nossa Senhora da Luz da Igreja da Luz com anotação das moradas das casas de comércio¹⁰⁷; Santos Máxima, Veríssimo e Júlia da Igreja dos Mártires¹⁰⁸; Nossa Senhora da Penha de França da Igreja da Penha de França¹⁰⁹; Nossa Senhora da Saúde da Capela da Nossa Senhora da Saúde onde faz menção de «curiosa evolução»¹¹⁰ deste conjunto de registos. D. Gabriel de Sousa verifica que as casas de comércio mencionadas nos registos vão-se alterando (casa de Francisco Manuel ao Passeio¹¹¹ e Loja da Rua dos Retroseiros, nº 118¹¹²) e que a própria imagem do registo sofre alterações para se poder adaptar às necessidades do mercado em que a imagem da Nossa Senhora da Saúde é utilizada para se tornar em Nossa Senhora dos Prazeres¹¹³ ou para facilitar a impressão da imagem¹¹⁴.

101- Cf. no final do corpus no **Anexo 3**.

102- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 2]**

103- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 3]**

104- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 45]**

105- Cf. no final do corpus no **Anexo 3**.

106- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 4]**

107- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Fichas inv. nºs 5-nº 11]**

108- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 13]**

109- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 12]**

110- Cf. no final do corpus no **Anexo 3**.

111- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 15]**

112- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 17]**

113- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 16]**

114- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 18]**

No conjunto das «outras terras», identificámos a Nossa Senhora da Atalaia da Atalaia no Montijo provenientes de várias casas de comércio¹¹⁵; Nossa Senhora do Rosário da Vila do Barreiro¹¹⁶ cujo registo deu origem à Nossa Senhora de Vila Verde de Fronteira¹¹⁷ e a uma outra imagem com a cartela sem impressão¹¹⁸; e Nossa Senhora da Nazaré¹¹⁹ da Nazaré na qual o colecionador inclui o «Círio de Lisboa»¹²⁰.

A terceira parte das folhas datilografadas diz respeito ao tema «O Registo na Arte e no Folclore». É neste momento que o colecionador nos indica quais os critérios que seguiu na ordenação da coleção:

«No ordenamento desta nossa colecção, seguimos o seguinte critério:

I- REGISTOS ARTISTICOS, por autores, agrupados por ordem quanto possível cronológica. – quando um registo é manifesta cópia do artístico, adoptamos o sistema de o guardar a seguir.

II- REGISTOS POPULARES, repartidos pelos seguintes grupos:

A. Invocações locais:

1. Sul (com centro em Lisboa)
2. Norte (com centros: a) Porto
b) Braga

B. Invocações gerais:

1. Mistérios de Cristo
2. Mistérios e Invocações da Virgem
3. Santos (por ordem alfabética)

Desistimos do ordenamento por “editores” e “lojistas”, embora, sob certos aspectos, isso pudesse ter interesse. Mas também é fácil fazer a resenha dessas casas.»¹²¹

115- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nºs 20-23]**

116- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 24]**

117- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 25]**

118- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 26]**

119- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 29-31]**

120- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 28]**

121- Cf. no final do corpus no **Anexo 3, pp.95.**

Em seguida, D. Gabriel de Sousa apresenta explicações acerca de expressões utilizadas na gravura artística que permitem identificar os artistas, os gravadores e as casas de impressão; e referências bibliográficas das obras consultadas para a elaboração das fichas biográficas dos vários autores¹²² referindo os registos cuja autoria lhes atribui. Assim, menciona Debrie¹²³, Olivier Cor, Carpinetti, Zorrilla¹²⁴ no subcapítulo de «Estampas Espanholas» ao que se seguem os subcapítulos de «Estampas Suíças», e de «Estampas Francesas».

Só após estas duas primeiras partes é que surge o capítulo «Coleção de Registos Portugueses». Neste capítulo, D. Gabriel de Sousa explica a origem dos registos de santos, a evolução das técnicas de gravura e inclui, novamente, fichas biográficas dos artistas identificando os registos da sua autoria que se encontram na sua coleção. Interessa-nos, assim, mencionar Joaquim Carneiro da Silva¹²⁵, Manuel da Silva Godinho¹²⁶, Teotónio José de Carvalho¹²⁷ e A. Santos¹²⁸.

Nas «Invocações Gerais» identificámos alguns registos classificados como Mistérios de Cristo¹²⁹, Mistérios de Maria¹³⁰ e Santos¹³¹.

A última parte desta coleção é constituída pelos registos cuja autoria D. Gabriel de Sousa atribui aos artistas estrangeiros. Encontrámos algumas dificuldades em fazer corresponder os registos da nossa amostragem com as descrições sucintas e limitadas feitas pelo colecionador à exceção do grupo de artistas holandeses¹³² que conseguimos identificar pelo autor, pelo material de suporte e pelo formato da cercadura (cantos quebrados).

Nestes textos redigidos por D. Gabriel de Sousa, verificamos o esforço de inventariar, classificar os registos de santos que constituem a sua coleção e como já aqui referimos não nos interessa aqui a correção da forma em como a coleção foi constituída

122- D. Gabriel de Sousa consultou obras já aqui referenciadas. Destacamos a de Luís Chaves e a de Raczyński. [consultar Bibliografia].

123- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 35]**

124- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 33]**

125- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 36]**

126- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 37]**

127- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 40]**

128- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nºs 67-68]**

129- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 46, nº 48 e nº79]**

130- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 32, nº 41, nº 47, nº 49, nº 52, nº 53, nºs. 55-57]**

131- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nº 38, nº 58, nº 59, nº 62, nº 63 e nº69]**

132- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha inv. nºs 74-78]**

mas, sim, o seu contributo para o conhecimento do património nacional, institucional e privado.

3.3 Arqueologia da coleção

Para procedermos à inventariação da amostra da coleção formada pelos oitenta e um registos expostos na exposição «Registos: A coleção de D. Gabriel de Sousa (1912-1997)» desenhamos uma ficha de inventário que nos permitiu extrair informações acerca da coleção. Através da individualização de cada registo, pudemos sistematizar diversas informações sob o formato de tabelas que em seguida apresentamos.

3.3.1 Inventário

O acesso às coleções, para seu estudo e exposição, só deve ser realizado após uma exaustiva identificação de cada espécime ou de cada objeto que as constituem. Este conhecimento permite classificá-las e inventariá-las contribuindo, assim, para uma adequada classificação das obras e das coleções.

No entanto, esta identificação deverá obedecer a uma classificação normalizada cujos campos a preencher não só respeitem as particularidades de cada coleção mas que também obedeçam às normas internacionais. Neste sentido, procurámos desenhar uma ficha de inventário cujos campos se adequassem à especificidade dos registos de santos incluindo a letra¹³³ da gravura à qual se adicionam os campos em que se singulariza informação nela contida como a invocação e como a casa de comércio responsável pela venda do registo.

Uma vez que a abordagem pela qual optámos para descrever a coleção é uma abordagem museológica decidimos descrever os oitenta e um registos de amostragem da coleção de D. Gabriel de Sousa através da utilização do modelo de ficha de inventário disponibilizado pela Direção Geral do Património Cultural, anterior Instituto de Museus e Conservação, através das suas publicações «Normas de Inventário para Artes Plásticas

133- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

e Decorativas»¹³⁴ aplicadas ao espólio documental e que têm como matriz a base de dados «MatrizNet».

Assim, atribuímos uma ficha geral de coleção¹³⁵ que contém as informações que atribuem a denominação, a “super – categoria” e “categoria”, os suportes e técnicas utilizadas, a origem da coleção e as exposições que a coleção integrou. E para cada registo atribuímos uma ficha de inventário individual¹³⁶ em que foram contemplados os seguintes campos: invocação, inscrição, subscrição, autoria, gravador e impressor, casa de comércio com base no que Luís Chaves considera como um «registo completo»¹³⁷, suporte, técnica de impressão, dimensões em centímetros, estado de conservação, imagem¹³⁸ e correspondência de cada registo desta coleção com os registos da coleção da Biblioteca Nacional de Portugal inventariados por Ernesto de Sousa¹³⁹, sempre que esta existia.

Na ficha de coleção, no campo da denominação inscrevemos a função e a identificação sumária dos registos que constituem esta coleção. Como proprietário foi inscrito atual proprietário, Eurico Malafaia e considerámos como “super – categoria” e “categoria”, «Artes Plásticas/ Artes Decorativas» e «Gravura», respetivamente. O título da coleção é aquele porque é, atualmente, conhecida «Coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa». As informações referentes à época, à descrição, ao suporte, à técnica e ao estado de conservação por serem generalistas e já conhecidas não merecem aqui o seu destaque. E, por último, é referida a origem da coleção que foi reunida por D. Gabriel de Sousa e as exposições em que a coleção já participou.

Quanto às fichas de inventário individualizadas destacamos a importância da correspondência entre os registos da coleção da Biblioteca Nacional de Portugal com os

134- INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO (2009), *Normas de Inventário...*

135- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Ficha inv. nº1]

136- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Fichas inv. nºs 2 a nº 82]

137- O registo completo contém: a imagem; o simbolismo e a história ou lenda (as circunstâncias locais do culto, as referências história da fundação do templo e do culto, alusão ao martírio ou suplícios, alusão à profissão do santo, episódios ou alusões de patrocínio); simbolismo hagiográfico; legendas superiores ou laterais (nomes, jaculatórias, versículos bíblicos, fórmulas litúrgicas, vocações de litanias, menção de virtudes, etc.); legendas inferiores (denominação do santo, local do culto, entidade cultural, jaculatórias e orações, indulgências concedidas, recomendações de utilidade, autor ou autores da estampa, data e lugar, casas e venda, oficina, fábrica ou estamperia, comunidade, irmandade, devoto ou mesário que mandou fazer o registo); e uma moldura que envolve todo o conjunto ou apenas a imagem. São raros os exemplares que contêm todas as partes deste esquema. In CHAVES, Luís (1946), *Registos de Santos...* pp. 8-9.

138 - As fotografias foram tiradas em campo e em condições de luminosidade e de exposição muito medíocres. Existe o projeto de digitalização da coleção onde se obterão melhores resultados fotográficos.

139 - Cf. SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. 1-447.

registos da coleção em estudo, que atesta a preocupação do colecionador em adquirir registos de santos referenciados por investigadores especializados, existentes em coleções de elevado valor patrimonial e cuja descrição feita por Ernesto de Sousa corresponde, totalmente, com o registo da coleção de D. Gabriel de Sousa. Através do confronto com as descrições, realizadas por Ernesto Soares, no seu inventário das invocações, inscrições e subscrições foi possível identificar a proveniência e os autores de muitos registos de santos desta coleção. Também diferentes técnicas de gravação foram identificadas - técnica do buril, técnica da água-forte, xilogravura e fotogravura – representativas da diversidade reunida por D. Gabriel de Sousa na sua coleção.

A realização das fichas de inventário também nos permitiu a sistematização da informação contida na coleção que, em seguida, apresentamos, de forma mais detalhada, sob o formato de tabelas no próximo capítulo que nos permitem realizar o tratamento estatístico da coleção.

3.3.1.1 Números

3.3.1.1.1 Invocações

A denominação da invocação nos registos de santos coincide com a sua inscrição. Este campo da letra, geralmente, é composto pela invocação e pela indulgência a que o devoto tinha direito pela aquisição do registo de santo.

Na amostra, em estudo, da coleção de D. Gabriel de Sousa, o maior número de invocações corresponde ao culto mariano constituído por 49 registos, o que corresponde a cerca de 60% desta coleção. A este facto não deverá ser estranho o período de vida que D. Gabriel de Sousa foi missionário em África cuja importância ao culto de Nossa Senhora para os missionários é referida por José Eduardo Franco:

«Os missionários, cheios desta espiritualidade mariana, levaram-na consigo [para as ex-colónias], sendo uma marca da presença portuguesa, e realizaram a divulgação do culto a Nossa Senhora (...) que isso já acontecia mesmo antes das aparições de Fátima (1917), que só vieram reforçar esta devoção.»¹⁴⁰

140- CUNHA, Pedro (2010), “Culto mariano é forte em quase todo o mundo lusófono”. In *Público*, 3 de Maio. [Última leitura a 15-10-2012]. Disponível em: <<http://www.publico.pt/Sociedade/culto-mariano-e-forte-em-quase-todo-o-mundo-lusofono-1435168>>

Tabela 1- Invocações por ordem alfabética

Invocações	Ficha Inventário ¹⁴¹	Totais
A		
Ana, Santa	nº 76	1
Anjo da Guarda	nº 58	1
António, Santo	nº 59; nº 60; nº 61	3
Apolónia, Santa	nº 78	1
B		
Bárbara, Santa	nº 38; nº 61	2
Brás, São	nº 69; nº 70	2
E		
Ecce Homo	nº 79	1
F		
Flagelação de Nosso Senhor	nº 67	1
G		
Gregório, São	nº 74	1
J		
Santa Joana, a princesa	nº 36	1
José, Frei	nº 33	1
José São	nº 62; nº 72	2
M		
Marçal, São	nº 71	1
Margarida de Cortona, Santa	nº 37	1
Máxima, Veríssimo e Júlia, Santos	nº 13	1
N		
Nossa Senhora	nº 2; nº 26	2
Nossa Senhora da Atalaia	nº 20; nº 21; nº22; nº 23	4
Nossa Senhora do Cabo	nº 27	1
Nossa Senhora do Carmo	nº 56, nº 82	2
Nossa Senhora da Conceição	nº 40; nº 49; nº50; nº 51; nº 52; nº 66	6
Nossa Senhora das [Sete] Dores	nº 32; nº 41; nº53; nº 54	4
Nossa Senhora da Graça	nº 57	1
Nossa Senhora da Lapa	nº 45	1
Nossa Senhora do Livramento	nº 11	1
Nossa Senhora da Luz	nº 5; nº 6; nº7; nº 8; nº 9; nº10	6
Nossa Senhora Madre de Deus	nº 42; nº 43	2
Nossa Senhora Mãe de Deus	nº 34	1
Nossa Senhora da Nazaré	nº 28; nº 29; nº 30; nº 31	4
Nossa Senhora da Oliveira	nº 44	1

141 - Cf. no final do corpus no **Apêndice**.

Nossa Senhora da Piedade	nº 55	1
Nossa Senhora da Piedade das Escadinhas do Carmo	nº 4	1
Nossa Senhora da Penha de França	nº 12	1
Nossa Senhora dos Prazeres	nº 16; nº 18	2
Nossa Senhora da Purificação	nº 14	1
Nossa Senhora do Rosário	nº 24; nº 75	2
Nossa Senhora da Saúde	nº 15; nº 17; nº 18	3
Nossa Senhora do Socorro	nº 19	1
Nossa Senhora de Vila Verde da Fronteira	nº 25	1
P		
Pedro, São	nº 73	1
R		
Regresso do Egipto	nº 47	1
Roque, São	nº 80	1
S		
Sagrada Família	nº 81	1
Sagrada Família, Santa Ana e São João Baptista	nº 77	1
Sagrado Coração de Jesus	nº 48	1
Sebastião, São	nº 35; nº 63; nº 65	3
Senhor/Bom Jesus da Paciência	nº 39; nº 68	2
Senhor Jesus Morto	nº 46	1
T		
Teresa de Jesus, Santa	nº 3	1

3.3.1.1.2 Artistas

Nesta coleção de registos verificamos que a maioria dos registos é de produção nacional (27%) e que 13% da coleção é constituída por registos cuja autoria se deve a artistas estrangeiros. Como fonte de informação consideramos o campo da subscrição e identificámos os autores socorrendo-nos das expressões convencionalmente utilizadas com esse objetivo. Expressões ou abreviaturas como *invenit*¹⁴² ou *delineavit*¹⁴³ indicam-nos quem desenhou a imagem estampada; *pinxit*¹⁴⁴ quem foi o autor da pintura que deu origem à imagem gravada; *sculpsit*¹⁴⁵, *incidit*¹⁴⁶ o seu gravador; *formis*¹⁴⁷, *imp*¹⁴⁸, *lit.*¹⁴⁹, a informação do impressor ou da casa tipográfica; e se *vend chez*¹⁵⁰ ou *vende-se*¹⁵¹, são expressões utilizadas para enunciar a casa do comércio.

Assim, com base nessas expressões foram identificados os seguintes autores nacionais: A. Santos, Dias da Costa, Francisco Zorrillo, Gaspar Frois Machado, João Macphail, J. S. Lima, Joaquim Carneiro da Silva, Manuel Freire, Manuel da Silva Godinho, Pedro Luís Peyssonneau e Teotónio José de Carvalho.

Deste conjunto, destacamos Joaquim Carneiro da Silva cuja importância para a história portuguesa da gravura é referida por diversos autores¹⁵² e porque foi mestre de artistas como Manuel Silva Godinho que Cirilo apresenta como «gravador de estampinhas devotas»¹⁵³ nas quais se inclui uma «Nossa Senhora do Socorro»¹⁵⁴, Gaspar Frois Machado que foram seus alunos na «Aula de Gravura de Joaquim

142- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

143- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

144- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

145- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

146- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

147- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

148- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

149- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

150- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

151- Cf. no final do corpus no **Glossário, [ver letra]**

152- *Coleção de Memórias* de Cirilo Volkmar Machado; *Dictionnaire historico-artistique du Portugal pour faire suite à laouvrage ayant pour titre : Les arts en Portugal, lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents / par Le Comte A. Raczyński* de Atanazy Raczyński; *Subsídios para a história da gravura em Portugal* de Luís Chaves; *História da Gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras* de Ernesto Soares; e *A imagem impressa: produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime* de Miguel Faria.

153- SOARES, Ernesto (1971), *História da Gravura artística...*pp. 24.

154- Cf. no final do corpus no **Apêndice, [Ficha Inventário nº19]**. Ilustração da capa deste trabalho.

Carneiro da Silva»¹⁵⁵ cuja coleção de registos de D. Gabriel de Sousa também contém exemplares.

O autor Miguel Faria destaca Joaquim Carneiro da Silva (1727- 1818), na sua tese de doutoramento, dedicando-lhe um capítulo autónomo por considerá-lo como «uma das personalidades mais influentes do universo artístico nacional do período»¹⁵⁶. De facto, Joaquim Carneiro da Silva foi nomeado para ocupar o lugar de primeiro mestre na já mencionada «Aula de Gravura» cujo estabelecimento, organização e regulamentação se encontram descritos no Alvará de 24 de Dezembro de 1768 cujo artigo nº 11 justifica a necessidade da criação desta aula:

«Sendo presentemente necessário que no corpo de uma Impressão Régia não falte qualquer circunstância que a faça defeituosa: e sendo um dos ornatos da Impressão, as estampas, ou para demonstração ou para outros muito utilíssimos fins, terá a mesma Impressão um Abridor de estampas, conhecidamente perito [Joaquim Carneiro da Silva], o qual terá a obrigação de abrir todas as que forem necessárias para a Impressão, e se lhes pagarão pelo seu justo valor.»¹⁵⁷

O gravador A. Santos considerado por Ernesto de Sousa como «talvez o mais produtivo de todos os gravadores portuenses»¹⁵⁸ está representado nesta coleção com sete registos por nós identificados.

Apesar do número de gravadores nacionais identificados ser reduzido, reconhecemos a importância dos seus nomes na evolução da arte da gravura em Portugal o que eleva o valor patrimonial da coleção em estudo e revela conhecimento e pesquisa por parte do seu colecionador.

Da mesma forma, os nomes dos artistas estrangeiros identificados na coleção de registos também se classificam nesta categoria. Nomes como Debrie, Klauber, Wagner, Merlen, Galle e Le Bouteaux fazem parte dos nomes mais referidos na historiografia da gravura artística em Portugal e incluem-se nesta coleção alguns dos seus exemplares. Os

155- Cf. «Quadro nº1- Alunos da Aula de Gravura de Joaquim Carneiro da Silva» in FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 163.

156- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 10.

157- SOARES, Ernesto (1971), *História da Gravura artística...* pp. 22.

158- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. XXXV.

seus trabalhos como «abridores de estampas»¹⁵⁹ foram produzidos, sobretudo, durante o reinado de D. João V e para a Academia Real da História Portuguesa tendo influenciado, fortemente, os artistas nacionais tanto em estilo como em técnica.

Na coleção de registos de D. Gabriel de Sousa verificamos que a identificação do grupo dos artistas nacionais e estrangeiros está diretamente relacionado com o elevado número de estampas em metal.

159- CHAVES, Luís (1927), *Subsídios para a história...* pp.29.

Tabela 2- Artistas e gravadores nacionais e estrangeiros

Artistas Nacionais	Ficha Inventário¹⁶⁰	Totais
A. Santos	nº 67; nº 68; nº 69; nº 70; nº 71; nº 72; nº 73	7
Dias da Costa	nº 3	1
Francisco Zorrillo	nº 33	1
Gaspar Frois Machado	nº 53	1
João Macphail	nº 2	1
Joaquim Carneiro da Silva	nº 36	1
J. S. Lima	nº 45	1
Manuel Freire	nº 4	1
Manuel da Silva Godinho	nº 13; nº 37; nº 38; nº 39; nº 61	5
Pedro Luís Peysoneau	nº 25; nº 26	2
Teotónio José de Carvalho	nº 19; nº 40	2
Artistas Estrangeiros	Ficha Inventário	Totais
Catharina Klauber	nº 80	1
Cornelius Galle	nº 74	1
Cornelius van Merlen	nº 76; nº 77; nº 78	3
Debrie	nº 35; nº 50	2
Jean Baptiste Michel le Bouteaux	nº 42	1
Martin Engelbrecht	nº 81	1
Theodor van Merlen	nº 75	1
Wagner	nº 82	1

160- Cf. no final do corpus no **Apêndice**.

3.3.1.1.3 Casas de Comércio e Tipografias

Durante os séculos XVII e XVIII, o comércio dos registos de santos seguia dois percursos distintos: o institucional – casas de comercialização de gravuras, irmandades e confrarias; e o informal – feito nos locais das romarias por vendilhões e por «cegos e pobres»¹⁶¹.

Neste período também se assiste a um distanciamento gradual entre o impressor, o editor e o vendedor cuja rutura só é, definitivamente, assumida no século XIX¹⁶² que é considerado um período marcante na história da gravura artística. Como Miguel Faria refere, até ao século XIX os anúncios de vendas de estampas, enquanto atividade principal, são raros e exclusivos dos editores, também, fabricantes¹⁶³.

Com as inovações tecnológicas e com a adoção de métodos totalmente mecanizados para a produção de produtos e bens de consumo, a indústria livreira também se adapta a essas modificações através da utilização de métodos de impressão mecânicos.

Na coleção de D. Gabriel de Sousa, após o levantamento realizado inscrito na tabela abaixo, verifica-se que a maior parte dos registos eram comercializados em Lisboa e que as casas comerciais referidas também são referenciadas pelos investigadores – Luís Chaves, Ernesto Soares e Miguel Faria – nas suas obras. De facto, Luis Chaves¹⁶⁴ faz referência aos «fabricantes-editores»¹⁶⁵ com estabelecimentos na Rua Nova do Almada¹⁶⁶, à loja de Francisco Manuel na Rua do Passeio ou Passeio¹⁶⁷ ou à loja de José Luís Pinheiro¹⁶⁸. Igualmente, Miguel Faria¹⁶⁹ também refere estes dois últimos nomes como exemplos do «restrito grupo de fabricantes-editores»¹⁷⁰ com casa ou loja sedeadas em Lisboa.

Nesta coleção também é possível verificarmos que a maioria das aquisições, quando é possível identificá-las, é proveniente das casas de Francisco Manuel ou

161- CHAVES, Luís (1927), *Subsídios para a história...* pp.133.

162- Cf. STEINBERG, S.H. (1996), *Five hundred years of printing*, rev. John Trevitt, 4ª ed., London, British Library & Oak Noll Press, pp. 107-119.

163- Cf. FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 358-359.

164- Cf. CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...*pp. 161-163

165- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 359.

166- CHAVES, Luís (1927), *Subsídios para a história...* pp.161.

167- *Idem, ibidem*, pp. 163.

168 - *Idem, ibidem*, pp. 162.

169- Cf. FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 355- 359.

170- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 355.

Manoel (8 registos) e de António Ribeiro (4 registos). Os mesmos «editores-fabricantes» são referidos na obra de Luís Chaves¹⁷¹, na de Ernesto Soares¹⁷² e na de Miguel Faria¹⁷³ que fizeram um levantamento das casas de comércio em Lisboa.

No entanto, a indicação na subscrição dos locais de venda na subscrição não significa que D. Gabriel de Sousa os tenha adquirido nos locais identificados, uma vez que não há qualquer notícia dos locais de compra frequentados pelo colecionador.

171- Cf. CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo...* pp. 161-163.

172- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário da Coleção...* pp. XXXVI.

173- Cf. Quadro «Comércio de Estampas em Lisboa (1765-1825): Fabricantes-editores» in FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 357.

Tabela 3- Casas comerciais

Casas Comerciais	Ficha Inventário ¹⁷⁴	Totais
Casa de Francisco Manuel, Rua do Passeio	nº 14; nº 15; nº 36; nº 37; nº 38; nº 46; nº 59; nº 61	8
Casa de José Garcia, Rua da Glória, nº 3	nº 47	1
Casa de Manuel, ao Jardim do Tabaco, nº 12	nº 13	1
Fábrica de António Ribeiro, Rua da Padaria, nº17	nº 5; nº 23; nº 27; nº 52	4
Loja de José Luís Pinheiro, Robim ao Chiado	nº 50; nº 56	2
Loja de Francisco Luís Pinheiro, Mártires, nº 3	nº 49	1
Macphail J., Rua N dos M ^{tes} , nº 14, Lisboa	nº 2	1
Praça de D. Pedro, nº 91	nº 57	1
Rua dos Douradores, nº 6	nº 3	1
Rua Nova do Almada, nº 34	nº 21	1
Rua Nova do Almada, nº 45	nº 25; nº 26; nº 58	3
Rua Nova do Almada, nº 69	nº 51	1
Rua Nova do Almada, nº 77	nº 20	1
Rua do Passeio	nº 53	1
Rua Oriental do Passeio Público, Loja nº 2	nº 46	1
Rua dos Retroseiros, nº 118	nº 7; nº 16; nº 17	3
Travessa de S. Domingos, nº60	nº 8; nº 9; nº 11	3

174- Cf. no final do corpus no **Apêndice**.

3.3.1.1.4 Técnicas de gravura

A denominada «gravura popular ou rústica»¹⁷⁵ está intimamente ligada ao processo de gravação em madeira, como já aqui referimos. Foi a principal técnica de gravação utilizada ao longo dos séculos XV e XVI para a impressão de imagens com características grosseiras e de temática com nítida inspiração popular. Nos dois séculos seguintes esta perceção mantém-se relacionando-se a xilogravura com as camadas sociais menos educadas.

No entanto, no século XVII destacam-se os nomes dos gravadores Agostinho Soares Floriano e de João Baptista. As imagens continuam a limitar-se a representações religiosas, à ilustração de páginas de rosto de livros, à reprodução de brasões de armas e, muito poucos, retratos à semelhança do século anterior.

É no reinado de D. João V que esta situação se altera. O monarca promove o desenvolvimento das Belas Artes quer protegendo os artistas nacionais quer contratando artistas estrangeiros. Deste grupo, destaca-se o gravador Debrie que utilizou as técnicas do buril e da água-forte e do grupo dos artistas nacionais referimos Vieira Lusitano e os seus discípulos que exploraram a gravura água-forte para a reprodução das imagens pretendidas.

Durante o século XIX, a presença de Francesco Bartolozzi veio alterar, novamente, o panorama da produção nacional de gravura artística. Este artista que recorreu, inicialmente, ao ponteadado para a elaboração das imagens a imprimir também teve associado um grupo de discípulos que adotaram esta técnica.

Com a revolução industrial e com as inovações tecnológicas conseguidas durante o século XIX, a litografia e outros métodos planográficos de impressão vêm substituir os processos morosos e manuais de impressão obtendo-se gravuras em grande número e muito mais acessíveis para o público em geral. O processo de gravação por xilogravura decaiu e quando é utilizado é associado à literatura dos romances de cordel ou por editores menos abastados que não podiam recorrer à gravura em metal.

Na coleção de D. Gabriel de Sousa, o corpo principal dos registos de santos é identificado como sendo água-forte e água-forte com buril. Conseguimos identificar 35 registos como sendo técnica mista de água-forte e buril, correspondendo a cerca de 43% da coleção; 24 registos como água-forte, próximo de 30%; 12 registos como buril que

175- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa...* pp. 466.

correspondem a 15%; e 9 registos que identificamos, com algumas reservas, como imagens obtidas pelo processo de fotogravura que correspondem a 11% da coleção. Não mencionamos os registos identificados como xilogravuras¹⁷⁶ e litografias por não terem expressão numérica nesta coleção. As questões colocadas com a correta identificação do processo de gravura utilizado para a estampagem ou gravação do registo encontram-se, devidamente, ressalvadas com a colocação de “(?)”. A correta identificação das técnicas para impressão utilizadas requer profundos conhecimentos das técnicas de impressão e muitos anos de análise e observação. Desta forma, optámos por salvaguardar esta situação de dúvida que surge, predominantemente, entre a técnica de água-forte e a técnica mista de água-forte com buril e entre a litografia e a fotogravura devido às características dos traços que constituem as imagens serem muito similares entre si¹⁷⁷.

176- As xilogravuras existentes na coleção, corroboram a tendência a que assistimos ao longo do século XIX para o ressurgimento da impressão por xilogravura que pretendia dar um ar mais rústico e popular às gravuras nas quais se incluem os registos de santos.

177- A identificação das técnicas utilizadas nos registos foi feita em conjunto com Cristina Dias, com Joana Campelo, com Paula Ferreira e com Miguel Faria.

Tabela 4- Técnicas de gravura identificadas na coleção

Técnica	Ficha Inventário ¹⁷⁸	Totais
Água-forte	nº 7(?); nº 8(?); nº 9(?); nº 13; nº 21; nº 24; nº 25; nº 26; nº 29; nº 30(?); nº 34; nº 37; nº 38; nº 40(?); nº 42; nº 48(?); nº 50(?); nº 54; nº 56(?); nº 59; nº 60; nº 62; nº 69; nº 72	24
Butil	nº 4; nº 33; nº 36; nº 39; nº 44; nº 46; nº 74; nº 75; nº 76; nº 77; nº 78(?); nº 79	12
Butil e água-forte	nº 5; nº 6; nº 14; nº 15; nº 16; nº 17; nº 18; nº 19; nº 22(?); nº 23(?); nº 27; nº 32; nº 35; nº 41; nº 43; nº 47; nº 49 (?); nº 51; nº 52; nº 53; nº 55; nº 57; nº 58; nº 61(?); nº 63; nº 64; nº 65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 70; nº 73; nº 80(?); nº 81; nº 82	35
Fotogravura	nº 7(?); nº 8(?); nº 9(?); nº 10(?); nº 11(?); nº 12(?); nº 30(?); nº 31(?); nº 71	9
Litografia	nº 2; nº 3; nº 71(?)	3
Xilogravura	nº 28; nº 31(?); nº 45	3

178- Cf. no final do corpus no **Apêndice**.

3.3.1.1.5 Estado de conservação

O levantamento do estado de conservação de uma coleção indica-nos o seu grau de acessibilidade e de conservação. Também nos permite efetuar uma comparação entre o estado atual e o seu estado de conservação no futuro se a coleção não for sujeita a agentes externos de degradação e se os seus processos internos de deterioração forem estabilizados.

O património documental é constituído por documentos gráficos¹⁷⁹ de variados formatos e compostos por diversos materiais, sobretudo, orgânicos. O material que nos interessa observar é o papel e todas as interações que este material estabelece com as condições do meio ambiente envolvente e, também, o seu comportamento face aos materiais que o compõem.

Na coleção de registos de D. Gabriel de Sousa encontramos registos em papel à base de pasta de trapo¹⁸⁰ e em papel constituído por pasta de madeira¹⁸¹. O comportamento destes dois componentes é distinto. Um documento gráfico com um suporte à base da pasta de trapo é mais estável química e fisicamente que um papel à base de pasta de madeira. No entanto, o primeiro é mais suscetível à ação das pragas que o segundo e este é menos resistente ao processo de degradação da celulose¹⁸² que se evidencia pelo amarelecimento ou escurecimento do papel.

Os quatro registos¹⁸³ em pergaminho encontram-se em bom estado de conservação¹⁸⁴.

Para determinarmos o estado de conservação de cada registo tivemos em conta a resistência do suporte, as lacunas observáveis, a resistência da ligação entre o suporte e a tinta de impressão, as manchas existentes e a degradação química do próprio suporte. Com base nessas ocorrências definimos os parâmetros que permitiam classificar o registo como estando em bom estado de conservação, em razoável estado de conservação¹⁸⁵ e em mau estado de conservação¹⁸⁶.

179- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

180- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

181- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

182- Cf. no final do corpus no **Glossário**.

183- Cf. no final do corpus no **Apêndice**, [Fichas inv. nºs 75-77 e nº 79]

184- Suporte com boa resistência mecânica, ligeiramente descolorido ou escurecido e mancha gráfica sem falhas.

185- Papel que evidencia alguma fragilização do suporte, ligeiramente descolorido ou escurecido, mancha gráfica sem falhas mas com algumas lacunas de pequena dimensão quer provocadas pelo seu manuseamento e acondicionamento incorretos quer pela ação de insetos.

Na coleção de D. Gabriel de Sousa observamos que a maioria dos registos se encontra em bom estado de conservação (aproximadamente 60%) e só 26% se inserem na categoria de mau estado de conservação. Os restantes 14% foram classificados como estando em razoável estado de conservação.

Estes números indicam-nos a preocupação do colecionador não só em adquirir registos em bom estado de conservação como o seu posterior cuidado com o seu acondicionamento que terá permitido um manuseamento seguro das espécies documentais.

186- Papel com o suporte muito frágil, descolorido ou amarelecido ou desvanecido, mancha gráfica de leitura difícil e presença de diversas lacunas de diversas dimensões quer provocadas pelo seu manuseamento e acondicionamento incorretos quer pela ação de insetos.

Tabela 5- Estado de conservação da coleção

Artistas Nacionais	Ficha Inventário ¹⁸⁷	Totais
Bom Estado de Conservação	nº 2; nº 6; nº 7; nº 10; nº 11; nº 13; nº 17; nº 18; nº 19; nº 21; nº 22; nº 23; nº 24; nº 25; nº 26; nº 28; nº 30; nº 31; nº 32; nº 34; nº 35; nº 36; nº 37; nº 40; nº 41; nº 42; nº 44; nº 45; nº 48; nº 53; nº 58; nº 60; nº 61; nº 62; nº 65; nº 66; nº 69; nº 70; nº 72; nº 73; nº 75; nº 76; nº 77; nº 78; nº 79; nº 80; nº 81; nº 82	48
Mau Estado de Conservação	nº 3; nº 4; nº 8; nº 9; nº 12; nº 14; nº 15; nº 20; nº 27; nº 29; nº 33; nº 39; nº 47; nº 50; nº 51; nº 54; nº 56; nº 63; nº 64; nº 67; nº 71	21
Razoável Estado de Conservação	nº 5; nº 16; nº 38; nº 43; nº 46; nº 49; nº 52; nº 55; nº 57; nº 59; nº 68; nº 74	12

187- Cf. no final do corpus no **Apêndice**.

Síntese Final

O estudo da coleção de registos de santos de D. Gabriel de Sousa, feito no âmbito da tese de dissertação de Mestrado em «Estudos do Património», foi uma consequência dos trabalhos de investigação feitos para duas unidades curriculares do semestre anterior.

Enquanto estudávamos o patrimonialista Monsenhor Elviro dos Santos e a sua coleção de registos de santos doada à Biblioteca Nacional de Portugal, o nosso orientador, Prof. Doutor Pedro Flor, convidou-nos para integrar um grupo de trabalho que exploraria as várias vertentes patrimoniais associadas aos registos de santos gravados e em azulejo que tinham como base a coleção de registos gravados de D. Gabriel de Sousa. Os objetivos deste grupo seriam atingidos com a realização de uma exposição e de um ciclo de conferências de título «Registos: a coleção de D. Gabriel de Sousa (1912-1997)». Desta forma, o tema para a dissertação e a sua limitação ao estudo da coleção surgiu como consequência natural do trabalho que estava ser realizado.

Ao longo de várias sessões de trabalho foram discutidos os critérios de seleção para a amostragem desta coleção que ficaria exposta na Sociedade Histórica da Independência de Portugal; e realizou-se a identificação das técnicas de gravação, efetuaram-se os levantamentos das informações contidas nas inscrições e subscrições que permitiram identificar as invocações e os artistas ou casas comerciais, respetivamente.

Ao coligirmos as informações para as tabelas a figurarem na exposição procedemos à sistematização que aqui apresentamos em quadros que nos fornece um panorama geral da coleção e que nos permite classificá-la como uma coleção especializada e vertical, com alguma dinâmica e cujo perfil do seu colecionador pode ser considerado como sendo erudito e conservador distanciando-se, assim, da atitude de um curioso ou de um diletante.

De facto, esta era a grande dúvida inicial subjacente a esta coleção. Estaria na génese desta coleção a curiosidade ou estaríamos perante um exercício de colecionismo?

Esta questão foi-se resolvendo à medida que as etapas estabelecidas, previamente, na metodologia de investigação foram ultrapassadas.

A coleção de registos segue modelos de organização semelhantes às grandes coleções de registos existentes nos acervos do Museu Nacional de Arqueologia e na Biblioteca Nacional de Portugal e o colecionador, através de textos datilografados e de anotações, demonstra um esforço na pesquisa e no conhecimento dos conteúdos da sua coleção.

Neste trabalho não nos debruçamos na oportunidade da qualidade e da forma organizacional desta coleção. A nossa preocupação residiu em responder adequadamente à atitude do colecionador e realizar fichas de inventário relativas à amostra dos oitenta e um registos retirados do corpo central da coleção formado por seis pastas de duas argolas que acondicionavam os registos fixos em folhas de cartolina preta. A ficha de inventário desenhada teve como matriz as fichas de inventário para espólio documental disponibilizadas pela Direção Geral do Património Cultural. Nas fichas inserimos campos que se coadunam com a tipologia dos registos de santos gravados como, por exemplo, invocação, inscrição e subscrição.

Ao fazermos a compilação dos dados e a sua sistematização pudemos caracterizar as oitenta e uma gravuras ou estampas relativamente à sua iconografia, às suas dimensões, ao tipo de suporte, à técnica de impressão utilizada e ao seu estado de conservação. Também nos foi possível fazer corresponder os registos da coleção de D. Gabriel de Sousa com os registos da Biblioteca Nacional de Portugal inventariados por Ernesto Soares. Esta relação entre as duas coleções permitiu verificar e sustentar a nossa conclusão de que D. Gabriel de Sousa aplicou conhecimentos e procedeu à investigação no campo dos registos de santos gravados na reunião da sua coleção definindo-se, assim, como um colecionador e não como um curioso.

Esta coleção também reflete a historiografia da gravura artística em Portugal. Alguns dos exemplares são provas de matriz erudita mas, na sua maioria, podem ser classificadas como gravuras de cariz popular. Esta característica permitia que a sua compra fosse acessível social e economicamente; fossem rentáveis e de fácil reprodução, por vezes, recorrendo à contrafação cujos exemplos se encontram na mesma imagem invertida simetricamente ou na possibilidade de adicionar no campo da inscrição uma invocação cuja imagem nem sempre corresponde iconograficamente à invocação.

Nas folhas datilografadas encontramos referências a estas situações já referidas por Luís Chaves e Ernesto Soares. Autores da atualidade, já aqui referidos, como Joana Campelo, Maria José Goulão e Miguel Faria também apresentam a problemática da

padronização das composições cujo hibridismo nos atributos dos santos é promovida pelas impressões em série, adaptáveis à invocação pretendida e à possível contrafação das imagens a imprimir.

No entanto, ressaltamos que neste trabalho não houve o propósito de fazer uma história acerca da gravura artística portuguesa e da evolução das suas técnicas; nem acerca da iconografia cristã. As referências que surgem a estes dois temas encontram-se enquadradas com as informações obtidas pela inventariação da coleção. Também não pretendemos considerar que o estudo da coleção de registos de D. Gabriel de Sousa se encontra completo.

Como referimos, existe a necessidade de criar uma equipa pluridisciplinar que possa efetuar a análise das técnicas de gravação ou estampagem corrigindo ou reforçando a classificação já realizada, bem como, realizar a análise acerca do suporte para uma datação mais correta dos registos. O cruzamento de informações recolhidas em outras coleções de registos gravados permitirá não só uma inventariação mais detalhada como contribuir para o aprofundamento do conhecimento acerca da gravura artística nacional.

No futuro próximo, os registos que compõem a coleção de registos de D. Gabriel de Sousa serão mantidos no seu acondicionamento original mas as cartolinas pretas serão substituídas por materiais estáveis quimicamente que não contribuirão para a sua degradação. A hipótese de digitalização da coleção também está ser estudada, pelo seu atual proprietário, para que o acesso à coleção possa ser feito à distância e virtualmente. O estudo da coleção de registos de D. Gabriel de Sousa revelou-se, na área dos estudos do património artístico, como um produtivo exercício de inventariação museológica, de classificação de coleção e de estudo de um conjunto de gravuras que era, totalmente, desconhecido. Desta forma consolidaram-se conhecimentos na área da gravura artística; na área das técnicas de gravação e de impressão; e na área antropológica expressas nos registos de santos gravados trazendo à luz mais informações acerca do colecionismo português, na esfera do privado, na primeira metade do século XX.

Bibliografia

- AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVII, Lisboa, Editorial Enciclopédia, Lda.
- AFONSO, Luís Urbano (2011), “A história recente do colecionismo em Portugal no século XX.” In: *O colecionismo de arte em Portugal no século XX*, Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, Cascais, 21-05-2011.
- AQUINO, Maurício (2010), “As estampas de santos como fontes históricas”, *Anais da XXII Semana da História*, (Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Colegiado de História, Jacarezinho), 2010, pp. 20-32.
- AQUINO, Maurício (2011), “Construindo devoções: as estampas de santos na criação religiosa e na pesquisa histórica – o caso da Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado”, *Revista de Estudos de Religião* (PLURA, Brasil), vol. 2, nº 1, 2010, pp. 101-117.
- ARAÚJO, Maria Augusta (2004), “Gravadores estrangeiros na corte de D. João V.” In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DA A.P.H.A., III, Porto. Portugal na encruzilhada de culturas, artes e sensibilidades. Fundação Engenheiro António de Almeida. 17 A 20 de Novembro. [Última leitura a 08-10-2012]. Disponível em: <<http://www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/AugustaAraujo.pdf>>
- AZEVEDO, Carlos Moreira de, coord. (2002), *História Religiosa de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 7 vols.
- BANDEIRA, Ana Maria Leitão (1995), *Pergaminho e Papel em Portugal: tradição e conservação*, Lisboa, CELPA.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA (1993), *Registos de Santos do Concelho de Braga: inventário da coleção da Biblioteca Pública de Braga*, Braga, Biblioteca Pública de Braga.
- BOTELHO, João Alpuim (2007), *Luís Augusto de Oliveira e o Museu de Viana do Castelo*, Cad. Vianenses, 40, pg. 309-330. [Última leitura a 10-05-2011]. Disponível em: <<http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20081028153620.pdf>>
- CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA (2001), *Registos e objectos de devoção: colecções do Museu Municipal de Mafra e Museu da Misericórdia da Ericeira*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra.
- CÂMARA MUNICIPAL de OVAR (2004), *Santos que curam e protegem: registos devocionais no concelho de Ovar*, Ovar, Câmara Municipal de Ovar.
- CAMPELO, Joana (2008), “Registos de santos em azulejo. Aproximação às fontes gravadas.”, *Revista das Artes Decorativas* (Escola das Artes, Universidade Católica, Porto), nº 2, 2008, pp.171-182.

- CAMPELO, Joana (2010), *Registos de santos em azulejo, (1710-1830): fontes gravadas e distribuição em Lisboa*, Lisboa. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade católica portuguesa, Escola das Artes, Porto.
- CHABY, João Pedro; MARQUES, Tiago Pires; PINTO, Paulo Mendes (2000), “Registos de santos em azulejos: inventário e abordagem: Religiosidade e Urbanismo”, (Colibri, Lisboa), *Sep. Arqueologia e História*, nº 52, pp.141-154.
- CHAVES, Luís (1917), “Arqueologia artística”, *O Archeologo Português* (Museu Ethnographico Português, Lisboa), S. 1, vol. 22, n.º 1-12, 1917, p. 220-237.
- CHAVES, Luís (1925), *Registos de Santos: catalogo, com estudo preambular e notas, da coleção de «registos» de Aníbal Fernandes Tomás, hoje no Museu Etnológico português*, Separata d'«O Archeologo Português», Imprensa Nacional, Lisboa.
- CHAVES, Luís (1927), *Subsídios para a história da gravura em Portugal*, («Subsídios para a história da Arte Portuguesa»), Imprensa da Universidade, Coimbra.
- CHAVES, Luís (1946), *Registos de Santos da cidade de Lisboa: registos gravados*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- CUNHA, Pedro (2010), “Culto mariano é forte em quase todo o mundo lusófono”. *Público*, 3 de Maio. [Última leitura a 15-10-2012]. Disponível em: <<http://www.publico.pt/Sociedade/culto-mariano-e-forte-em-quase-todo-o-mundo-lusofono-1435168>>
- FARIA, Miguel (2005), *A imagem impressa: produção, comércio e consumo da gravura no final do Antigo Regime*, Porto. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GANDRA, Manuel J., *Estampas religiosas gravadas do concelho de Mafra*. [Última leitura a 10-05-2011]. Disponível em: <http://www.cesdies.net/iconografia-e-simbolica/fsp/estampas_religiosas.pdf>.
- GARCIA, Maria da Graça (1990), “Notas para a identificação da gravura no âmbito da catalogação: a técnica, a data, a edição; gravura e reprodução”, *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, série 2, vol. 5, nº 2, Jul. - Dez. 1990, pp. 161-183.
- GARRETT, Almeida, *Viagens à minha terra*, («Clássicos da Literatura Portuguesa»), Biblioteca Digital, Porto Editora, pp. 43. [Última leitura a 23-09-2012]. Disponível em: <http://web.portoeditora.pt/bdigital/pdf/NTSITE99_ViagMinhaTerra.pdf>.
- GASCOIGNE, Bamber (1995), *How to identify Prints*, Thames and Hudson, London.
- GOULÃO, Maria José (1995), “A representação do sagrado nos «Registos de Santos».”, *Estudos de Arte e História: Homenagem a Artur Nobre de Gusmão* (Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Universidade Nova, Lisboa), pp.312-318.

- INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO (2009), *Normas de Inventário: Espólio Documental: Artes Plásticas e Artes Decorativas*. [Última leitura a 19-09-2012]. Disponível em: http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/Recursos/Publicacoes/Edicoes_online/Normas_Invtario/NI_AP_AD_Espólio%20Documental.pdf.
- KEIL, Alfredo (1905), *Collecções e Museus de Arte em Lisboa*, Lisboa, Livraria Ferreira & Oliveira, Lda.
- LEITE, Pedro Queiroz (2011), O missal da Regia Officina Typographica e seu legado na pintura rococó mineira: uma refutação à influência de Bartolozzi, In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – UNICAMP, VII. [s.t.; s.l.], pp. 408. [Última leitura a 08-10-2012]. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2011/Pedro%20Queiroz%20Leite.pdf>
- LIRA, Sérgio (1999), «Colecções Etnográficas e Museus Etnográficos: objetos e memórias da Cultura Popular», *Congresso da Cultura Popular: Etnografia e Património Etnográfico*, Maia, Dezembro de 1990. [Última leitura a 23-05-2010]. Disponível em: <http://ceaa.ufp.pt/museus4.htm>.
- LOPES, Fernando M. Peixoto; BASTOS, Margarida Almeida (2004), “Registos de Santos em azulejo do município de Lisboa: algumas considerações”, *Olisipo* (Boletim do grupo «Amigos de Lisboa», Lisboa), II série, nº 20/21, 2004, pp. 95-105.
- MARUJO, António (2010), “Católicos (e protestantes), republicanos e interventivos”, *Público* (Público, Lisboa), 4 de Outubro 2010. [Última leitura a 23-05-2011]. Disponível em: <http://www.publico.pt> >.
- MENEZES, Luís (1993), “O primado do discurso sobre o efeito decorativo”, *Cadernos de Museologia* (Cadernos de Sociomuseologia), nº1, pp.37-46. [Última leitura a 08-10-2012]. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/470/373>
- MURGUIA, Eduardo Ismael (2009), «O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação», *Encontros Bibli: Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2009*. [Última leitura a 23-05-2011]. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/scr/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=14712771007>>.
- MUSEUMS& GALLERIES COMMISSION (1999), *Science for Conservators: adhesives and Coatings*, («Conservation science teaching series»), London, 3 vol.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de (1993), “Registos de Santos do Concelho de Braga: inventário da coleção da Biblioteca Pública de Braga”, (Biblioteca Pública de Braga, Braga), *Sep. Forum*, nº 12-13 Julho 92/ Jan 93, pp.51-54.
- OLIVEIRA, Isabel Maria Mota de, coord., (2001), *In memoriam de G. Gabriel de Sousa, O.S.B.*, Lisboa, Academia Portuguesa da História.

- PEDROSA, Patrícia Santos (2007), *Cidade Universitária de Lisboa: Vazios cheios urbanos ou as géneses alimentadoras de equívocos*, Universidade Politécnica da Catalunha, 2007. [Última leitura a 17-05-2011].
Disponível em:
<http://seu2007.saau.iscte.pt/Actas/Actas_SEU2007_files/Patricia_Pedrosa.pdf>.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord., (1993), *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- ROQUE, Maria Isabel (2010), “Museologia oitocentista do património religioso em Portugal”, *Revista Teorias e Ciências da Arte* (Idearte, Lisboa), vol. 6, 2010, pp. 117-145.
- SANTOS, Elviro dos (1882), *As artes portuguesas no século XIX ou breves considerações sobre o seu estado, causas e remédios do mesmo*, Braga, Tipographia Lusitana.
- SEMINÁRIO DE SÃO JOSÉ (2010), *Registos de Fé – Exposição*, Vila Viçosa, Câmara Municipal de Vila Viçosa, Março de 2010.
- SOARES, Ernesto (1955), *Inventário a Coleção de Registos de Santos*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- SOARES, Ernesto (1971), *História da Gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras*, Lisboa, Livraria Samcarlos, 1971.
- SOCIEDADE MARTINS SARMENTO & CASA DE SARMENTO_CENTRO DE ESTUDOS DO PATRIMÓNIO (2004), *Francesco Bartolozzi e os seus discípulos*, Guimarães, Sociedade Morais Sarmiento.
- SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1937), “Portugal e a sua mística missionária d'ontem e d'hoje”, (Tip. Porto Médico, Porto), *Sep. Mensageiro de S. Bento*, nº7, 11 pp.
- SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1946), “Nossa Senhora de Portugal”, (Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Lisboa), *Menina e Moça*, nº 92.
- SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1954), “Um ilustre tirsense, egresso beneditino”, (s.n., Porto), *Sep. O Concelho de Santo Tirso*, nº3, 9 pp.
- SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1982), “Dois mosteiros tirsenses: Santo Tirso e Singeverga - que ligação?”, (Imp. Artur Marques Oliveira, Santo Tirso), *Sep. Jornal de Santo Thyrsó*, nº1.
- SOUSA, Gabriel de O.S.B. ; GOMES, Carlos Aguiar (1984), *O Mosteiro de Santa Maria de Miranda e os seus abades*, Arcos de Valdevez, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.
- SOUSA, Gabriel de O.S.B. (1992), *Mosteiro de Singeverga : cem anos de vida beneditina (1892-1992)*, Santo Tirso, Ora & Labora.

- STEINBERG, S.H. (1996), *Five hundred years of printing*, rev. John Trevitt, 4^a ed., London, British Library & Oak Noll Press.
- VASCONCELOS, Joaquim de (1877), «A Reforma das Bellas Artes: analyse do relatório e projectos da comissão official nomeada em 10 de Novembro de 1875», Porto, Imp. Literário Comercial, 1877. – VII, 71 pp. [Última leitura a 13-05-2011]. Disponível em: <<http://purl.pt/980>>
- VASCONCELOS, J. Leite (1915), *Historia do Museu Etnologico Português (1893 – 1914)*, Lisboa, Imprensa Nacional.

Webgrafia

- BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL,
<<http://www.bnportugal.pt>>
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO,
<<http://balcaovirtual.cm-porto.pt/>>
- CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS,
<<http://www.cm-cascais.pt>>
- CASA DE SARMENTO,
<<http://www.csarmento.uminho.pt>>
- CENTRO ERNESTO SOARES DE ICONOGRAFIA E SIMBÓLICA,
<<http://www.cesdies.net>>
- MATRIZnet,
<<http://www.matriznet.ipmuseus.pt>>
- MUSEU DOS BISCAINHOS,
<<http://www.museus.bragadigital.pt/Biscainhos/>>
- MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA,
<<http://www.amp.pt/gca/?id=253>>
- MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA,
<<http://www.mnarqueologia-ipmuseus.pt>>
- MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA,
< <http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/>>
- MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS,
<<http://mnsr.imc-ip.pt/>>



GLOSSÁRIO

Água - forte¹⁸⁸:

Termo usado até o século XVII para designar o ácido designando a matriz usada para a impressão da gravura e a própria gravura quando já concluída. O processo resulta a partir do revestimento da chapa de metal com um verniz de proteção, seguido da incisão do desenho que se deseja obter, com estilete ou outra ferramenta de ponta metálica. O traçado fica sem o verniz e a placa é submetida a um banho de ácido.

Celulose¹⁸⁹:

Polímero natural constituído por cadeias moleculares de celulose (celobiose) constituídas por duas moléculas de glucose unidas entre si por um átomo de oxigénio através de uma ligação covalente. As cadeias unem-se entre si por pontes de hidrogénio formando lamelas que se unem por forças Van der Waals em camadas sucessivas formando microfibrilas (visíveis ao microscópio). As fibrilas organizam-se em feixes e estes, por fim, formam fibras de celulose. As fibrilas, feixes e fibras ligam-se pelos mesmos tipos de ligação química anteriormente descrita.

Composição:

Espaço ocupado pela mancha gráfica.

Documento Gráfico:

São todas as obras cuja representação (imagem e/ou mancha tipográfica) se apresenta sobre papel ou pergaminho. Nesta denominação incluem-se livros e documentos avulsos (ex: mapas, desenhos, aguarelas, gravuras, pasteis, guaches, fotografias, etc.).

Estampa¹⁹⁰:

Todo o documento iconográfico que resulta de uma impressão.

188- In GASCOIGNE, Bamber (1995), *How to identify...*, pp. 1b. e GARCIA, Maria da Graça (1990), "Notas para a identificação da gravura...", pp.173-177.

189- MUSEUMS & GALLERIES COMMISSION (1999), *Science for Conservators: adhesives and Coatings*, («Conservation science teaching series»), London, 3 vol., pp33-35.

190 - GARCIA, Maria da Graça (1990), "Notas para a identificação da gravura no âmbito da catalogação: a técnica, a data, a edição; gravura e reprodução", *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, série 2, vol. 5, nº 2, Jul. - Dez. 1990, pp. 163.

Folha:

Suporte avulso onde a imagem é estampada.

Gravura¹⁹¹:

Toda a estampa que resulta de um processo manual, pou quase manual, na preparação da matriz e impressão.

Letra¹⁹²:

Texto gravado, normalmente, na margem inferior da gravura e compreende:

- *Inscrição*: título, legenda, dedicatória, etc.
- Subscrição: desenhador (*invenit, delineavit*, desenhou, etc)
pintor (*pinxit*)
gravador (*sculpsit, incidit*, gravou, etc)
editor (*excudit, chez*, editor, etc)
impressor (*formis, imp.*, litografia, etc)
vendedor (*se vend chez*, etc)

Matriz:

Superfície plana de madeira ou de metal onde o artista desenha a imagem que vai ser impressa.

Métodos Planográficos¹⁹³:

Método chamado de gravura plana com aplicação a partir do início do século XIX. O desenho é executado com um material gordo sobre uma matriz de pedra ou de metal, previamente preparada, formando as áreas que aceitam a deposição da tinta de impressão.

Litografia¹⁹⁴: Processo de impressão em pedra. Os traçados são feitos com carvão litográfico. Com a pedra molhada, a tinta de impressão só adere às partes

191- *Idem, ibidem*, pp. 163.

192- GARCIA, Maria da Graça (1990), "Notas para a identificação da gravura...pp. 181.

193- In GASCOIGNE, Bamber (1995), *How to identify...*, pp. 1c. e GARCIA, Maria da Graça (1990), "Notas para a identificação da gravura...", pp.178-179.

194- *Idem, ibidem*, pp. 1c. e *Idem, ibidem*, pp.178-179.

que contêm imagem e permite, sob pressão, a reprodução dessa imagem sobre o suporte.

Pasta de madeira:

Pasta à base de fibras de madeira que podem ser trabalhadas mecânica, semiquímica ou quimicamente. A utilização desta pasta está interligada ao fabrico industrial do papel. Os primeiros papéis produzidos com fibras de madeira são materiais instáveis, em termos químicos, e têm pouca resistência física e mecânica.

Pasta de trapo:

Pasta de papel constituída à base de trapos que eram amaciados em tinas, amassados que depois de macerados eram colocados sobre redes de malha fina que depois de prensados e secos formavam a folha de papel. Muito utilizada no fabrico manual do papel.

O papel, geralmente, produzido com este tipo de pasta é um papel resistente físico-quimicamente.

Pergaminho:

Pele animal limpa de pelo que serve de suporte para escrita ou para a realização de encadernações. O seu processo de fabrico consiste na remoção dos pelos através de raspagem, maceração da pele em água de cal, secagem em tensão e em bastidores ao ar livre e lixagem da superfície.

Tem como origem de fabrico a Cidade de Pérgamo.

Talhe doce ou *intaglio*¹⁹⁵:

Neste género de gravura a matriz é constituída por uma chapa metálica em que são as linhas ou as zonas que são escavadas que recebem a tinta. A impressão faz-se pela pressão horizontal de dois cilindros que exercem pressão entre a folha de papel e a matriz deixando a marca desta no suporte em papel e relevo nas zonas escuras da imagem. A gravura pela técnica de talhe doce pode ser obtida por dois processos: a seco (buril, ponta seca, *mezzotinto* e ponteadado) e por aplicação de ácido (água forte, água-

195 - In GASCOIGNE, Bamber (1995), *How to identify...*, pp. 1b. e GARCIA, Maria da Graça (1990), "Notas para a identificação da gravura...", pp.166-168.

tinta, água-tinta com as variantes de açúcar, de sal e de enxofre, «gravura em *Lavis*» e «gravura a *crayon*»).

Buril: desenha-se directamente sobre a matriz de metal. As incisões são abertas na chapa com instrumentos afiados, como o buril e punções, para a formação de linhas e pontos.

Xilogravura¹⁹⁶:

Técnica de gravura que se inclui na gravura em relevo que é um dos métodos mais antigos de produção de gravura. O processo para a obtenção da imagem é feito através de decalque ou pelo desenho direto sobre a placa de madeira que depois de debastada e concluída constituirá a matriz da composição. Os traços negros da imagem obtêm-se pela impressão das zonas de relevo.

196 - In GASCOIGNE, Bamber (1995), *How to identify Prints*, Thames and Hudson, London, pp.1b e in GARCIA, Maria da Graça (1990), “Notas para a identificação da gravura no âmbito da catalogação: a técnica, a data, a edição; gravura e reprodução”, *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, série 2, vol. 5, nº 2, Jul. - Dez. 1990, pp. 166-168.







II.1. PALHARES, João, 1875.

Homem e mulher dos arrabaldes do Porto, vindos da romaria do Sr. de Matosinhos com registos de santos apostos nos chapéus.
(imagem disponível em: BND, <http://purl.pt/13117>).URL

ANEXO 2
PERCURSO DA COLEÇÃO



Recibo e correspondência trocada entre D. Gabriel de Sousa e o Museu de Etnografia e História

JUNTA DE PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL

MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA

O MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA recebeu, por oferta, como depósito
de D. Gabriel de Sousa, R. Abade do Monte
o objecto abaixo especificado.

Agradecemos com o mais vivo reconhecimento esse valioso concurso.

O DIRECTOR,

Augusto César Vieira Lima

108 registos e Santos



MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA

(JUNTA DE PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL)

LARGO DE S. JOÃO NOVO, 11

PORTO
PORTUGAL

TELEF. 22010

cf. Rec. S

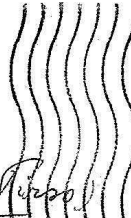
D. Gabriel de Sousa,

R. Abade do Monte

Singapura

Boriz

{ Santo Tirso





MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA
(JUNTA DE PROVÍNCIA DO DOURO LITORAL)
LARGO DE S. JOÃO NOVO, 11
TELEF. 22010
PORTO - PORTUGAL

Mr. G. Amy

14-X-250

Gracião ao yame dos registos que deve a
grandeza fundar de pte a minha história.
Ajuda-me na tarefa o novo amigo de Bertin
Nacionais.

Verificamos que nos havia aqui 108 dentes
as duplicadas e daqueles que dignam respeito
ao distrito do Porto, impomos a liberdade que

V. B. J. deve a quibileza a me conceder.

Ficaram, portanto, esses, em tanto seus uniprecer
a uma coisa, já muito sabida.

Quanto aos outros ficaram amancha,

empres as inhum, recitias, em J. Bant.

Agradecendo calorosamente, em uma

unida e no de illusen, a importantes dadas,

respeitosamente se desvove.

Assé e V. B. J.

Augusto C. Pires Zim.

Correspondência trocada com as possíveis instituições recetoras dos registos de santos doados por D. Gabriel de Sousa ao Museu de Etnografia e História

De: Armando Araujo [mailto:armando.araujo@pj.pt]
Enviada: terça-feira, 29 de Maio de 2012 16:04
Para: mnsr.paulacarneiro@imc-ip.pt
Assunto: Colecção de Registos de Santos / D. Gabriel de Sousa

Prezada Dr.^a Paula Dias Carneiro,

Como já tive a oportunidade de explicar via telefone, incumbiu-me uma colega do Curso de Mestrado em Estudos do Património de indagar se no Museu Nacional de Soares dos Reis existe alguma colecção de Registos de Santos proveniente do Museu Etnográfico do Porto ou mais precisamente, o «Grupo de registos oferecido por D. Gabriel de Sousa ao Museu de Etnografia e História do Porto». Encontrando-se o Museu Etnográfico do Porto desactivado, todas as informações serão importantes no sentido da localização ou do destino dado à dita colecção.

Cumprimentos,
Armando Araújo

De: M N S Reis - Paula O. Carneiro [mailto:mnsr.paulacarneiro@imc-ip.pt]
Enviada: terça-feira, 10 de Julho de 2012 15:20
Para: Armando Araujo
Assunto: RE: Colecção de Registos de Santos / D. Gabriel de Sousa

Exm.^o Sr.Dr. Armando Araújo,

Em resposta ao seu pedido de localização da colecção supracitada, e segundo conseguimos apurar, o Museu de Etnologia do Porto depositou no Museu dos Biscainhos, em 29.12.1993, um álbum de registos de santos com 763 exemplares de gravuras, litografias e estampas de registos de santos. No entanto, segundo informação do Museu dos Biscainhos, não é possível, com a documentação existente, identificar os 108 exemplares oferecidos por D. Gabriel de Sousa. Segundo ainda informação do Director do Museu dos Biscainhos, a colecção encontra-se inventariada e disponível através do website Matriznet. Ao dispor para qualquer informação adicional.

Com os melhores cumprimentos
Paula Carneiro

----- Mensagem encaminhada de aoctaviano@sapo.pt -----

Data: Wed, 27 Jun 2012 17:12:20 +0100

De: aoctaviano@sapo.pt

Assunto: Fwd: Colecção de Registos de Santos

Para: Teresa <teresalancaruiivo@gmail.com>

Olá Teresa, Boa tarde!

Reencaminho-te a resposta que obtive a propósito da colecção de registo de santos que procuras. No entanto, já a procurei no Arquivo Histórico Municipal do Porto, no Arquivo Distrital do Porto que se encontra instalado no Mosteiro de S. Bento da Vitória (se reparares os documentos que me enviaste falam em S. Bento) e nada. Ninguém sabe da colecção. Só me resta esperar que a responsável da secção de gravuras do MNSR me diga mais qualquer coisa.

Por outro lado disseram-me para tentar a Assembleia Municipal do Porto, mas ainda não o fiz.

Cumprimentos,
Armando Araújo

----- Mensagem encaminhada de Departamento Municipal de Arquivos

<dmarquivos@cm-porto.pt> -----

Data: Wed, 27 Jun 2012 13:01:10 +0100

De: Departamento Municipal de Arquivos <dmarquivos@cm-porto.pt>

Assunto: RE: Colecção de Registos de Santos

Para: "'aoctaviano@sapo.pt'" <aoctaviano@sapo.pt>

Cc: Maria Paula da Cunha Moreira da Silva <paulacunha@cm-porto.pt>

Exmo. Senhor
Dr. Armando Araújo

Não conhecemos a entidade que guarda a coleção de registos de santos doada ao Museu de Etnografia e História do Porto, sendo o IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico a instituição mais capacitada para responder a esta questão.

Aproveitamos este contacto para informar que no Arquivo Histórico Municipal do Porto existe uma coleção de registos de santos que foi oferecida a esta instituição pelo colecionador portuense Armando Couto. Estes documentos foram divulgados na exposição "Devoções populares: registos de santos de igrejas e capelas do Porto" organizada pelo Arquivo Histórico em 1996.

Este conjunto documental pode ser consultado na Casa do Infante, na Rua da Alfândega, n.º 10, de 2.ª a 6.ª feira, das 9.00 h. às 17.30 h.

Com os nossos melhores cumprimentos,

Maria Helena Gil Braga
Chefe de Divisão do Arquivo Histórico
Departamento Municipal de Arquivos
Rua da Alfândega, 10 | 4050-029 Porto
tel.: +351 22 206 04 00

Primeira notícia da coleção e correspondência trocada entre a diretora da revista «Menina e Moça» e D. Gabriel de Sousa



N O S S A S E N H O R A DE P O R T U G A L



Numa coleção de registos antigos, que, com amor, temos andado a organizar, possuímos um do conhecido gravador portuense Santos, que os parece ter particular actualidade, o centenário, que vai findar-se, da Aclamação da Padroeira. Roupagem duma singeleza invulgar para o gosto da época; atitude simples, a olhar

o Céu, segurando na dextra, com naturalidade, o cetro da realeza; trono de nuvens, em que pouso, bem destacado, o escudo nacional: um conjunto sem arrebiques, que nos diz, com eloquência intuitiva, do império maternal da Padroeira.

Que Ela fizesse desta ocidental nesga peninsular assento peculiarmente querido da sua realeza, não há porque redizê-lo, uma vez que, no dizer do Em.^{mo} Cardeal Patriarca, a História de Portugal não se pode contar sem repetir, a cada página, o doce nome de Maria. E até nos parece estranho que, na interminável litania de títulos com que a nossa devoção a invoca, na incontável constelação de capelinhas e templos que a fé e piedade dos nossos pais lhe sagrou, não haja ainda, que saibamos, o apelativo de Nossa Senhora de Portugal.

De facto, conhecemos, por exemplo, "Nossa Senhora de Africa", como conhecemos "Nossa Senhora de Todo o Mundo", não sabemos duma "Nossa Senhora de Portugal". Queremos, porém, acrescentar que, se no título se achar novidade, no significado real não há novidade alguma; que o ser da nossa terra Senhora inquestionada, é verdade sobre que dúvida não cai.

Frei Francisco Brandão, continuador da *Monarquia Lusitana*, ao historiar o reinado de Dom Dinis, frisa o facto das sistemáticas e periódicas deslocações do Soberano, percorrendo as diversas provincias a administrar justiça, a inquirir dos foros e regalias, a galardoar serviços prestados. Ora eis que, da sua côrte da Fátima, se desloca também, por essas terras da Estremadura, até à capital do Império, a excelsa Rainha dos Portugueses. Vem firmar o senhorio, confirmar o padroado, distribuir celestiais benesses, receber preito e menagem dos vassallos fieis. As populações alvoroçam-se, as almas vibram de entusiasmo e fervor, e de facto, a "Terra de Santa Maria" adquire mais firme convicção do que é.

Ora, em maré de sugestões, perguntamos porque não há-de ir a Senhora, assim, às terras do Norte?

São viagens de domínio, não fazer a Senhora mais nossa, mas fazer Portugal mais da Senhora. E se, nisto, alguém quizer ver pieguice, nós não consentiremos seja outra coisa que não uma afirmação de vassalagem àquela que Portugal reconhece como Rainha e Padroeira.

MONACHUS





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Obra das Mães pela Educação Nacional
MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

COMISSARIADO NACIONAL

Lisboa, 16 de Dezembro, 1946

M^{me} Leuba S. Gabriel

L.^o

N.^o Mas sei se já estás em São
Tugal ou se ainda andas lá por longas
terras ...

Espero mas que tardar a enviar-te a
nossa Revista do Natal, para a qual te
peço a bondade de nos dar a tua
colaboração, que sempre me dá muito agrada-
do.

Com os V. M^{os} meus, a tua página está
muito bonita.

Devolve os registos que fiz - favor de
me remeter.

É muito que já te envio o nosso nu-
mero do Natal, permito-me que o a-
compante com antecipado desejo de boas-
festas.

Um o carinho para os teus filhos tanta gra-
ças quantas lhes saírem no seu artigo...

Imp. LUCAS & C.^a - 7.500 ex. 20-1-942

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS
SÓLIDOS

Com a esperança de vos grande recompensa,
mas, não se sente ansiedade a receber
outros artigos?!

Ben contenta eu ficaria...

Recomendo - me a caridade de suas
orações, creio - me muito confortavelmente
em F. Bento, emite dedicada e
grata

Caro Paulo Alfredo Leão

ANEXO 3 **ORGANIZAÇÃO DA COLEÇÃO**



COLEÇÃO DE REGISTOS

PORTUGUESES

LITOGRAVURAS

Achado o processo da gravura em pedra (em Munique, por Aloisio Senefelder, nos últimos anos de 700), levou seu tempo a chegar a Portugal. Em 1824 foi criada em Lisboa a Officina Regia Lithographica; em 1827 foi melhorada e começou a ter maior actividade; por Dec. de 6 de Dezembro de 1836 foi anexa à Academia de Belas Artes de Lisboa.

Por essa altura, já o processo estava divulgado, e o número de litografias aumentou, em Lisboa e no Porto.

NOTA. - Veja-se na nossa colecção de estampas francesas, algumas litogravuras executadas por encomenda de casas portuguesas.

SILVA, A. J. -

Trabalhou na Officina Regia Lithographica, criada em 1824.
Em 1829, trabalhava também na Lithographia Nacional de Santos, no L. do
Conde Barão, 21

CHAVES 174

Serão dele os seguintes registos?

- Imaculado Coração de Maria (Loulé): Silva, lith. - Lith. r. dos Douradores, Lisboa.
- N.ª Senhora da Piedade (S. Francisco, Portalegre): S. lith. - Lith. de Lopes, R. N.ª dos M^{tes} 2 a 4.

MACPHAIL, João -

CHAVES 132 conta-o na série de "litógrafos estrangeiros que estiveram cá". É erro. João Macphail nasceu em Estremoz.

Frequentou a Academia Real de Belas Artes em 1843. Suicidou-se em 1856. "A vida irregular e difícil contribuiu para que muitas das suas obras litográficas fossem inferiores" (Encicl.).

INOCENCIO, VII, referencia-o como autor da litogr. de D. Dom António Prior do Crato (na Of. de Manuel Luis, em Lisboa) e de algumas da série dos 32 Reis de Portugal (1842-47 - na Of. da R. Nova dos Mártires, 12).

Trabalhou na Lit. de Manuel Luis, ou Manuel Luis da Coeta, na Rua Nova dos Mártires, 12 a 14.

"Os registos feitos por ele são graciosos e de boa técnica" (CHAVES 176)

Tenho dele:

- NOSSA SENHORA: Macphail 1 - Lith. R.ª N.ª dos M^{tes} na 14 Lix.ª.

DIAS DA COSTA

DIAS

Tenho registos assinados: Dias da Costa lith. e Dias lith. Serão do mesmo artista?

INOCENCIO, VII, referencia-o como executor do retrato de D. Pedro V em 1859 (na Of. de A. S. de Castro, Lisboa).

CHAVES 176, 177, faz-lhe esta ficha: "Coimbra. Bom artista. Litografo(u) desenhos de Sequeira, por ex.: nas Cartas da India de J. Ignacio de Andrade, 1847". - "Trabalhou bem" na Litografia da Imprensa Nacional. (id. ib. p. 132).

(INOCENCIO e CHAVES referem-se a Dias Costa)

Registos que tenho:

- N^a Senhora da Conceição: Dias da Costa lith. - Lith. de A.S.Castro, R. do Loreto N^o 85 Lixa.
- N^a Senhora da Quietação (igr^a das Flamengas): Dias, lith. - Lith. Poço Novo, 33.
- Coração de St^a Teresa de Jesus: Dias, litho - Lith. r. dos Douradores, 6.

LIMA, J. S. -

Ausência de dados.

Registo:

- N^a Senhora da Lapa: J. S. Lima grav. - Lith. Portuense, Poço das Patas, Porto. (cf CHAVES 193)

II - REGISTOS POPULARES

N. B. - Muitos dos registos guardados neste agrupamento são artísticos, porém anónimos, cujo gravador não conseguimos averiguar.

A/ INVOCACÕES LOCAIS

1 - SUL (com centro em Lisboa, e abrangendo as Ilhas adjacentes)

a) LISBOA (ordem alfabética)

- Alcântara (Real Most. do Sacramento): N.ª Senhora da Graça.
- Boa Morte (ermida junto à -): N.ª Senhora das Dores.
- Chagas (igreja das): Senhor Jesus das Chagas.
- Coleginho (na Mouraria): N.ª Senhora do Bom Despacho.
- Escadinhas do Carmo: N.ª Senhora da Piedade
- Graça (igreja da -): N.ª Senhora da Graça (2 reg.)
- Luz (igreja da -): N.ª Senhora da Luz (6 registos:
 - um da R. da Fadaria N.º 17
 - um da Rua do Passeio N.º 2
 - um da Rua dos Retrozeiros N.º 118
 - dois da Travessa de S. Domingos N.º 60
 - um id. c/ legenda: N.ª Senhora do Livramento
 - um sem qualquer indicação particular.)
- Mártires (igreja dos -): Sa Máxima, Veríssimo e Júlia (cortado)
- Penha de França (igreja da -): N.ª Senhora da Penha de França
- Prazeres (ermida da -): N.ª Senhora dos Prazeres (como fundo o cemitério. - E da Rua Nova do Almada N.º 45)
- Santa Mónica (convento de -): Santa Apolónia V. M.
- Santo Alberto (convento de -): N.ª Senhora de La Salette. (litogr.)
- São Francisco (convento de -): N.ª Senhora da Purificação.
- São João da Praça (igreja de -): N.ª Senhora da Salvação.
- Saúde (capela de N.ª Senhora da -): N.ª Senhora da Saúde (10 registos:
 - Curiosa evolução. O 1.º e 2.º registos são típicos e privativos; mas enquanto o 1.º era da Irmandade, o 2.º já se vendia em casa de Francisco Manuel "o Pateio"; e o 3.º já começa a ser standardizado, com reserva de lugar para a legenda de qualquer Nossa Senhora, a por em caracteres tipográficos (aqui, Senhora da Saúde).
 - Duas novas chapas aparecem: uma privativa do santuário (oval; Senhora com ramo) em duas execuções - registos 4.º e 5.º; outra generalizada, que temos também em dois exemplares, um dos quais pintado - registos 6.º e 7.º.

Mas o processo de standardização comercial iniciado com o 3.º registo continua em nova chapa, em que a imagem é a da Senhora da Saúde, mas as legendas variariam para todas as invocações de N.ª Senhora sem Menino. (Para as Senhoras com Menino, lá estaria a do Barreiro, de que já falaremos). Neste novo lance comercial (da Loja da Rua dos Retrozeiros N.º 118), fez-se uma chapa com uma imagem igual à de N.ª Senhora da Saúde, mas a que se pôs por legenda (para despistar?) "N.ª Senhora dos Prazeres" (tão diferente da do cemitério - cf supra); é o 8.º registo, que depois, então, deu um 9.º de Nossa Senhora da Saúde (título impresso, mas com a mesma lenga-lenga das indulgências que o 8.º), até que o vendeiro resolveu, pura e simplesmente, mandar cortar a parte inferior da gravura, facilitando o futuro e eventual trabalho tipográfico; é o 10.º registo.

- Sé (capela do claustro da -): Santa Ana (Lith. Castro & Cª, L. Magdalená)
- Socorro (igreja do -): Nª Senhora do Socorro.
- *Triunfo (ermida): Senhor Jesus do Triunfo (Arço, dos Triunfos). 2ª urna das Misericórdias. (V. CHAVES, Arçozes da Ermida do Senhor Jesus do Socorro, Inq. Arçoz, de 4962, 27/1/1939. (BPM Porto, C. P. 1811)*

b) OUTRAS TERRAS (ordem alfabética)

- Atalaia (Montijo): Nª Senhora da Atalaia (6 registos:
 - um da Rua Nova do Almada Nº 77
 - um da Rua Nova do Almada Nº 34
 - um da Travessa de S. Domingos Nº 60
 - um da Rua da Padaria Nº 17
 - um pequenino oval + outro de formato normal, ambos sem indicações particularizantes.)
- Barreiro (vila do): Nª Senhora do Rosário (11 registos). Senhora com bafeiro em bico, cabeça inclinada para o Menino, que sustenta no braço esquerdo, Ela e Ele cada qual com seu ramo de rosas e segurando ambos um grande rosário único.
 - O 1º registo, perfeito, normal. O 2º idem, já sem a indicação local, da Vila do Barreiro. O 3º reproduz o 2º, e acrescenta a loja do vendedor (Rua Nova do Almada Nº 77). No 4º, tipo medalha, o rosário pende só das mãos da Senhora.
 - O 5º e 6º representam dois novos modelos, independentes; em ambos, a Senhora aparece de cabeça direita, olhando em frente. O 5º segue o 4º na posição do Menino e rosário; o manto da Senhora desce da cabeça, e a Virgem assenta em peanha, em vez de núvens. O 6º (Loja de Mathias Ribres, R. da Padaria Nº 17) regressa à forma tradicional (até com as indulgências, menos o bafeiro em bico e veu na cabeça).
 - O vendeiro Peyssonneau (R. Nova do Almada 45) lançou um modelo bastante correcto - 7º registo - na forma tradicional, apenas substituindo as núvens pela peanha. Mas logo adoptou outro, inferior, que reproduz a forma tradicional da imagem de Nª Sª do Rosário do Barreiro, mas sem o rosário, de modo a poder servir para todas as invocações da Senhora com o Menino; no fundo, cartela em branco para inscrever, a tipo móvel, a invocação pretendida. Nos dois exemplares que temos - registos 8º e 9º - inscrevera-se (como se verifica posto a estampa a contra luz) "N. S. da Graça do Castelo"; mas colou-se-lhes uma etiqueta em que, num se imprimiu "N. S. de Villa Verde de Fronteira", e outro ficou à espera de cliente.
 - O mesmo processo seguiu o vendeiro da Travessa de S. Domingos Nº 58; tirou o rosário ao modelo tradicional, e deixou cartela branca para impressão livre, à vontade do freguês. Os dois registos que aqui guardamos - 10º e 11º - serviram para: "N. Senhora da Divina Providencia" (sic) e para "N. Senhora da Alegria".
- Belém: Nª Senhora das Dores ("que se venera na sua Igreja").
- Boa Viagem (conv. de arrábidos, em Carnaxide): Nª Senhora da Boa Viagem
 - Of Registos artísticos - CARVALHO.
- Cabeçudo (fregª do conc. da Sertã): Nª Senhora dos Remédios, "Que se venera na Capella de Santo Estevão". A legenda entre aspas está impressa tipograficamente; suspeito tratar-se duma estampa comercializada (Travessa de S. Domingos 60) - repare-se no espaço deixado por baixo do título "N. Sra dos Remedios".
- Cabo Espichel: Nª Senhora do Cabo (3 registos:
 - um colorido à mão ("Vende-se na R. de S. Paulo Nº 58-1
 - um bastante estragado, "Fiel retrato de Stª Maria da Pedra da Maa ou do Cabo".

um (zincogravura c/ dourados) "N. Srª do Cabo d'Espichel (relicário com a santa imagem).

- Cozimbra: Nª Senhora da Consolação do Castelo (fotogravura)
- Elvas: Nª Senhora da Paz (lembrança da sua festa em 15/8/1880)
Nª Senhora da Nazaré (tipo selo), na Ermida do Senhor do Calvário
- Lapas (Torres Novas): Nª Senhora da Vitória.
- Meca (Alenquer): Santa Quitéria e suas oito irmãs (2 registos:
um da Rua do Ouro 257
um (sem indicação da Meca) da Rua da Padaria 17
- Mercáana (Aldeia Galega): Nª Senhora da Piedade - "Offererida por Severiano António Gonçalves".
- Nazaré: Nª Senhora da Nazaré (6 registos:
um "Retrato de...", da Loja da Rua do Passeio, Lxª
um registo do "Círio de Lisboa"
tres tipo selo
um, zincogravura assinada por ALBERTO, "Propriedade da Real Casa de Nozareth". Tenho várias reproduções, em várias cores, fora do album. Única variante, a supressão republicana do título de Real na Casa, que passou a ser Casa de Nª Senhora da Nazaré
- Portalegre: Senhor Jesus do Bonfim (fotogravura)
- Praia das Maças: Nª Senhora da Praia, da ermida da Vila Guida (gravura sobre desenho)
- Setúbal: Nª Senhora da Conceição, da Ponta do Cais (Loja da R. do Passeio Lisboa - 2 registos)
- Santarém: Verdadeira cópia do Santíssimo Milagre.
- Troia (cabedelo do Sado, Setúbal): Nª Senhora da Troia.
- Velas (Ilha de S. Jorge - Açores): Nª Senhora das Dores.

Classificação de Registos

A classificação ARTÍSTICOS
- POPULARES

(ao menos na minha colecção)

parece-me ainda mais correcta se fosse:

ASSINADOS
- NÃO ASSINADOS

António José -

Faltam dados biográficos.

ESBOÇO, VII, referencia-o como autor duma série de retratos dos Reis de Portugal, desde o Conde Dom Henrique até D. Maria I, que ilustram os Diálogos do século História de Pedro de Mariz (1806).

Também há gravuras dele nas colecções de retratos: Hercules de 20 de 21, assinado como um retrato de D. João VI e/ pintura de Pellegrini. Bom gravador; ao que parece, discípulo de Queirós (CHAVES 167). "De reconhecimento" (id. 168).

Tenho dele:

- Sagrado Coração de Jesus: Quinto gr.

em 1ª edição, o registro não tem a assinatura; mas a lenda, francesa, está

Francisco da Silva -

Faltam dados biográficos.

Trabalhava para a Casa de Francisco Manuel, ao fim da Rua do Passadio, em Lisboa, "a mais fornecida de registos dos melhores gravadores" (CHAVES 141)

"Rezoável em gravura a traço, inferior no 'pointillé'" (id. 167).

Tenho dele:

- Stª Catharina da Silva e Rainha Stª Mafalda: F. S. Neves fecit no Porto.

Serão dele ou do seguinte, os dois registos que tenho assinados só Neves?

3 -

§ III - O REGISTO NA ARTE E NO FOLCLORE

Temos o registro artístico, encomendado pelas confrarias ou irmandades a artistas de nomeada, que por seu trabalho eram remunerados e muitas vezes assinavam as suas produções.

E temos o registro popular, quase sempre inspirado, quando não grosseiramente copiado, dos primeiros.

"Nos séculos XVIII e XIX os dois ramos desenvolveram-se a par, e há registos grosseiros, de desenho primitivo, como os de gravura em madeira dos séculos XV e XVI, e coloridos a lápis ou tinta de água, ao mesmo tempo que aparecem os belos registos artísticos de gravura em cobre e aço" (CHAVES, 129).

++

No ordenamento desta nossa colecção, seguimos o seguinte critério:

I - REGISTOS ARTÍSTICOS, por autores, agrupados por ordem quanto possível cronológica. - Quando um registro popular é manifesta cópia do artístico, adoptamos o sistema de o guardar a seguir.

II - REGISTOS POPULARES, repartidos pelos seguintes grupos:

A/ Invocações locais:

1. Sul (com centro em Lisboa)
2. Norte (com centros: a) Porto
b) Braga

B/ Invocações gerais:

1. Mistérios de Cristo
2. Mistérios e invocações da Virgem
3. Santos (por ordem alfabética)

Desistimos do ordenamento por "editores" e logistas, embora, sob certos aspectos, isso pudesse ter interesse. Mas também é fácil fazer uma resenha dessas casas.

REGISTOS ARTÍSTICOS

inv. (invenit) indica o AUTOR da ideia expressa na estampa. O Autor transmi-
tiu-a, em esboço ou oralmente, ao Desenhador, quando não é ele próprio.

Às vezes, o Autor era pintor; e então, em vez de inv., aparece: pinx.
(pinxit).

del. (delineavit) indica o DESENHADOR. Na maior parte dos casos, o próprio Au-
tor era também o Desenhador: inv. et del.

sc. (sculpsit) indica o GRAVADOR.

Às vezes aparece inc. ou incis. (incidit, incisit), a indicar própria-
mente o ABRIDOR (de buril).

exc. (excudit) indica o IMPRESSOR, que às vezes é o próprio gravador, usando,
neste caso, as abreviaturas: sc. et exc.

fec. (fecit) é indicação vaga, que pode incluir qualquer dos significados ante-
riores; inclinamo-nos a tomá-la como indicando o Gravador, quando não ti-
vermos prova em contrário. É o caso, por ex., de nosso Santos, que aliás,
quase sempre, põe nos seus inúmeros registos um simples f. Em Debris, in-
dica o Gravador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (José da Cunha)
- TABORDA, Memória dos mais famosos pintores port. in "Regras da Arte da Pintura..." Lisboa 1815; reeditado em Coimbra 1922 (edição que se cita). BA 7735V
- CYRILLO Volkmar Machado, Collecção de Memórias relativas às vidas dos pintores e escultores, architectos e gravadores portuguezes e estrangeiros que es- tiverão em Portugal. Lisboa 1823; reeditada em Coimbra 1922 (edição que se cita). BA 13294V ou BA 16354A
- SARAIVA, Fr. Francisco de S. Luís, Lista de alguns artistas portuguezes... Lisboa 1859; nas "Obras completas", Tomo VI, Lisboa 1876, págs 315-410 (edição que se cita).
- RACZYNSKI, Dictionnaire historique-artistique du Portugal. Paris 1847.
- CHAVES; Luís, Subsídios para a história da Gravura em Portugal. Coimbra 1927.
 O "Registo de Santo" in "Bazar das Letras, das Ciências e das Artes" no jornal A VOZ, Lisboa 6 de Fev de 1954.
Tres aluidos de "Registo de Santo". Porto 1946 (BPM Porto, C.P. 1326) - HE 17870118V
 L 13 179 V ou SC 18205V
 4670080V
 HE 74683/19V

COLECCÃO DE REGISTOS

Estampas francesas

- 5 Anónimas, bastante primitivas as primeiras.
- 2, Autores L. Crocio e Teniers, editadas respectivamente por Kunzli e A. Le Vasseur
- 9 litografias editadas por A. W. Schulgen, com casa em Dusseldorf e Paris. Gravuras alemãs, como se vê do nome dos autores e gravadores das 8 últimas:
P. Molitor, grav. L. Heitland e H. Nusser;
Overbeeck, grav. Masbau;
F. Ittenbach, grav. N. Barthelmess;
E. Kratky e Andreas Muller, grav. X. Steifensand.
Só na última, sem autor nem grav., se indica ter sido impressa em Paris, por F. Chardon aisé.

- Editadas por L. Turgis. Enquanto não organizamos uma colecção mais representativa desta importante editora de estampas, guardamos no album 2 coloridas: S. Francisco Xavier e Imaculada Conceição, muito lindas, porém estragadas.

Editadas por Villemur, 36 rue Serpente, Paris - para Lisboa, Livraria Católica, rua dos Capelistas 75-82 - 7 estampas litografadas.

DEBRIE (Guilherme Francisco Lourenço)

Natural de Paris, figura entre os gravadores mandados vir do estrangeiro para a Imprensa Regia da Academia Real da História Portuguesa, no tempo de D. João V.

O seu nome é aquele, e não o que lhe dão CYRILLO 97, SARAIVA 348 e RACZYNSKI 39 e 66. A estampa que guarnece o rosto da obra do P. Manuel Monteiro Johanna Portugalliae Reges, gravada por ele, vem a seguinte assinatura: ... a Guile^{te} Franc^{is} Laur^{en} Debrie (Parisino) Regio Academiæ Sculptore, Inventore, Delinatore (Cf Estampas gravadas por Guilherme Francisco Lourenço Debrie, Catálogo organizado pelo Dr. JOSÉ ZEPERINO DE MENESES BRUM, no vol. XXVIII (1906) dos "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", p. 1-16).

Lizite cronológico das suas obras identificadas: 1729-1754.

"Foi grande a actividade de Debrie em Portugal, onde abriu enorme cópia de portadas de livros, vinhetas, capitais, registos de santos, alegorias e fechos de páginas. Embora fosse bom o seu trabalho, de correcto desenho e pericia no uso do buril, denunciava a pressa da execução... O número de estampas que são da s/ autoria se elevou bem a 800. O seu processo artístico de relevo consistiu no emprego do buril auxiliado pela água-forte, em que foi, na verdade, exímio... Foi o gravador predilecto de grande número de autores do séc. XVIII no nosso país" (Grande Encicl. Port. e Bras.)

Cf CYRILLO 226

SARAIVA 348

RACZYNSKI 39-66

HEINEKEN, Diction. des Artistes IV, 558

CHAVES 69-73; traz a lista das obras de autores port. do séc. XVIII, que Debrie ilustrou; traz igualmente a lista de retratos feitos por Debrie e que figuravam na colecção de DIOGO BARBOSA MACHADO; outrossim, alguns referenciados por INOCENCIO (Diccion. Bibl., VII, 97 e segs. - "São numerosíssimos, diz (p. 164) os registos deste copioso e hábil gravador" - Teve um filho, também gravador, sendo impossível distinguir as produções de um e de outro; mas o grande gravador foi Debrie pai.

Tenho dele as seguintes estampas, todas encomendadas pelos Cônegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra:

- St^o Agostinho entregando a Regra: Debrie inv. et sculp 1744.
- São Teotónio: Debrie del. et f. 1745.
- São Sebastião: Debrie inv. et fec. 1746.
- N^o Senhora da Encarnação: Debrie sculp. 1751. Não põe inv., pelo que o original deve ser de outrem, e também foi gravado por A. Thevenard (estampa em frente).
- N^o Senhora da Esperança: Debrie f. 1752.

O. COR - Parece que a abreviatura O. é de Oliverius = Olivier. Suspeita-se que Cor. também seja abreviatura; mas na estampa que tenho aparece sem ponto.

"Achamos muitas estampas e vinhetas, gravadas por este artista, no tempo de el-Rei D. João V, e julgamos ser hum dos estrangeiros, que nesse reinado forão chamados a Portugal" (SARAIVA 355).

Trabalhou em Portugal de 1744-1747.

INOCENCIO (VII 95 es) atribui-lhe o retrato do Inf. Dom António (filho de D. Pedro II) feito em 1744 sobre um desenho de Vieira Lusitano (CHAVES 68 data-o de 1746). E na colecção de DIOGO BARBOSA MACHADO havia o retrato de Gomes Freire, gravado por este artista em 1747.

O Codex Titulorum Sanctae Eccl. Liab. Patriarchalis, de 1746, traz uma estampa assinada e datada: O. Cor. sculp. 1745. E a Vida do P. António Vieira, de André de Barros, também de 1746, traz algumas vinhetas assinadas: O. Cor.

SARAIVA 355
RACZYNSKI 53
CHAVES 68

Tenho dele:

- N.ª Senhora da Porta, de St.ª Cruz de Coimbra: O. Cor F.

CARPINETTI (João Silvério), n. 1740, m. 1800. (Encicli.)

Era português, embora talvez de origem italiana. No T. IV da Recreação Filosófica do P. Teodoro de Almeida (Lisboa 1757) vêm estampas dele, e numa estampa do Marquês de Pombal assina: Carpinetti Lusitanus delineavit et sculp. 1752. Note-se o Lusitanus (CHAVES 130 chama-lhe italiano, para na p. 162 recusar dizendo: "Pode considerar-se português").

INOCENCIO VII 95 es referencia-o como autor dos retratos de D. Mariana Vitória (mulher de Dom José) e de D. Maria I.

+ Foi discípulo de António Joaquim Padrão, e gravou a água-forte um desenho da autoria do mestre, dedicado a Vieira Lusitano, em 1758.

CYRILLO 226
SARAIVA 346
RACZYNSKI 39 e 41
CHAVES 68, 162 ("bons registos em chapa metálica").

Tenho dele:

- Ss. Mártires de Marrocos: Carp.

+ do Catálogo da Livraria Coultos, 6.ª parte, o lote 8363 era o seguinte:
SILVERIO CARPINETTI LISBOANSE (João), Officinas / das Gravuras / de / Portugal /
Novamente abertas e reformadas em Lisboa / (. . .) Officinas / do Illustrissimo /
Excellentissimo Senhor Conde de Oegras / . . . Im-folio oblongo de VIII pag. imm. de
texto e 7 fls. com mapas. Officinas gravadas em 1742.

COLECCÃO DE REGISTOS

Estampas espanholas

- Fr. José de San Benito, autor Zorrilla, grav. Cosa.
- San Antonio de Padua. Anónimo. Litografia.

COLECCÃO DE REGISTOS

Estampas suíças

— Senhora com o Menino e Anjos. Autor M. Paul de Deschwenden. Grav. J. L. Raab.
Editor Benziger, Einsiedeln.

ROCHA, Joaquim Manuel da -

Tenho um registo assin. por Rox. Será Roxa = Rocha?

Joaquim Manuel da Rocha, pintor e gravador, n. 1730 e m. 28/9/1786.

Quando em 23/8/1781 D. Maria I decretou a criação da Aula de Desenho de História, nela foi nomeado professor de desenho do corpo humano. - Foi um dos directores da Academia do Nú (1780-82). E também foi director da Escola de Intendentes.

Teve um filho que também se dedicou à gravura; chamava-se Joaquim Leonardo da Rocha, e foi para a Madeira em 1808.

TABORDA 255-257

CYRILLO 226

RACZYNSKI 39 e 247

CHAVES 81

Grande Encicl. Port. e Bras. s.v. ROCHA.

Tenho:

- Santo André Avelino: Rox. fecit.

CORRÊA, Manuel -

Faltam dados biográficos.

SARAIVA 354 regista uma estampa do túmulo de Stª Mafalda, publicada logo após a Beatificação da Santa Rainha (1792), assin.: Manoel Corrêa f.

Suponho ser dele a estampa que tenho:

- Adoração do SSmº Sacramento: Correa f.

COLECCÃO DE REGISTOS
PORTUGUESES

§ I - A GRAVURA AVULSA

A gravura avulsa - de temática religiosa ou profana - nasceu da gravura de ilustração de livros, no séc. XVIII.

Até ao séc. XVIII, os gravadores portugueses empregavam preferentemente a xilogravura ou gravura em madeira.

No séc. XVIII, com a fundação por D. João V da Academia Real da História em 1720, para cujas edições foram contratados bons mestres gravadores no estrangeiro, divulgou-se entre nós o gosto e técnica da gravura metálica (em cobre e em aço) a buril de talhe-doce, pointillé ou água-forte; o trabalho é quase exclusivamente feito por gravadores estrangeiros residentes em Lisboa, ou que executavam lá fora as estampas encomendadas. O século XVIII foi o período áureo da gravura.

No séc. XIX prepondera a litografia, introduzida por Sequeira antes de 1825.

Hoje temos a fotogravura, a zincografia e outros processos químicos.

§ II - REGISTOS DE SANTOS E REGISTOS DE ROMARIA

"Dos gravadores do século XVII, é possível e provável que tenham corrido estampas avulsas, de assunto religioso, para uso de propagação de fé e comemoração de festas devotas. Seriam os registos de santos, que precederam as belas e numerosas gravuras avulsas do século XVIII, estas agora já propositadamente desenhadas e gravadas com intúitos de exclusiva aplicação religiosa" (CHAVES, p. 16).

A palavra registro (registro) tem duplo significado, aliás convergente e complementar.

a) Significa marca de livro com imagem de santo ou mistério, e "pode supor-se que (o género começou) desde a divulgação da gravura sobre madeira, no século XVI", embora em Portugal só a partir do século XVII haja exemplares conhecidos, "em nada distintos das grosseiras e rudes gravuras da literatura de cordel" (CHAVES, 126).

b) Significa prova de presença em determinada romaria, em certo santuário, junto de tal imagem devota e indulgenciada, e entre nós esse uso começa no século XVIII, embora na Alemanha já se referencie uma praesenzzetel nos princípios do século XVI.

A primeira aceção veio a fixar-se na designação popular (nortenha pelo menos) de santinho.

A segunda estabilizou-se na designação popular de registro propriamente.

Mas existem formas intermédias e comuns, e havia "numerosas imagens das ermidas, igrejas e conventos, que, não escapando ao uso do registo na sua renda e significado religioso, não incluíam porém romaria" (CHAVES, 132).

Nesta nossa colecção, que intitulamos de Registos, na parte relativa ao estrangeiro ajuntámos estampas e gravuras de vária espécie, em pergaminho ou em papel. As principais são as holandesas e as alemãs, de Augsburg, que tanta influência parece terem exercido no roccó ornamental português.

"Análogas são as composições reduzidas a duas dimensões das muitas estampas ornamentais com que os editores augsburguianos inundavam o mundo católico e dos enquadramentos das cenas sagradas e registos de santos, nos desenhos dos quais se destacavam os irmãos Joseph Sebastian e Johann Baptist Klauber, mestres de calcografia do bispo de Augsburg e fornecedores dos abades principescos da ordem de S. Bento na Suíça, na Alemanha e na Austria. (Nota: Há uma boa selecção de gravuras desta escola reproduzida no livro de R. BERLINER, Ornamentale vorlage-blätter, 1926, vol. II das estampas, nos 389-416). Coleccionavam-nas os monges beneditinos portugueses, cujas bibliotecas, concentradas no Minho, eram os maiores repositórios de livros e gravuras do Norte do País durante todo o século XVIII. Temos as provas nas estampas da vida de S. Bento conservadas na sacristia do antigo Mosteiro de Santo Tirso e nas gravuras de Santos provenientes da ex-abadia de Bustelo guardadas agora em Singeverga". - ROBERT C. SMITH, As sacras de Singeverga, in rev. "Colóquio" N.º 55 (Out. 1969), pág. 24. A última referência da transcrição diz respeito a esta nossa colecção - que, porém, não é proveniente do mosteiro de Bustelo, mas reunida aos poucos, daqui e dali, por esta carolice que Deus me deu.

A parte nacional, que agora iniciamos, é propriamente de registos em papel, e só excepcionalmente admitirá algum retrato ou assunto profano.

+ +

A visita ao santuário para venerar tal ou tal santo (sobretudo, entre nós, Senhoras Aparecidas), fazia-se em romaria; existe o substantivo romeiro, e antigamente havia o verbo romear, sendo patente na etimologia destes vocábulos o nome do grande "lugar santo" da cristandade, Roma. Havia, entre nós, uma forma especial de romaria, que era a romaria em procissão; chamava-se, na Extremadura, oírio e e no Norte clamor.

"Assim como as romarias formam o calendário perpétuo da aldeia, como pontos de referência do tempo, os registos são bilhetes de compromisso para os crentes e páginas de memória para os namorados. E, à volta da romaria, eles vão, ou para o oratório, guardar as indulgências no santuário doméstico, ou para as arcaas e gavetas e paredes da casa" (CHAVES, 125).

"A estampa tem um prestígio incomparável nas almas ingénuas. É pelas imagens que as abstrações da teologia católica se incutem na credulidade do povo" (TEÓFILO BRAGA, O Povo português nos seus costumes, crenças e tradições, Lisboa, 1895, p. 511 e 1512).

XAVIER, Januário António.

Faltam dados biográficos.

Gravou vinhetas a buril para a Historia Ecclesiastica Lusitana de D. Tomás da Encarnação (Coimbra 1759), e eu tenho um registo datado de 1766.

SARAIVA 350

RACZYNSKI 305

CHAVES 87, 163 ("Desenhou e compôs bem, gravou razoavelmente os seus desenhos").

Tenho dele:

- Senhor Jesus dos Agonizantes (igrª de S. Castano): J. Antº Xavier - Lxº 1766.

- Nª Senhora da Purificação (S. Francisco da Cidade): J. Antº Xª f.

FREIRE, Manuel.

Faltam dados biográficos.

Na História Panegírica de Dinis de Melo e Castro (Lisboa 1721) vem o retrato do autor, assin.: M. Freyre a fez. E o registo que eu tenho é datado de Lisboa 1777. CHAVES assigna-lhe a data de 1774.

SARAIVA 354

CHAVES 166 ("Gravou bem a talhe-doce").

Tenho dele:

- Beato Paulo Card. de Arezzo: Mancel Freire F. Lxº 1777.

GODINHO, Manuel da Silva -

Foi o melhor discípulo de J. Carneiro da Silva na Aula de Desenho.

Fez muitas estampas. "Il n'a gravé que pour des Vendihões" (RACZYNSKI 115). "il n'a jamais travaillé que pour les marchands d'estamps" (id. 273). "Gravou muitas estampas devotas" (CYRILLO 227), "sem dúvida registos" (CHAVES 131). Mas INOCENCIO VII 95 as referencia um retrato do Príncipe de Brasil D. José, filho de ~~XXXXXXXX~~ D. Maria I gravado por este artista.

Um de "os nossos melhores artistas de gravura em metal" (CHAVES 131)

CHAVES 137-138 atribui-lhe um registo dos Puríssimos Corações, que reproduz. É possível que seja de Godinho. O que não é possível é que as duas personagens que se vêm em adoração sejam de D. João V e de D. Mariana de Austria sua mulher. Parece incrível que Chaves não se tenha dado conta do erro em que caiu! Em primeiro lugar, existe uma incongruência cronológica entre o reinado de Dom João V e a época de actividade artística de Godinho. Em segundo lugar, é de ver que, na gravura, a coroa e o cetro estão do lado da personagem feminina, a indicar indiscutivelmente que se trata de D. Maria I e de seu esposo D. Pedro III. O errado aranzel do autor saiu também, pelos vistos, no "Arqueólogo Português" XXII (1917), p. 231-37, e na sua obra "Arqueologia artística", Lisboa 1918.

Cf CHAVES 75

Tenho dele:

- Senhora do Castelo (Coruche): Godinho f.

- Stª Margarida de Cortona: Godé f.

- Senhor Jesus da Conceição: Godinho (nome artístico)

- Stª Barbara: Godé f.

CARVALHO, T. I. = Teotónio José de - (cf. a grav. "Casa da Educação", que fez f. e "Alfama de caracteres de unânime", de ill. de José António Balazar: Teotónio José de Carvalho sculp.)

Faltam dados biográficos.

"Modesto gravador em metal, de que restam numerosos registos; o trabalho é normalmente medíocre. Popular" (CHAVES 165).

Chaves atribui-lhe: a cópia reduzida dum Espírito Santo de Godinho (144); a má cópia de um outro registo de Godinho, Santa Ana (144); um milagre do Senhor do Bonfim (156).

Tenho dele:

- Nª Senhora da Boa Viagem: Carvº f.

- Nª Senhora da Conceição: Carvº f. - Lxª

CARNEIRO DA SILVA, Joaquim

N. Porto 1727, m. Lisboa 28/10/1818.

Com doze anos foi para o Rio de Janeiro, e voltou de lá com 29, em 1756. Foi nessa altura enviado a Roma para se aperfeiçoar na pintura (Luís Sterni). Em 1760 passou para Florença. Em 1769, o Marquês de Pombal criou na Imprensa Régia uma Aula de Gravura, e Carneiro da Silva foi nomeado seu professor com o ordenado de 400.000 reis, mais 100 de gratificação por cada aluno que formas-se. Sucedeu a Ponzoni na cadeira de Desenho do Colégio dos Nobres.

Foi o primeiro mestre de Gravura em Portugal,

Também foi um dos directores da Academia do Nú.

Não era só professor da teoria. "Tinha também a sua escola aplicada nos estabelecimentos ou oficinas do Arco do Cego, oficina do Padre Veloso, que ficou célebre pelas muitas obras editadas e pelas gravuras com que eram ilustradas" (CHAVES 103).

"Foi o melhor competidor dos gravadores estrangeiros por sua arte e pelos discípulos" (CHAVES 131).

"Mestre dos melhores gravadores portugueses", teve muitos e aproveitados discípulos, entre os quais: Manuel da Silva Godinho e Raimundo Joaquim da Costa, dos quais ainda falaremos.

Um "verdadeiro artista" (RACZYNSKI 39).

INOCENCIO VII 95 ss. referencia estes retratos, gravados por Carneiro da Silva: de Afonso de Albuquerque, em 1774; do Inf. D. Henrique, na Asia de Barros, em 1778; dois do príncipe do Brasil (D. José, fr de D. Maria I), em 1787 e 1790. - Gravou a Estátua Equestre de D. José, numa chapa de 3 palmos. Fez 70 gravuras para a Arte de Picaria de Manuel Carlos de Carvalho. Gravou estampas desenhadas pelas Infantas D. Maria Ana e D. Maria Benedicta, filhas de Dom José I. Fez gravuras religiosas.

TABORDA 271

CYRILLO 31, 225 ss.

SARAIVA 352

RACZYNSKI 39=41

CHAVES 68/69 e *Tres abridores de Registos de Porto*.

Grande Encicl. Port. e Bras. s.v. SILVA

Tenho dele:

- Santa Joana Princesa: I. C. S. inv. et sculp.

- N^o Senhora da Conceição. 18 registos:
 - 2 da Loja de Francisco Luis Pinheiro quasi defronte dos Martires, n^o 27
 - 3 pequeninos (um em pano)
 - 2 copiados um do outro, gravura invertida (lojas diferentes)
 - 1 imagem da Imaculada Conceição
 - 1 da Loja de António Joaquim Ribeiro, R. da Padaria 17
 - 2 incharacterísticos
 - 2 da Travessa de São Domingos 58, Lx^a
 - 3 tipo "passe-partout" (embora o 2^o, aliás cortado em baixo, tenha o título de N^o Senhora da Visitação)
 - N^o Senhora das Dores. 16 registos:
 - tipo uma s'espada:
 - 2 do fim da Rua do Passeio
 - 2 sem qualquer indicação
 - 1 da Rua Nova do Almada 45
 - 1 com os instrumentos da Paixão
 - 1 da Rua Nova do Almada 77
 - 1 da Travessa de S. Domingos 58
 - 1 zincogravura moderna
 - tipo sete espadas:
 - 1 da Rua Nova do Almada 77
 - 1 Senhora sentada ao pé da Cruz, mas sem o Filho morto - transição para a Senhora da Piedade
 - 1 Idem, mas já com o Filho morto, e sem espadas; apesar do título, é já idêntico à Senhora da Piedade
 - N^o Senhora da Piedade (Payssonneau, Rua Nova do Almada 45)
 - N^o Senhora da Soledade (travessa de S. Domingos 58)
 - Trânsito de N^o Senhora, ou Senhora da Boa Morte
 - Assunção de N^o Senhora (3 registos. O 2^o, Rua do Ouro 6, mais parece uma Imaculada; o 3^o é da Rua do Ouro 13)
 - Nossa Senhora (3 registos tipo "passe-partout"; 2 da T. de S. Domingos 58, com espaço em branco para a invocação; um, da mesma Travessa 60, idem, mas ainda se conhecem vestígios da invocação suprimida)
- ALGUMAS OUTRAS INVOCÇÕES MARIANAS (ordem alfabética)
- N^o Senhora da Ajuda (4 reg. O 1^o é da Rua dos Retrozeiros 118. O 3^o e 4^o põem-se aqui pela similhaça da imagem)
 - N^o Senhora do Carmo (4 reg. O 1^o é da Loja de José Luis Pinheiro "nas Casas do Robin, o Xiado". O 2^o da R. do Passeio. O 4^o tem legenda impressa a tipo móvel)
 - N^o Senhora da Consolação, com St^o Agostinho e St^o Mónica
 - N^o Senhora da Graça (4 reg. O 1^o, Virgem do Leite, é da "Loja de José da Fon. c^o o Arsenal"; o 2^o e 3^o são iguais, da Praça de D. Pedro 91, mas o 3^o é pintado e com espaço obtido no fundo para standardizar; alguém pôs a lápis "N. Senhora da Divina Providencia da Alegria", sendo de facto estas imagens umas Senhoras do Rosário sem ele - cf supra, Registo local, BARREIRO, no fim; o 4^o segue o processo anterior (invocação impressa) e é da Travessa de S. Domingos 58)
 - N^o Senhora de La Salette (da Rua Nova do Almada 45)
 - N^o Senhora de La Salette (Lith. Travessa dos Gatos N^o 3)
 - N^o Senhora Mãe dos Homens (fim da Rua do Passeio - pintada)
 - N^o Senhora das Mercês (da Rua Nova do Almada 45)
 - N^o Senhora de Monserrate (bela estampa, com as armas reais portuguesas)
 - N^o Senhora dos Remédios (2 reg.)
 - N^o Senhora do Rosário (2 reg. No 2^o parece ler-se ao canto Carvo f.)
 - Nossa Senhor (Coração de Maria, c/ listel em branco)
 - Nossa Senhora (da Cadeira; falta a legenda, por vício de impressão)

2 - NORTE

Centro de BRAGA

- Braga (Congregados?): Nª Senhora das Dores
- Carreira (conce de Famalicão): Santo Amaro (zincograv. moderna s/ regã ante)
- Guimarães: Madre de Deus (2 reg.) - *Senhora da Oliveira*
 - S. Torquato (litografia)

Centro de COIMBRA

- Coimbra: Ss Mártires de Marrocos (cf Reg. Artísticos - CARPINETTI)
 - Rainha Santa Isabel (Lith. A. Costa, Coimbra)

Louriçal: Nª Senhora da Boa Morte (2 reg.)

Centro do PORTO

- Porto: S. João Baptista (Da Rua Direita de Vila Nova, Porto. - O São João do Porto não tem igreja própria: é Santo popular, que se celebra ao ar livre, nas "cascatas", mas tem ou tinha tres locais onde os festejos se concentravam: Cedofeita, Lapa e Bonfim)
 - Bonfim (igreja do -): Santa Clara V. M. (2 reg., um antº, outro modo)
 - Boa Nova (capela da -): Retrato da Imagem do Salvador da -
 - Ferro (Recolhimento das Convertidas): Nª Senhora do Resgate e Livramt
 - Lapa (igreja da -): Nª Senhora da Lapa
 - Santo Ildefonso (igreja de -): Imaculada Conceição
 - São Francisco (igreja de -): Ss Mártires de Marrocos (fotogravura)
 - Senhor Jesus das Chagas
 - Sª: Santa Luzia (2 reg.)
 - Vitória (S. Bento da -): Imaculado Coração de Maria
 - Divina Pastora
- Amarante: São Gonçalo de - (2 registos + 1 "Que se venera na sua Capella de *Esquilhães. Senhora da Pedra* Jogueiros")
- Matosinhos: Senhor Jesus de -
- Meinedo: Santo Tirso
- Paiva (fregª de S. Pedro do Paraíso): Santa Eufêmia (3 registos; o 2º é da Rua Direita de Vila Nova - cf o 1º do PORTO - e o 3º é zincogr.moderna)
- PenaFiel (fregª de S. Paio de Portela): Nª Senhora das Neves ou dos Milagres
- *Atijua; Senhora do Socorro*

8/ INVOCACÕES GERAIS

1 - MISTÉRIOS DE CRISTO

- Menino Jesus dos Atribulados (cf Reg. Artísticos - SANTOS)
- Paixão: Senhor da Piedade
 - "Ecce homo"
 - Senhor Morto (fim da Rua do Passeio, Lxª)
 - 2 gravurinhas em pano
 - Chagas (Fábrica de Estampas da Rua do Passeio, Lxª)
- Santíssimo Sacramento
- Coração de Jesus coroado de espinhos

2 - MISTÉRIOS DE MARIA

- Fuga para o Egito (ou Senhora do Desterro)
- Sagrada Família

- São Sebastião Adeogado da Peste
- São Tiago Apostulo
- Stª Verónica V. (Loja de Mathias Ribeiro, R. da Pedaria Nº. 17)

3.- SANTOS

Primeiro Anjos, depois Santos e Santas por ordem alfabética.

- Anjo da Guarda (Rua Nova do Almada 45)
- St^o Amaro (Loja de Ant^o Joaquim Ribeiro, R. da Padaria 17, Lisboa)
Outro, sem qualquer indicação. *Outro, idem.*
- St^o Antônio (Casa de Francisco Manuel ao Passeio em Lisboa)
Outro, sem qualquer indicação
- St^o Bárbara (Antônio Joaquim Ribeiro, R. da Padaria 17)
- São Benedito (Francisco Manuel, Passeio, Lisboa)
- São Bento: 2 reg. inspirados um no outro (populares)
2 reg. iguais, um colorido (Loja de José Luís Pinheiro, nas
1 reg. em seda Casas do Rubim ao Chiado)
2 reg. inspirados um no outro (populares)
1 reg. popular (claustro)
1 reg. da família dos dois primeiros
1 reg. "Em Louvor de S. Bento
Que as formigas não venham cá dentro"
- São Bento José Labre
- São Bernardo
- São Brás, Advogado da garganta
- St^o Brígida, "que se venera no Seminário Episcopal"
- São Caetano (colorida à mão)
- São Domingos de Gusmão
- São Francisco d'Acis (Loja de Mathias Ribe, Rua da Padaria 17)
- St^o Gertrudes Magna
- St^o Inês
- São Jacinto
- São José (tipo canto quebrado - cf estampas holandesas) - 2 reg.
- São Lázaro, Bispo
- São Lázaro, Advogado de Lepra Morffea e Mal de Pelle
- St^o Leocádia (Francisco Manuel, Passeio) - cantos quebrados, tipo hol.
- St^o Libânia (tipo cantos quebrados)
- São Luís Bispo (R. dos Retrozeiros, Loja nº 118, Lisboa)
- São Manoel
- St^o Mariana
- St^o Marta, "advogada das fevers agudas e sezoes"
Outro, colorido, "Advogada contra febres e epidemias"
- São Nicolao Bispo de Myra (R. da Padaria Nº 17)
- Bto Nuno Álvares Pereira
- St^o Onofre (Loja de J.A.F. Gradil (T. de S. Domingos 22 ao Rocio)
- São Pedro de Alcandara
- São Pio V (Rua do Ouro, Loja Nº 6, Lisboa)
- St^o Quiteria V. et M.
- St^o Rita de Cassia (Rua do Ouro 6, Lisboa)
Outro, sem qualquer indicação

NEVES, Joaquim Manuel das -

Nat. de Lagos, m. no Brasil em 1852.

Depois de trabalhar na fábrica de Vista Alegre, estabeleceu no Porto uma Aula de Desenho, dedicando-se então à gravura em vidro, em metais, etc. (Grande Encicli. Port. e Bras.)

Tenho dele:

- S. Vicente Mártir: J. M. das Neves.

- Serão dele as duas estampas seguintes, assinadas só Neves?
Santo Ovídio: Neves.
São Brás (a pointillé): Neves gr.

COSTA, Raimundo Joaquim da -

N. Lisboa 31/8/1778, m. Porto 8/4/1862.

Teve por mestres de gravura Eleutério Manuel da Barros e Joaquim Carneiro da Silva. Em 1804 veio para o Porto como substituto da cadeira de Desenho (de então proprietário José Teixeira Barreto) da Nova Real Academia de Marinha e Comércio do Porto; por morte de Teixeira Barreto (6/11/1810) subiu a efectivo, ocupando esse lugar até 1832. Sendo legitimista, quis deixar os cargos públicos quando triunfou a causa liberal. - Quando morreu, estava quase cego; à medida que a vista lhe ia faltando, R.J. da Costa agregava aos seus trabalhos sua filha Camilla.

"Desenhou com muita graça, tanto cópias por estampas como pafes pelo natural" (Artigo necrológico no "Diário Mercantil", Porto 4/6/1862, no livro de PEDRO VITORINO, José Teixeira Barreto, 1925, p. 65 ss.).

RACZYNSKI 61

CHAVES 69, 162; - Tres albricões de "Registos do Porto, Con. 51946 (BPM Porto, C.P. 1326)
em 7. inventaria 36 del. J. da Costa.

Tenho dele, dele e da filha, e só da filha:

- (7) cf. Quineros
del. J. J.
- Milagrosa Imagem do Bom Jesus do Monte: R. J. da Costa gravou. Junho 2º
o Crucificado de Sequeira, "bem conservado pelo gravador Raimundo Joaquim da Costa e desrespeitado por subsequentes gravadores anónimos", da que fala CHAVES 137 e sobretudo 147/48. (1)
 - N.ª Senhora da Lapa: Raimundo Joaquim da Costa grav. Porto 1836.
 - Ss. Mártires de Marrocos: R. J. da Costa grav. Porto.
 - N.ª Senhora da Conceição da Rocha (da Igrja da Graça, Porto): Costa sculp: Porto. - Cf. "O Tiquinho", 3.ª série, 2.ª (1923) p. 167.
 - St.ª Teresa e St.ª Clara em adoração ao SSac: R. J. da Costa grav. Porto.

LIMA, Teodoro António de -

Roquido SARAIVA foi nat. de Lisboa e discípulo de João de Figueiredo, abridor de Cunhos no Arsenal. Em 1801 era abridor de chapas na Casa Literária de Cego, fazendo parte do corpo de gravadores deste estabelecimento quando foi incorporado na Imprensa Régia (Encicl.). - Foi também dos melhores discípulos de Bartolozzi, frequentando a Escola de Gravura por ele dirigida junto da Imprensa Régia. - Foi professor de Desenho na Escola Militar de Luz e no Colégio dos Nobres (sucessor de J. Carneiro da Silva).

Desenhador muito correcto e um dos nossos melhores gravadores da primeira metade do séc. XIX" (Encicl.).

Tem o frontispício e estampas no Breviarium Romanum da Typ. Régia 1815 e no Missale Romanum da mesma 1820. - Nas colecções de gravuras (Sociedade Martinhermanto, Conselho de Arte e Arqueologia, conde de Almarjão, dr. Alberto Macedo, Fernando Enes, cor. H. Ferreira de Lima, etc.) encontram-se gravuras dele, versando sobretudo assuntos religiosos.

SARAIVA 356/357
RACZYNSKI 25, 29, 172
Grande Encicl. Port. e Bras.

Tenho dele:

- Ms Senhora da Arrábida: Theod. de Lima sculp.

AGUILAR, Manuel Marques de -

N. Porto 1767, m. Lisboa c. de 1816.

Foi aluno da Escola de Desenho (da Companhia das Vinhas de Alto Douro) até 1793. Depois estudou em Londres com o gravador Tomás Milton, até 1796 ou 97. Trabalhou na Casa de Gravura anexa ao Real Museu e Jardim Botânico, quando dirigido por Félix Avelar Brotero. São conhecidas mais de 50 chapas suas, umas delas simples registos de Santos; mas também gravou Retratos dos Reis.

Teve um filho, João Balbino de Aguilar, também gravador e abridor de buril.

INOCENCIO VII 99 referencia como dele 2 retratos de D. João VI, mais um de D. Maria Francisca Benedicta (1817) e dois de D. Carlota Joaquina, um talvez anterior a 1800, outro posterior (supõe Inocencio que de 1812). Se aquela data do retrato de D. Maria Francisca está certa, de duas uma: ou temos de reaver a data da morte do nosso artista para depois de 1816, ou de atribuir a paternidade do retrato ao filho João Balbino.

GYEILLO 292, 257
RACZYNSKI 190-191
CHAVES 58, 95
Grande Encicl. Port. e Bras.

Tenho dele:

- Retrato de D. João VI, a pointillé, com as letras em grande: V. O P. R.
= Viva o Príncipe Real! Assin. Aguilar f.

Francisco J. Bruno

Guar. do Preto

- *Zenaides macrurus imitator* 5 capturas dele

11 D. Trujillo, V, 9°, 12%

- *Momocid Rodulphus* Stromer gr. regula orto
(St. gono 3 plata) (lib. ... 157)

QUEIROZ, Gregório Francisco de Assis e -

CHAVES faz grande confusão, desdobrando-lhe o nome e fazendo de um artista dois: um chamado Gregório Francisco de Assis, e outro chamado Gregório Francisco de Queirós: "Assis e Queirós, estes trabalhando em comum ou individualmente" (131); e, referindo-se aos supostos dois mais a Godinho: "Estes três gravadores foram os nossos melhores artistas de gravura em metal" (14.) e a pág. 136: "Gregório Francisco Queirós, 1768-1845; Assis, que muito gravou em companhia de Queirós" - Tanto em companhia que... era ele mesmo! O que acontecia era o seguinte: como o nome era comprido, às vezes suprimia o Assis e assinava: Gregório Francisco de Assis Queirós; outras vezes assinava o nome completo, e então, para não repetir o de, punha: ... de Assis e Queirós. Apesar de que SARAIVA nos dá uma assinatura dele, em que o a aparece, mesmo sem o Assis: G.F. e Queiroz. O a não é supletiva, a indicar dois artistas, mas faz zarte do onomástico total de um só.

N. Lisboa 1768e af m. em 29/3/1845.

Foi discípulo, no desenho e gravura a água-forte, de Jerônimo da Barroca Ferreira. Mandado pelo Governo a Londres, ali teve por Mestre Bartolozzi (1796 - Par Dec. de 25 de Jan. de 1802, foi fundada na Imprensa Régia, de que se encarregou D. Rodrigo de Sousa Coutinho, uma Escola de Gravura; dela foi nomeado Director Bartolozzi, que nesse ano chegara a Lisboa, tendo como substituto (com o título de Ajudante) ao nosso Queirós, seu ex-discípulo.

Executou inúmeras gravuras de merecimento desigual, desde 1792 (Enciclop.).

"Este artista foi dos mais notáveis do seu tempo, o melhor discípulo do grande Bartolozzi e, sem dúvida, o melhor de todos os gravadores portugueses" (Grande Enciclop. Port. e Bras.)

- 1792, D. Eusébio Luciano de Carvalho Gomes da Silva, bispo de Nanquim;
- 1799, Norte de S. Luís de Gonzaga, s/ desenho de Sequeira;
- 1810, Distribuição da sopa em Arroios, s/ desenho de Sequeira;
- 1825, Cyrillo Volkmar Machado, retrato que vem à frente da sua obra, s/ pintura de M. Servam (1791).
- 1827, "Ecce homo", de Sequeira.
- 1841, retrato de D. Luís da Cunha e deixou inacabada a gravura do quadro de Sequeira "Chegada de D. João VI a Portugal".

OP. CYRILLO 235
SARAIVA 349
RACZYNSKI 237, 238, 239
CHAVES So. 163 e passim.
Grande Encicl. Port. e Bras. s.v. Queirós.

Tenho dele:

- Stª Maria Madalena da Palpeira: A.J. Pereira del.
G.F. de Queiroz Grav. de S. Mag. e da R. Cam. sculp.
- Nª Senhora da Conceição: G.F. de Queiroz sculp.
- Adoração universal do S. Coração de Jesus (reprodução fotografada):
G. F. de Queiroz Grav. de S. Mag. fez. LRF 1850.

* = *Bom Jesus do Monte (Braga)* } J. A. de Aguiar 1ª Pintor da Cam. de L. e
ed. F. de Queiroz sculp. em 1812.

CHAVES 137 e 140/146 refere-se a este desenho de Aguiar, mas não cita a grav. de Queiroz; citando outras.
- 17. ESTA SANTA RAIMUNDA FORQUIM
SANTOS 137. 140

QUINTO, António José -

Faltam dados biográficos.

INOCENCIO.VII, referencia-o como autor duma série de retratos dos Reis de Portugal, desde o Conde Dom Henrique até D. Maria I, que ilustram os Biálogos da série História de Pedro de Mariz (1806).

Também há gravuras dele nas colecções de retratos: Mercis de 20 e 25, assim como um retrato de D. João VI e/ pintura de Pellegrini. *Também tem grav. nos Albuns de Santo Agostinho (1 grav.).*

"Bom gravador; ao que parece, discípulo de Queirós" (CHAVES 167). "De nascimento" (id. 168).

Tenho dele:

- Sagrado Coração de Jesus: Quinto gr.

- *Sto. Agostinho (no 1º apontado, a grav. não tem a assinatura; mas a 2ª edição francesa ind.*

NEVES, Francisco da Silva -

Faltam dados biográficos.

Trabalhava para a Casa de Francisco Manuel, ao fim da Rua do Passio, em Lisboa, "a mais fornecida de registos dos melhores gravadores" (CHAVES 141)

"Razoável em gravura a traço, inferior no pointillé" (id. 167).

Tenho dele:

- Na Senhora da Silva e Rainha Sta. Mafalda: F. S. Neves fecit na Paris.

Serão dele ou do seguinte, os dois registos que tenho assinados só Neves?

VENTURA DA SILVA

"Foi discípulo apreciável de Carneiro da Silva" (CHAVES 165).

de quem também era sobrinho

"Gravador e desenhador. Gravou uns registos e desenhou outros, cujo gravador foi Santos, do Porto" (CHAVES 171); *cf. tres abstracos.*

CYRILLO 227
RACZYNSKI 40, 276, 294.

Tenho dele:

- Licença: Ventura SA inv. - Santos, Porto.

SANTOS, João José dos -

N. Lisboa 1806; não se sabe a data da morte.

Foi agregado à aula de Gravura Histórica da Academia das Belas Artes. Em 1844 foi encarregado de gravar um quadro de Paio Peres Correia e suas faganhas. Amigo pessoal de Raczyński, acompanhou-o a várias terras do país, nas suas digressões artísticas. Também foi escritor. (Cf. Gr. Encicl. Port. e Brae.)

cf. Santos em reg. de 1861.

cf. QUAREZ e COSTA

CHAVES 146, elogiando-o de bom gravador, aponta esta cronologia, que supõe relativa à obra do artista: 1851-1864. E diz que, tal como R. J. da Costa, também gravou uma imagem do Bom Jesus do Monte, de Sequeira. *Tenho, mais ou menos, um formato maior, que tem a assinatura Segueira, no Angulo superior. 115 1864.*

São dela, se bem interpreto as iniciais monogramáticas, os dois registos:

- N.ª Senhora da Pena (Lisboa): Lisboa 1855. JJS sc.

- Inaculado Coração de Maria: JJS.

- N.ª Senhora dos Sonos (capela de S. Roque do Charnal da Mourinha): JJS sc. - *Alondras para pela casa F. J. Gomes em 1873. (= 118; 1853).*

- N.ª Senhora da Conceição (Lisboa, Santa da ~~capela~~ *capela*): JS sc.

SANTOS, SENEZ

Não consigo identificar, mas pela maneira de datar, deu-se a J. dos Santos

Tenho dele:

- N.ª Senhora da Conceição da Pedra (Freixial, Bucelas): Santos Senior 18¹⁵

(*) 13/6/1859. Foi pelo artista gravada e oferecida a mesma Senhora para sua maior devoção.

+ Santa Filomena (S. Fiel): Santos sr. 1857.

- Stª Senhora da Graça (conv. dos Remédios, Braga): R. J. da Costa grv. Porto.
 - São Sebastião: R. J. da Costa grv. Porto 1850.
 - Senhor dos Passos (S. João Novo, Porto): R. J. da Costa, e sua filha Camilla gravarã.
 - Stª Senhora de La Salette: R. J. da Costa e filha grv. Porto Rua das Virtudes Nº 2.
 - Stª Senhora da Graça (outra; cf. supra): R. e sua filha Camilla grv. Porto.
- Senho António: Camilla grv. - Tenho ~~outra~~ outro ex. em papel diferente, que quise-
ra servir à Irmandade da Falperra (Stª Antónia dos Esquecidos):
Camilla grv. Porto. 1850.
- Stª Senhora do Patrocinio (Luzadas do Bodegal, Porto): ~~mesmas indicações.~~

VILA NOVA, Joaquim Cardoso -

"Do Porto. Pela composição e velatura do desenho, diz-se-lhe um admirador de Carriêra". "Foi pintor e litógrafo", "de nascimento" (CHAVES 168)

Em 1832 a "Imprensa Litográfica de Joaquim Cardoso Victoria Vila Nova" (ou Vilanova). "gravador e pintor" (CHAVES 175)

Tenho dele:

- São Sebastião: J. C. Vila Nova del. e sculp. Porto 1820

SILVA BRAGA, A. P. -

Faltam dados biográficos.

"Sem gravador. Sem notícia conhecida". - "gravador de nascimento"
(CHAVES 165).

CHAVES 190 localize em Lisboa uma Lith(ographia) de Silva Braga. Seria dele?

Penho dele uma:

- Nº Senhora das Necessidades: Silva Braga grav.

SILVA
BRAGA

Não encontro referenciado.

Penho dele:

- Santo André Avelino: Francisco Silva del. et sculp.

MORAIS, Manuel de -

Faltam dados biográficos.

"Do Porto. Gravura medíocre. Artista popular" (CHAVES 167)

- São Lázaro: Manoel de Moraes Gravou no Porto.

PARDAL, J. C.

Falta de dados biográficos.

CHAVES apenas cita Pardal entre os editores e fabricantes de registos de Lisboa: Estamperia de J. C. Pardal (p. 183). Mas na estampa que possui, aparece como gravador, com assinatura e data:

- N.ª Senhora das Felicidades (conv. do Desagravo, Lisboa): Pardal f. 1858.

Registos do Porto, nos q. proximam. Evidentemente a inventariação de 5 registos, cuja qualidade é muito desigual... A maioria de vezes muito estranha e até mesmo infundada por quili dades, para mostrar o desenvolvimento posterior.

SANTOS (do Porto)

citado por CHAVES 171, de passagem, a propósito de Ventura da Silva. E mais nada, de tão operoso gravador e editor de registos, *afirma com factos abreviados etc.*

Digo "gravador e editor". De facto, há estampas (a maior parte) em que figura com fecit - que habitualmente quer dizer gravou; há outras em que figura com excudit, que normalmente significa imprimiu; finalmente, outras há em que apenas aparece o nome, podendo o facto ser interpretado como sendo ele o editor.

Assim, tenho dele:

1. Registos em que figura com fecit:

- Bom Jesus da Paciência: ... (rota) a fec. Porto.
- outro: - - - - - Santos f.
- outro (grande) - - Santos f. - Porto.
- Nª Senhora do Livramento, da Sé de Braga; Santos f.

Das duas primeiras estampas do Bom Jesus da Paciência, e desta Nª Senhora do Livramento, as ex. que tenho trazem data, posta à mão, de tinta antiga, respectivamente: 1822, 1825, 1826. (1)

- Nª Sra da Paz - matriz (1820) - Porto

- Senhor de Jetosinhos;
- SSªs Coração de Jesus;
- Menino Jesus e S. João Baptista;
- Nª Senhora da Vitória;
- Santo Agostinho;
- S. João Baptista;
- São Gregório;
- São Bento (quatro);
- São Brás (dois);
- Santa Clara;
- Santa Delfina;
- São Francisco (29);
- São Luís Rei de França;
- São Marçal (cf. J. G. de Lemos);
- Stª Margarida de Cortona;
- São José (2º);
- São Pedro;

- S. Filipe e São João - duas vezes, com uma reprodução, tirada de 1825. (1)

Santos f. ou fec. ou fecit
com ou sem Porto

- cf. 1º volume

2. Registos em que figura com excudit:

- Família Sagrada;
- Santa Agueda;
- São Francisco de Assis (19);
- Santa Isabel;
- São José (19);

Santos ex. ou exc.
com ou sem Porto

3. Registos em que apenas aparece o nome:

- Menino Jesus dos Atribulados;
- Nª Senhora do Pilar;
- Nossa Senhora (servindo de Nª Senhora da Ajuda, Espinho);

Santos - Porto

(1) Tendo estas coisas suprimidas, o uso faz-se que o respectivo nome, ou inscrição, sempre notada nos casos particulares a determinar a feitura; tal costume ainda está vivo no Porto entre os feitores, em certos meios, e nos comunidades religiosas.

MORAES, Manuel de -

Faltam dados biográficos.

"O Porto. Gravura medíocre. Artista popular" (CHAVES 167)

Não compartilho a mesma opinião, em face da gravura que tenho:
- São Lázaro: Manoel de Moraes Gravou no Porto.

PARDAL, J. O.

Falta de dados biográficos.

CHAVES apenas cita Pardal entre os editores e fabricantes de registos de Lisboa: Estamparia de J. O. Pardal (p. 183). Mas na setença que possui, aparece como gravador, com assinatura e data:

- N.ª Senhora das Felicidades (conv. do Desagravo, Lisboa): Pardal f. 1858.

PONTES, Constantino de -

Gravador da 1ª metade do séc. XIX. Há trabalhos seus na coleção dos Heróis de 20 e na dos Heróis de 23. (Grande Encic. Port. e Braz.)
"Gravou razoavelmente a talha-doce e a Pointillé" (CHAVES 166).

Suponho ser dele a gravura que tenho:
- N.ª Senhora das Dores: Pontes f.

LEMOS, J. C. de -

Faltam totalmente os dados biográficos.
"Do Porto. Bom gravador" (CHAVES 167).

Tenho dele:
- São Margal: J. C. de Lemos, gravou, Porto.

SALVADOR, Emanuel

"Gravou um desenho de Vieira Lusitano para registro. Sem gravador e talha
doce" (CHAVEZ 147)

O aludido registro é de S. Sebastião e vem reproduzido por CEAVIS (entre
págs 60/61); junto à assinatura de Vieira RANEX Lusitano vem a data: 1767.

Os dois registros que tanto não vêm assinados; mas ressalta à vista, por
comparação, serem interpretações de outros gravadores da gravura de Ema-
nuel Salvador: - se não do original de Vieira Lusitano.

Coleções de Registos

1) Numerar os albumos

2) Numerar as folhas

3) Organizar uma índice geral:

1. Índice de diários

2. Índice e invocações manuais

3. Genérica

Ordem geralmente alfabética,
indicando o n.º do album, antes
e o n.º da folha, depois.

Para eu fazer. se quiser. fol 97-EM

COLECCÃO DE REGISTOS

Gravuras alemãs

A. V. = Augusta Vindelicorum: Augsburgo

C. P. S. O. M. = Cum privilegio suae Caesaris Majestatis

1. KLAUBER

Encontro as seguintes indicações:

Klauber sc. (sc. = abriu ou gravou)
Klauber sc. et exc. (sc. et exc. = abriu e imprimiu gravou)
Klauber Cath. sc. et exc.
I. X. Klauber Jun. Cath. sc. et exc.
Jos. et Joa. (ou Joan.) Klauber Cath. sc. et exc.
Fratres Klauber excut.

A) AGRUPADAS FORA DO ALBUM

- Foram recortadas nos dois álbuns album - Fox 92 - 54

- a) Devotos de Maria. Coleção de estampas em um pequeno volume, de Junho a Dezembro, porém nem sempre os dias estão seguidos. Muito aparadas, e por isso parcialmente estragadas.
- b) Radix Jesse. Estampas numeradas de 1 a 4.
- c) Símbolo dos Apóstolos. Estampas num. de 1 a 13. Completo.
- d) Obras de misericórdia. Só tenho: 1, 2, 3, 5, das corporais e 1, 3, 7, das espirituais.
- e) Novíssimos (texto em alemão). 4 estampas. Completo.
- f) Cântico "Benedicite". Estampas numeradas. Só tenho de 1 a 11 e 13.
- g) Vida de Ste Agostinho. Estampas num. de 1 a 17. Completa. Traz a indicação do autor dos desenhos: Joh. Anwander inv. et del. Klauber foi apenas o gravador (abridor e impressor).
- h) Estações da Via Sacra. Estampas num. Só tenho a 14 (XIII estação).
- i) Ladainha de Nª Senhora. Incompleta. Só tenho as estampas 10, 12 a 21 e 23 a 56.
- j) Ladainha de Nª Senhora. Completa (para o tempo). Encadernação bastante aparada, de modo que a numeração está cortada em quase todas as estampas. - As duas edições distinguem-se muito uma da outra, não só nos desenhos, mas ainda porque, enquanto a primeira traz Klauber e sem a indicação do privilégio, a segunda traz Jos. et Joa. Klauber e as iniciais do privilégio. Mas não sei qual a ordem de precedência cronológica.
- l) Apostolado. Estampas coloridas à mão, num. de 1 a 12. Fratres Klauber.
- k) Várias. Séries truncadas. 22 estampas.
+ Uma bela estampa de S. Bento, encadernada: J. W. Baumgartner del. Klauber Cath. sc. et exc.

B) AGRUPADAS NO ALBUM

35 est. avulsas, agrupadas por famílias de semelhança artística. De notar os grupos: Quatro grandes Doutores; Fundadores; etc.

Numa est. (Vater amabilis) aparecem:

1. O autor: Christophorus J. J. Inver (Invermit);
2. O gravador: et del. Beckini (Beckinavit);
3. O gravador impressor: Klauber Cath. sc. et exc. (Invermit et excudit)

2. ENGELBRECHT (M. ou Mart.)

A) AGRUPADAS FORA DO ALBUM - *Foram reunidas nos dois últimos albums - Fol. 97 - EM*

- a) Vita et admiranda Historia S. P. Francisci. Estampas numeradas de 1 a 8 e de 10 a 13.
- b) "Magnificat". Estampas num. de 1 a 10; falta a 4.
- c) "Pater noster". Só tenho a est. 5, Panem nostrum.
- d) Ladainha de NA Senhora. Só tenho a est. 48: Regina Angelorum - e 52: Regina Martyrum

B) AGRUPADAS NO ALBUM

6 est. Estão num. mas creio que o número é referente a séries editoriais e não a assuntos seguidos.

3. GOZ JUN. 1 est.

4. I. A. P. 2 est.

5. IOH. MARTIN WILL. 2 est.

COLECCÃO DE GRAVURAS

italianae

C. P. E. S. - Cum Privilegio Eminentiae Suae (?)

- Est. 1 - Virgo Carmelitana. Editor Wagner (Ven^a = Veneza?)
2 - S. J. Nepomuceno. Autor Fran. Majotto; Grav. Antonius Baratti; Editor Wagner.
3 - ? - Autor Novelli; Grav. Daniotto.
4 - ? - Autor Novelli; Grav. Baratti.
5 - St^a Escolástica. Autor Fra Galinber; Grav. Car. Orsolini.
6 - Consagr. ao S. Cor. de Jesus. Autor? Grav. Gio. Petriani.
7 - Salvador do Mundo. Anônima.
8 - N^a S^a de Mondevi. Editor (depositário) Benoit Greber, Turim.
9 - S. Bento. Autor ? Grav. Alessan^o Mochetti. Depoe. G. Antonelli, Roma
10 - St^e Elói. Autor Andrea Crati. Grav. Carlo Gregori (reprodução moderna)
11 - S. Bento. Autor P. Perugino. Grav. N. Sangiorgi.
12 - Madona della Sedia. Autor Raphael S. Urb. Grav. Pietro Fontana. Dep. Piale, R
13 - St^e Angelo. Autor E. Pianella. Grav. J. Amillo.

COLECCÃO DE REGISTOS

Gravuras holandesas

GALLE (Cornélio)

- a) tipo cantos quebrados: 13, sendo 12 em formato pequeno e 1 em formato grande (11 em pergaminho e 2 em papel)
- b) tipo rectangular - - : 8, sendo 7 em formato pequeno e 1 em formato grande (7 em pergaminho e 1 em papel)

VAN MERLEN (Thomas)

- a) tipo cantos quebrados: 6, sendo 5 em formato pequeno e 1 em formato grande (pergaminho)

VAN MERLEN (Cornélio)

- a) tipo cantos quebrados: 9, sendo 5 em form. peq. e 4 em form. grande (pergaminho)
- b) tipo rectangular - - : 4, sendo 3 em form. peq. e 1 em form. grande (pergaminho)

VAN MERLEN (Corn.) e A. GOETIERS

- a) tipo cantos quebrados: 1, formato grande, em papel.

A. GOETIERS

- a) tipo cantos quebrados (cheios): 1, formato grande, em pergaminho
- b) tipo rectangular: - - - - - 1, formato grande, em pergaminho

HUBERTI (V. G.)

- a) tipo cantos quebrados: 3, formato pequeno, pergaminho

HUBERTI (Franc.)

- a) tipo cantos quebrados: 4, sendo 2 em form. peq. e 2 em form. grande (pergaminho)
- b) tipo oval - - - - - : 1, formato grande, pergaminho

DE MAN (Jacobus)

- vários tipos - - - - : 4, sendo 1 em form. peq. e 3 em form. grande (pergaminho)

FRUIJTIERS (L.): 1

WIELANS (Av.) : 1

todas em formato pequeno, pergaminho

BUNEL (A. M.) : 1

(Ass. ilegível): 1

ANÓNIMOS: - - - 5, sendo 4 em formato pequeno e 1 em formato grande, em pergaminho.


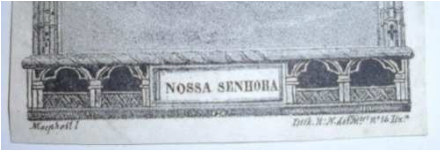
**APÊNDICES
FICHAS DE INVENTÁRIO**





Ficha Inventário nº 1 – Ficha de coleção

Denominação da Coleção	Registos de Santos
Proprietário	Eurico Malafaia
Super-categoria	Artes Plásticas, Artes Decorativas
Categoria	Gravura
Título	«Coleção de Registos de D. Gabriel de Sousa»
Descrição	Coleção constituída por 81 registos de santos gravados, acompanhados por folhas de papel datilografadas pelo colecionador
Autoria	Vários autores nacionais e estrangeiros
Época	Séculos XVIII - XIX
Suporte	Papel e pergaminho
Técnica	Várias técnicas de impressão (água-forte, buril, litografia, fotogravura, entre outros)
Estado de conservação	Variado
Origem	Coleção reunida por D. Gabriel de Sousa
Exposições	- «Registos: A coleção de D. Gabriel de Sousa (1912-1997)», 1 a 29 de março de 2012, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Palácio da Independência, Lisboa



Ficha Inventário nº 2

Evocação	Nossa Senhora	 
Inscrição	<i>Nossa Senhora</i>	
Subscrição	<i>Macphail J./ Lith. R^a N. dos M. ^{tes} n^o14 Lx.^a</i>	
Autoria	João Macphail (a. 1843 – m. 1856)	
Gravador/ Impressor	João Macphail (a. 1843 – m. 1856)	
Casa de Comércio	Macphail J./ Lithographia da R ^a N. dos M. ^{tes} n ^o 14, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Litografia	
Dimensões (alt. x lar. cm)	7 x 11,5	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (n ^o inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 3

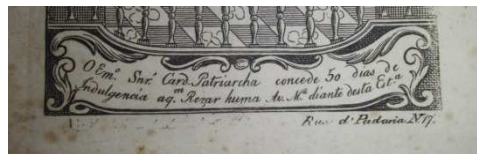
Evocação	Coração de Santa Teresa de Jesus	 
Inscrição	<i>Copia fiel do Coração de St^a Thereza de Jesus segundo o seu tamanho e figura. Venera-se no R^{al} Convento de Carmelitas Descalças de Alvanes.</i>	
Subscrição	<i>Dias, Lith^o /Lith. r. dos Douradores, 6</i>	
Autoria	Dias da Costa (?) (Séc. XIX)	
Gravador/ Impressor	Dias da Costa (?) (Séc. XIX)	
Casa de Comércio	Rua dos Douradores, 6, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Litografia	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 24,5	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 05527	

Ficha Inventário nº 4

Evocação	Nossa Senhora da Piedade das Escadinhas do Carmo	 
Inscrição	<i>Nossa Senhora da Piedade das Escadinhas do Carmo / O Em.^{mo} Snr. Cardial Patriarcha concede em todos os dias do anno a toda a pessoa que visitar esta milagrosa Imagem 40 dias de Indulgencia, e 100 no dia da festa, que se faz a oito de Setembro.</i>	
Subscrição	<i>Manoel Freire f. (?)</i>	
Autoria	Manuel Freire (?) (a. 1721?-1777?)	
Gravador/ Impressor	Manuel Freire (?) (a. 1721?-1777?)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 13,5	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02958	

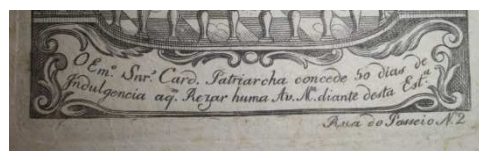
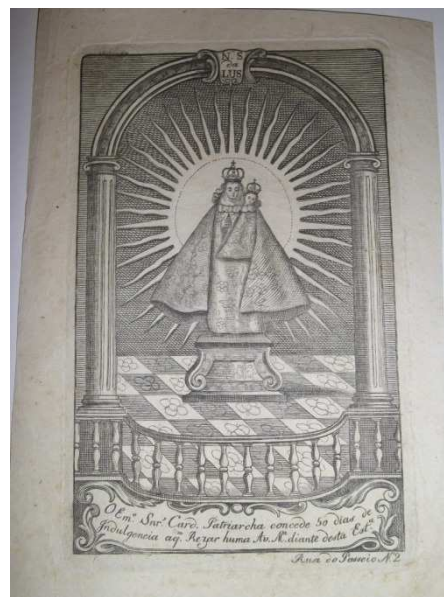
Ficha Inventário nº 5

Evocação	Nossa Senhora da Luz
Inscrição	<i>N. S. da Luz / O Em^o Snr.^o Card. Patriarcha concede 50 dias de Indulgencia aq.^m Rezar huma Av. M.^a diante desta Est.^a</i>
Subscrição	<i>[Na Fábrica de Ant^o Joaquim Ribeiro (?) (rasurado)] / Rua da Padaria N. 17.</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Na Fábrica de Ant ^o Joaquim Ribeiro (?) (rasurado)] / Rua da Padaria N. 17.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	12,3 x 18
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02695-02700




Ficha Inventário nº 6

Evocação	Nossa Senhora da Luz
Inscrição	<i>N. S. da Luz IO Em^o Snr.' Card. Patriarcha concede 50 dias de Indulgencia aq.m Rezar huma Av. M.^a diante desta Est.^a</i>
Subscrição	<i>Rua do Passeio N. 2</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Rua do Passeio, n. 2
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 15
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02695 -02700



Ficha Inventário nº 7

Evocação	Nossa Senhora da Luz	
Inscrição	<i>N. S.^A da Luz</i>	
Subscrição	<i>Vendem-se na Rua dos Retrozeiros Loja N.º 118, Lisboa Manuscrito: "8 de Setembro de 1885 - Na Luz."</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Rua dos Retrozeiros Loja N.º 118, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte ou fotogravura (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	14,6 x 22,2	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02695-02700	

Ficha Inventário nº 8

Evocação	Nossa Senhora da Luz
Inscrição	<i>N. S.^A da Luz</i>
Subscrição	<i>Travessa de S. Domingos Nº 60 /L.^{xa}</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Travessa de S. Domingos Nº 60, Lisboa
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte ou fotogravura (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	16 x 22
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02695-02700



Ficha Inventário nº 9

Evocação	Nossa Senhora da Luz
Inscrição	<i>N. S.^A da Luz</i>
Subscrição	<i>Travessa de S. Domingos N.º 60</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Travessa de S. Domingos, n.º 60
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte ou fotogravura (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	16 x 22
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (n.º inventário catálogo BNP)	E.S. 02695-02700



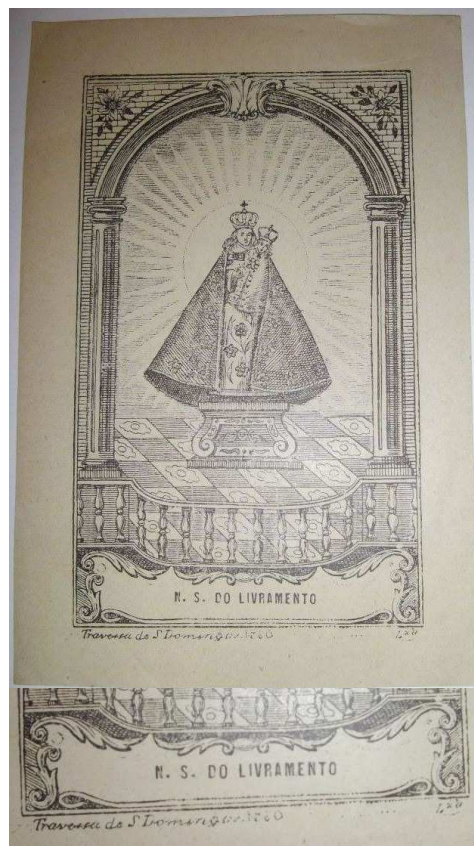
Ficha Inventário nº 10

Evocação	Nossa Senhora da Luz
Inscrição	<i>N. S. DA LUZ</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Fotogravura (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 16,1
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02695-02700



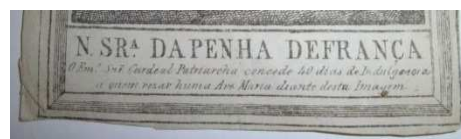
Ficha Inventário nº 11

Evocação	Nossa Senhora do Livramento
Inscrição	<i>N. S. DO LIVRAMENTO</i>
Subscrição	<i>Travessa de S. Domingos Nº 60 /L.^{xa}</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Travessa de S. Domingos Nº 60, Lisboa
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Fotogravura(?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 15,5
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 12

Evocação	Nossa Senhora da Penha de França
Inscrição	<i>N. SR.^A DA PENHA DE FRANÇA / O Em.^o Snr. Cardeal Patriarcha concede 40 dias de Indulgencia a quem rezar huma Ave Maria diante desta Imagem.</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Fotogravura (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 17,5
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	




Ficha Inventário nº 13

Evocação	Santos Máxima, Veríssimo e Júlia
Inscrição	<i>SS. Maxima, Virissimo e Julia M.</i>
Subscrição	<i>Godinho f. / Com licença da Real Meza Censoria ou Debrie Em caza de M^{el} Ant^o defronte do Jardim do Tabaco N^o 12</i>
Autoria	Debrie (a. Portugal 1731-1754) (ES)
Gravador/ Impressor	Manuel da Silva Godinho (1751 (?) – a. 1799)
Casa de Comércio	Em caza de M ^{el} Ant ^o defronte do Jardim do Tabaco N ^o 12
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte (ES)
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,3 x 9,3
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (n^o inventário catálogo BNP)	E.S. 05367-05370



Ficha Inventário nº 14



Evocação	Nossa Senhora da Purificação	
Inscrição	<i>N. S. DA PURIFICAÇÃO. / O Em.^{mo} Snr Cardeal Patriarcha concede 100 dias de Indulg.^{as} a toda a pessoa q' rezar huma Salve Rainha diante desta Image.</i>	
Subscrição	<i>Em Caza de Fr.^{co} M^{el} no fim da rua do paceio</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Caza de Fr. ^{co} M ^{el} no fim da rua do paceio	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	15,3 x 21	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 15

Evocação	Nossa Senhora da Saúde
Inscrição	<i>N. S. DA SAUDE / O Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha concede 30 dias de Indulgen.^a aq.^m rezar huma S.^a R.^a diante desta Im.</i>
Subscrição	<i>Em Casa de Franc^o Manoel o Paccio Lx.^a.</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Em Casa de Franc ^o Manoel o Paccio, Lisboa.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	12,5 x 19,5
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 03179



Ficha Inventário nº 16


Evocação	Nossa Senhora dos Prazeres	 
Inscrição	<i>N. S. DOS PRAZERES. /São Consedidas muitas graças e indulg.^{as} a q.^m vizitar a Irmida de N. S.^{ra} na S.^a(?) Dominga de S(?)^{bro}(?). O Em.^{mo} Sr. Card. Patri Conçede 100 dias de Indulg.^{cia} a q. rezar huma S. Rain diente desta Image e o Ex.^{mo} Nuçio 50 dias a quem rezar hua Ave M.</i>	
Subscrição	<i>Vendem-se na Rua dos Retrozeiros Loja Nº 118, Lx.^a</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	<i>Rua dos Retrozeiros Loja Nº 118, Lx.^a</i>	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,5 x 13,8	
Estado de Conservação	R. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 17



Evocação	Nossa Senhora da Saúde
Inscrição	<i>N. S. DA SAÚDE. /São Concedidas muitas graças e indulg.^{as} a q.^m vizitar a Irmida de N. S.^{ra} na S.^a(?) Dominga de S(?)^{bro}(?). O Em.^{mo} Sr.' Card. Patri Conçede 100 dias de Indulg.^{cia} a q. rezar huma S. Rain diente desta Image e o Ex.^{mo} Nuçio 50 dias a quem rezar hua Ave M.</i>
Subscrição	<i>Vendem-se na Rua dos Retrozeiros Loja Nº 118, Lx.^a</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Rua dos Retrozeiros Loja Nº 118, Lisboa
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	11,7 x 15,5
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	




Ficha Inventário nº 18

Evocação	Nossa Senhora dos Prazeres/ Saúde Obs: Margem inferior em branco para impressão das inscrições com segunda matriz.	
Inscrição	Inexistente	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	11 x 15,8	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 19

Evocação	Nossa Senhora do Socorro	 
Inscrição	<i>Auxil. Christian. /N. S. DO SOCORRO /que se venera /na sua Freguesia</i>	
Subscrição	[Subs: T. J. Carv ^o f.]	
Autoria	Teotónio José de Carvalho (?) (a. 1811)	
Gravador/ Impressor	Teotónio José de Carvalho (?) (a. 1811)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	11 x 15,8	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 03209	

Ficha Inventário nº 20


Evocação	Nossa Senhora da Atalaia	
Inscrição	<i>N. S.A DA ATALAIA / O Em.^{mo} Snr.^o Card. Patriarcha concede 50 dias de Indulg. aq' diante desta Im rezar.</i>	
Subscrição	<i>Vendem-se na Rua Nova do Almada Nº 77.</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Vendem-se na Rua Nova do Almada Nº 77.	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	14,7 x 21,5	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 21

Evocação	Nossa Senhora da Atalaia
Inscrição	<i>N. S.^A DA ATALAIA / O Em.^{mo} Snr. Card. Patriarcha concede 50 dias de Indulg. aq' diante dest I. reزار.</i>
Subscrição	<i>Vendem-se na Rua Nova do Almada N^o 34.</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Rua Nova do Almada n ^o 34.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	6,3 x 11,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (n^o inventário catálogo BNP)	E.S. 02076



Ficha Inventário nº 22



Evocação	Nossa Senhora da Atalaia	
Inscrição	Inexistente	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	3,5 x 4,5	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 23



Evocação	Nossa Senhora da Atalaia
Inscrição	<i>N. S. DA ATALAYA.</i>
Subscrição	<i>Rua da Padaria Nº 17</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Rua da Padaria Nº 17
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,2 x 14,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 24

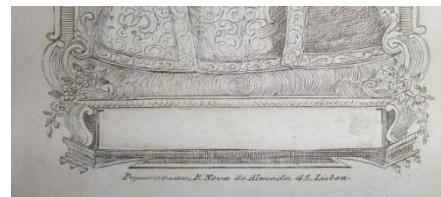
Evocação	Nossa Senhora do Rosário	 
Inscrição	<i>VERA EFFIGIES DE N. S.A do ROZARIO. IO Em.^{mo} e R. Snr. Card.^{al} Patriarcha concede 100 dias de Indulg.^a atodas. as pessoas q. rezarem huma Salve R^a diante desta Image</i>	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	15 x 21,5	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 03090	

Ficha Inventário nº 25

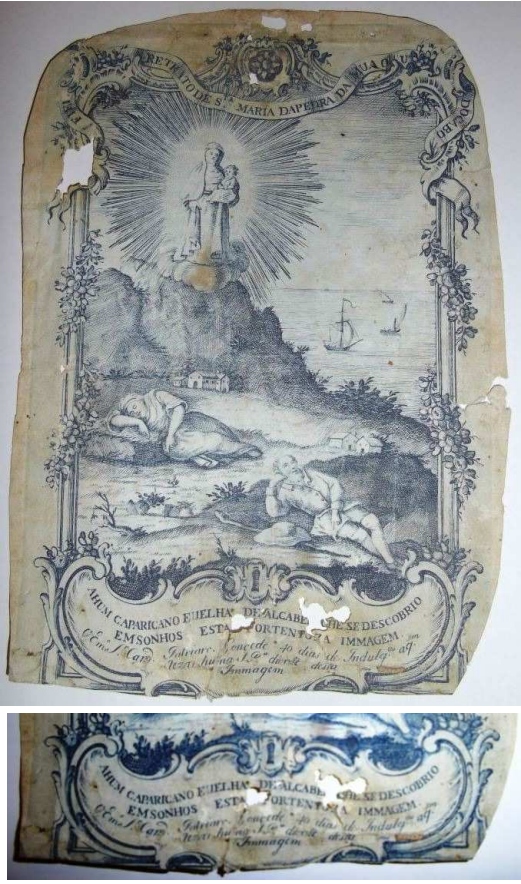
Evocação	Nossa Senhora de Vila Verde de Fronteira Obs: Inscrição impressa sobre cartela recortada e colada	 
Inscrição	<i>N. S. DE VILLA VERDE DE FRONTEIRA</i>	
Subscrição	<i>Peyssonneau, R. Nova do Almada 45, Lisboa.</i>	
Autoria	Pedro Luís Peyssonneau (a. 1822)	
Gravador/Impressor	Pedro Luís Peyssonneau (a. 1822)	
Casa de Comércio	R. Nova do Almada 45, Lisboa.	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 15,7	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 26

Evocação	Nossa Senhora Obs: Cartela em branco para impressão, colagem ou inscrição da invocação
Inscrição	Inexistente
Subscrição	<i>Peysseoneau. R. Nova do Almada 45, Lisboa</i>
Autoria	Pedro Luís Peysseoneau (a. 1822)
Gravador/ Impressor	Pedro Luís Peysseoneau (a. 1822)
Casa de Comércio	R. Nova do Almada 45, Lisboa
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 16
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	

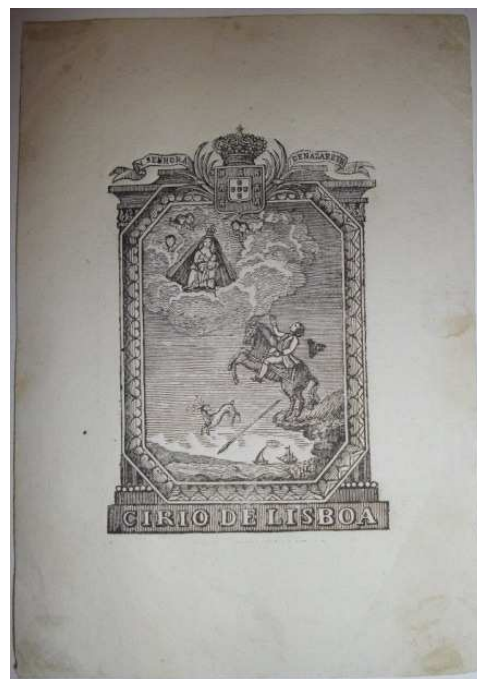


Ficha Inventário nº 27

Evocação	Nossa Senhora do Cabo	
Inscrição	<i>FIEL RETRATO DE S.^{TA} MARIA DA PEDRA DA MUA OU DO CABO / AHUM CAPARICANO E VELHA DE ALCABIDECHE SE DESCOBRIO EM SONHOS ESTA PORTENTOZA IMAGEM. O Em.^o S.^r Card. Patriarc. Concede 40 dias de Indulg.^{as} a q.m rezar huma S R^a diante desta Imagem</i>	
Subscrição	[Subs: Na Fabrica de Ant. ^{no} Joaq. ^m Ribeiro. Rua da Padaria N ^o 17.]	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Fabrica de Ant. ^{no} Joaq. ^m Ribeiro. Rua da Padaria N ^o 17	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 15,3	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (n^o inventário catálogo BNP)	E.S. 02158	

Ficha Inventário nº 28

Evocação	Nossa Senhora da Nazaré
Inscrição	<i>CIRIO DE LISBOA</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Xilogravura
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 15,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	




Ficha Inventário nº 29

Evocação	Nossa Senhora da Nazaré	 An engraving of the Virgin Mary seated on a crescent moon, holding the Christ Child. The scene is set against a background of clouds and a sun. The entire composition is enclosed in an oval frame, which is itself within a rectangular border decorated with floral motifs.
Inscrição	Inexistente	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	2,2 x 2,8	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02849	



Ficha Inventário nº 30

Evocação	Nossa Senhora da Nazaré	
Inscrição	Inexistente	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte ou fotogravura (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	2,6 x 2,5	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02849	

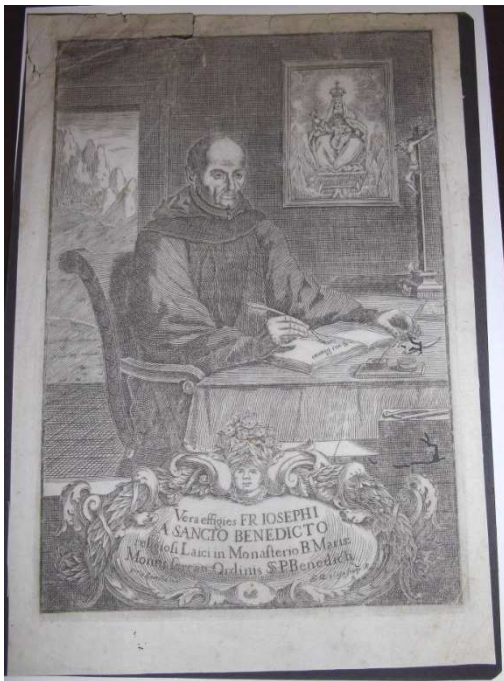

Ficha Inventário nº 31

Evocação	Nossa Senhora da Nazaré	
Inscrição	Inexistente	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Xilogravura ou fotogravura (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	3,5 x 4	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02849	

Ficha Inventário nº 32

Evocação	Nossa Senhora das Sete Dores	 
Inscrição	<i>Imagem Da Virgem senhora May de D.^e Dolorosa se venera na Igr.^a Matris da Villa das Vellas da Ilha de S. Jorge</i>	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	11,5 x 17	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 33



Evocação	Frei José San Benito	 
Inscrição	<i>Vera Effigies FR. IOSEPHI A SANCTO BENEDICTO religiosi Laici in Monasterio B. Mariae Montis ferrati Ordinis SS. P. Benedich</i>	
Subscrição	<i>F.^{cus} a Zorrilla inv IPM(?) a Còsa Sculp. R</i>	
Autoria	Franciscus Zorrillo (?)	
Gravador/ Impressor	Franciscus Zorrillo (?)	
Casa de Comércio	Casa Còsa (Espanha)	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril	
Dimensões (alt. x lar. cm)	19 x 27	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 34

Evocação	Nossa Senhora Mãe de Deus
Inscrição	<i>La Mere de Dieu</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	5,6 x 8,5
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 35

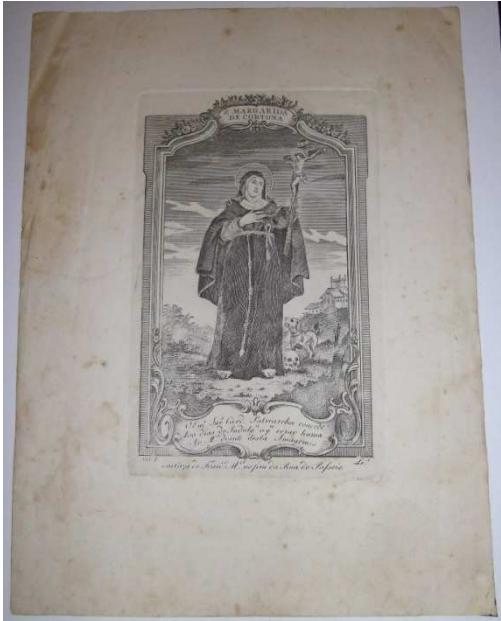

Evocação	São Sebastião	
Inscrição	<p><i>GLORIOSO S. SEBASTIÃO / Valerosissimo soldado da Milicia Christã: grande foi a vossa fé, intercedei por nos na presença de N. S.^r Jesu Christo q.' pelo vosso patrocínio sejamos Livres de peste e de todas as enfermidades assim d'alma como de Corpo. De Cada vez q.' se rez.' esta Oração devot.^a de joelhos ganha de cada vez <u>100 dias de Indulgencia</u> que lhe concede o Ex.^{mo} e R.^{mo} S. Nuncio.</i></p>	
Subscrição	<i>Debrie inv. et fec. 1746</i>	
Autoria	Debrie (a. Portugal 1731-1754)	
Gravador/ Impressor	Debrie (a. Portugal 1731-1754)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?) (d. 1746)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	7 x 10	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 01756	

Ficha Inventário nº 36

Evocação	Santa Joana, Princesa
Inscrição	<i>S. JOANNA PORTUG. PRINCEPS</i>
Subscrição	<i>I. C. S.^a inv. et sculp. /Acharse a em Caza de Fran.^{co} M.^{el} no fim da Rua do Paçeyo Lx^a</i>
Autoria	Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818)
Gravador/ Impressor	Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818)
Casa de Comércio	Casa de Fran. ^{co} M. ^{el} no fim da Rua do Paçeyo, Lisboa
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,6 x 14,5
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 05143



Ficha Inventário nº 37



Evocação	Santa Margarida de Cortona	 
Inscrição	<i>S. MARGRIDA DE CORTONA IO Em.º Snr. Card. Patriarcha concede 100 dias de Indulg.ª a q.ªm rezar huma Av. M.ª diante desta Imagem</i>	
Subscrição	<i>God. f. Iem Caza de Fran.co M.el no fim da Rua do Passeio. Lx.ª</i>	
Autoria	Manuel da Silva Godinho (1751? – a. 1799)	
Gravador/ Impressor	Manuel da Silva Godinho (1751? – a. 1799)	
Casa de Comércio	Casa de Fran.co M.el no fim da Rua do Passeio, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	17 x 22,7	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 05253 - 05254	

Ficha Inventário nº 38

Evocação	Santa Bárbara
Inscrição	<i>S. BARBARA V. M. / O Em.^{mo} Card. Patriarcha concede 40 dias de Indulgen.^{as} a q.m rezar hum P.e N. e Av. M.^a diante desta Santa.</i>
Subscrição	<i>God.^o f. em Casa de Fran.^{co} M.^{el} no fim da Rua do Passeio Lx.^a</i>
Autoria	Manuel da Silva Godinho (1751? – a. 1799)
Gravador/ Impressor	Manuel da Silva Godinho (1751? – a. 1799)
Casa de Comércio	Casa de Fran. ^{co} M. ^{el} no fim da Rua do Passeio, Lisboa
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 14,5
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 39


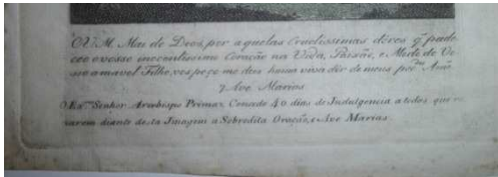
Evocação	Senhor Jesus da Paciência	 
Inscrição	<i>O S.^R JESUS DA PACIENCIA /q.' se Venera na Igr.^a de S.^{to} Ant^o da Convalesc.^a, O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} S.^r Nuncio Apostolico Conc.^e 5. Na.' O 5. Quarent.^{as} de Indulg.^a ás pessoas q.' com[feça]das vizitarem ad.^a Im.^e no dia da S.^a festa, e mais 200 dias aos q' vizitarem ad.^a Im.^e os Domingos e dias s.^{tos}</i>	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Manuel da Silva Godinho (?) (1751? – a. 1799)	
Gravador/ Impressor	Manuel da Silva Godinho (?) (1751? – a. 1799)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril	
Dimensões (alt. x lar. cm)	13,9 x 12	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 03910	

Ficha Inventário nº 40

Evocação	Nossa Senhora da Conceição
Inscrição	<i>N. S.^A DA CONCEIÇÃO / Que se venera na sua Capella em S. Domingos</i>
Subscrição	<i>Carv.^o fc /Lx.^a</i>
Autoria	Teotónio José de Carvalho (a. 1811)
Gravador/ Impressor	Teotónio José de Carvalho (a. 1811)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 15,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	

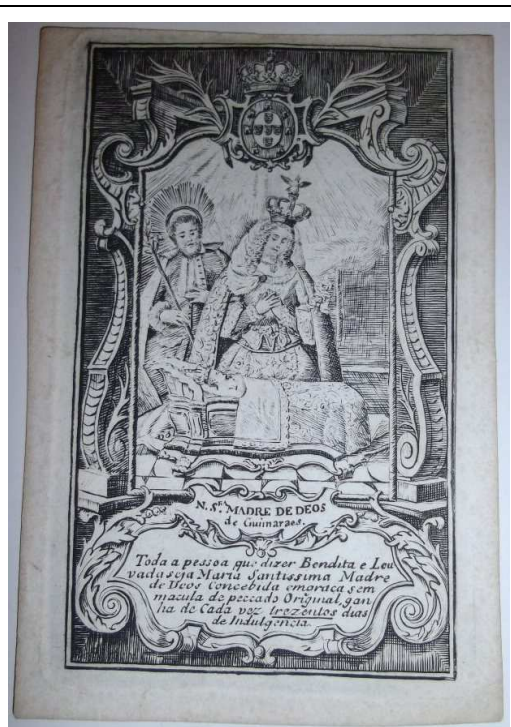


Ficha Inventário nº 41

Evocação	Nossa Senhora das Sete Dores	 <p>The engraving depicts the Virgin Mary in a red and blue robe, standing in a landscape with a church and trees. Above her is the crucifixion of Christ. The scene is framed by a simple border.</p>
Inscrição	<p><i>O V. M. Mai de Deos, por aquelas Crudissimas dores q.' padeceo o vosso inocentissimo Coração na Vida, Paixão, e Morte do Vosso amável Filho, vos peço me deis huma viva dor meus pec.^{dos} Ame. 7 Ave Marias. O Ex.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz Concede 40 dias de Indulgencia a todos que rezarem diante desta Imagem a Sobredita Oração, e Ave marias.</i></p>	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	 <p>A close-up of the handwritten-style inscription at the bottom of the engraving, showing the text in a cursive script.</p>
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	12,5 x 20,7	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

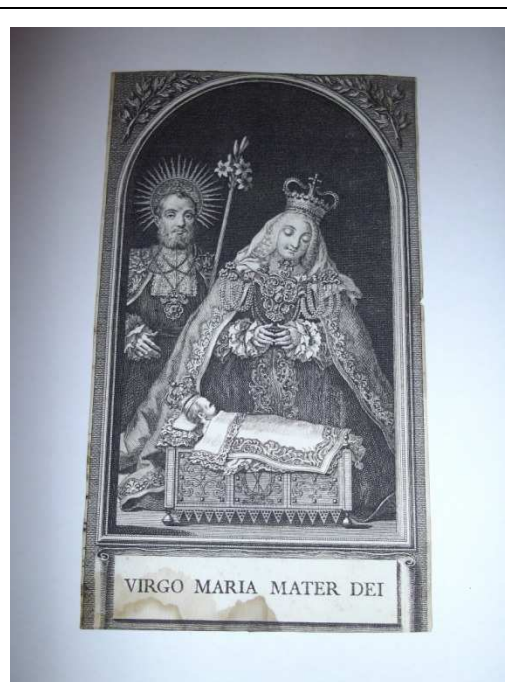
Ficha Inventário nº 42

Evocação	Nossa Senhora Madre de Deus
Inscrição	<i>N. S.^{RA} MADRE DE DEOS de Guimaraes. /Toda a pessoa que dizer Bendita e Louvada seja Maria Santissima Madre de Deos Concebida em graça sem macula de peccado Original, ganha de cada vez <u>trezentos</u> dias de Indulgençia.</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Jean Baptiste Michel Le Bouteux (?) (a. 1728-1764)
Gravador/ Impressor	Jean Baptiste Michel Le Bouteux (a. 1728-1764)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	9 x 13,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	




Ficha Inventário nº 43

Evocação	Nossa Senhora Madre de Deus
Inscrição	<i>VIRGO MARIA MATER DEI</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,5 x 18
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02707



Ficha Inventário nº 44



Evocação	Nossa Senhora da Oliveira	
Inscrição	<i>NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA / Virgem milagrosa May de Deos.</i>	
Subscrição	Inexistente	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril	
Dimensões (alt. x lar. cm)	7 x 10	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 45



Evocação	Nossa Senhora da Lapa
Inscrição	<i>Retrato da milagrosissima S. da Lapa das Confissoens sita na Rais do Monte de S. Ouvido da cidade do Porto, Seminarios do Rio de Janeiro, Campos, e Recolhimento das Orfas de Lisboa, e Villas de Vianna.</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	J.S. Lima
Gravador/ Impressor	J.S. Lima
Casa de Comércio	Lithografia Portuense, Poço das Patas, Porto
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Xilogravura
Dimensões (alt. x lar. cm)	7,5 x 9,6
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02635



Ficha Inventário n° 46

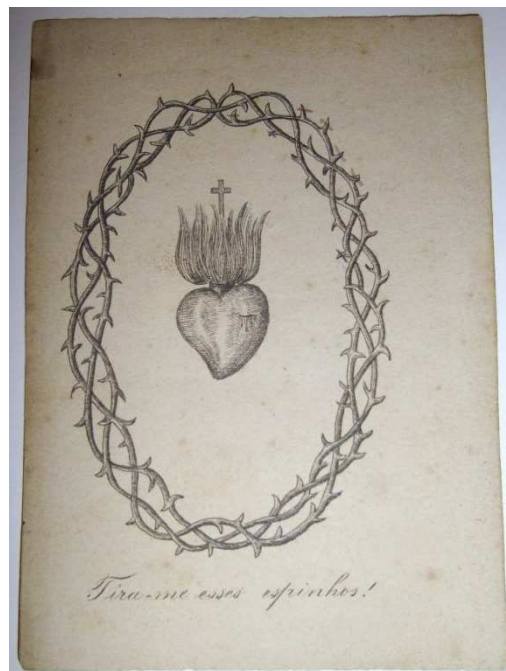
Evocação	Senhor Jesus Morto	 
Inscrição	Inexistente	
Subscrição	<i>Vende-se na Rua Oriental do Paeio Publico. Loja N° 2 ou Acha-se em Caza de Franc.º M^{el} no fim da rua do Passeio Lx.^a</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Rua Oriental do Paeio Publico. Loja N° 2 ou Caza de Franc.º M ^{el} no fim da rua do Passeio, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril	
Dimensões (alt. x lar. cm)	11 x 8,3	
Estado de Conservação	R. E.	
Descrição Ernesto Soares (n° inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 47


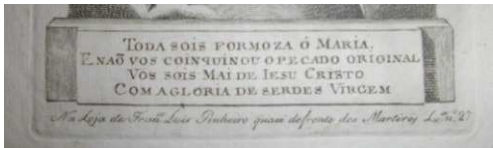
Evocação	Regresso do Egipto	 
Inscrição	<i>JEZUS MARIA JOZE</i>	
Subscrição	<i>Vendese em Casa de Jozé Garcia na Rua da Gloria N.º 43</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Casa de Jozé Garcia na Rua da Gloria nº 43	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	17,6 x 12,7	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (n.º inventário catálogo BNP)	E.S. 04141	

Ficha Inventário nº 48


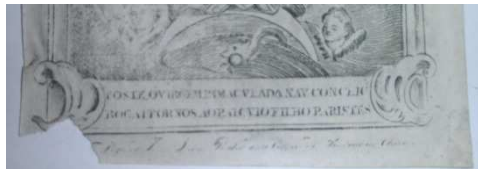
Evocação	Sagrado Coração de Jesus
Inscrição	<i>Tira-me esses espinhos!</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	7,7 x 11
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	




Ficha Inventário nº 49

Evocação	Nossa Senhora da Conceição	 
Inscrição	<i>N. S. DA CONCEIÇÃO /TODA SOIS FORMOZA Ó MARIA. E NÃO VOS COINQUINOU O PECADO ORIGINAL VOS DOIS MAI DE JESU CRISTO COM A GLORIA DE SERDES VIRGEM</i>	
Subscrição	<i>Na loja de Fran.^{co} Luís Pinheiro quase defronte dos Martires Lx.^a n.º 27</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Na loja de Fran. ^{co} Luís Pinheiro quase defronte dos Martires, n.º 27, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	15 x 20,8	
Estado de Conservação	R. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 50

Evocação	Nossa Senhora da Conceição	 
Inscrição	<i>FOSTE O VIRGEM IMMACULADA NA V. CONCEIC ROGAI POR NOS AO PAI CUJO FILHO PARISTES</i>	
Subscrição	<i>Loja de J[ozé] L[uiz] Pinheiro (...) Robim ao Xiado (?)</i>	
Autoria	Debrie (a. Portugal 1731-1754) (ES)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Loja de J[ozé] L[uiz] Pinheiro (...) Robim ao Xiado (?)	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,9 x 15	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 2546 a 2541	

Ficha Inventário nº 51

Evocação	Nossa Senhora da Conceição	
Inscrição	<i>FOSTE O VIRGEM IMMACULADA NA V. CONC. ROGAI POR NOS AO PAI CUJO FILHO PARISTES</i>	
Subscrição	<i>Rua Nova do Almada nº 69. Lx.^a</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Rua Nova do Almada nº 69, Lisboa.	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	14,8 x 17	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 52

Evocação	Nossa Senhora da Conceição
Inscrição	<i>N. S. DA COMCEICÃO</i>
Subscrição	<i>Em casa de Ant^o Joaq^m Ribro Rua da Padaria N. 17.</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Em casa de Ant ^o Joaq ^m Ribro Rua da Padaria nº 17, Lisboa.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 14,6
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 53

Evocação	Nossa Senhora das Dores
Inscrição	<i>N. S.^{RA} DAS DORES</i>
Subscrição	<i>Estamparia no fim da Rua do Passeio.</i>
Autoria	Gaspar Frois Machado (?) (1759-1796)
Gravador/ Impressor	Gaspar Frois Machado (?) (1759-1796)
Casa de Comércio	Estamparia no fim da Rua do Passeio.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	11 x 17
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02391 a 02392



Ficha Inventário nº 54

Evocação	Nossa Senhora das Dores
Inscrição	<i>N. SENHORA DAS DORES</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	8,2 x 13,5
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 55

Evocação	Nossa Senhora da Piedade
Inscrição	<i>MATER DOLOROSA</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	8,7 x 13,3
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 56

Evocação	Nossa Senhora do Carmo
Inscrição	<i>N.S.^A DO CARMO</i>
Subscrição	<i>na Loja de Joze Luis Pinheiro nas Cazas de Robim o Xiado</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Loja de Joze Luis Pinheiro nas Cazas de Robim o Xiado, Lisboa.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	12,5 x 17,4
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02181 - 02183





Ficha Inventário nº 57


Evocação	Nossa Senhora da Graça
Inscrição	<i>N. S.^{RA} DA GRAÇA</i>
Subscrição	<i>Vendem-se na Praça de D. Pedro, 91. Lx.^a</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Vendem-se na Praça de D. Pedro, 91, Lisboa.
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,2 x 13,6
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02518



Ficha Inventário nº 58

Evocação	O Anjo da Guarda	 
Inscrição	<i>O Anjo da Guarda / O Em^o Snr. Card. Patriarcha conc.^e 100 dias de Indulg.^a a q.^m rezar hum P Ns. Ave M.^a diante desta Estampa</i>	
Subscrição	<i>Rua Nova do Almada, Nº 45. Lx.^a</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Rua Nova do Almada, Nº 45. Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	15 x 21,4	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 59


Evocação	Santo António	
Inscrição	<i>Santo António</i>	
Subscrição	<i>Em Caza de Franc.^{co} M.^{el} ao Paceio em Lisboa</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Caza de Franc. ^{co} M. ^{el} ao Paceio em Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10,7 x 15,5	
Estado de Conservação	R. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 0197/0278- 0279	

Ficha Inventário nº 60

Evocação	Santo António
Inscrição	<i>S. ANTÓNIO</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,7 x 16
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 0197/ 0278/ 0279



Ficha Inventário nº 61

Evocação	Santa Bárbara	
Inscrição	<i>S. BARBARA V. M. / O Em.^{mo} Card. Patriarcha concede 40 dias de Indulgen.^{as} a q.m rezar hum P.e N. e Av. M.^a diante desta Santa.</i>	
Subscrição	<i>God.^o f. em Caza de Fran.^{co} M.^{el} no fim da Rua do Passeio Lx.^a</i>	
Autoria	Manuel da Silva Godinho (1751? – a. 1799)	
Gravador/ Impressor	Manuel da Silva Godinho (1751? – a. 1799)	
Casa de Comércio	Casa de Fran. ^{co} M. ^{el} no fim da Rua do Passeio, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	15 x 20,4	
Estado de Conservação	B.E.	
Descrição	Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	

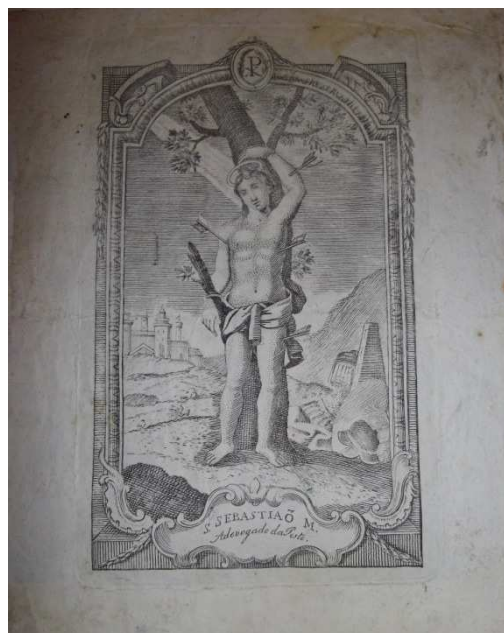
Ficha Inventário nº 62

Evocação	São José
Inscrição	<i>S. JOZE</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	8 x 10,4
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 63

Evocação	São Sebastião
Inscrição	<i>S. Sebastião M. / Adeogado da Peste.</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	15,5 x 17,7
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	





Ficha Inventário nº 64

Evocação	Santo António
Inscrição	<i>Vera effigies DIVI ANTONII Lybonensys</i>
Subscrição	Inexistente
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 15,3
Estado de Conservação	M. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 65

Evocação	São Sebastião	 
Inscrição	<i>SEBASTIANUS CHRISTIANUS</i>	
Subscrição	<i>Vendece Em Caza de Fran.^{co} M.^{el} no fim da rua do paceio lx.^a</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Caza de Fran. ^{co} M. ^{el} no fim da rua do paceio, Lisboa	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,4 x 13,4	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 66

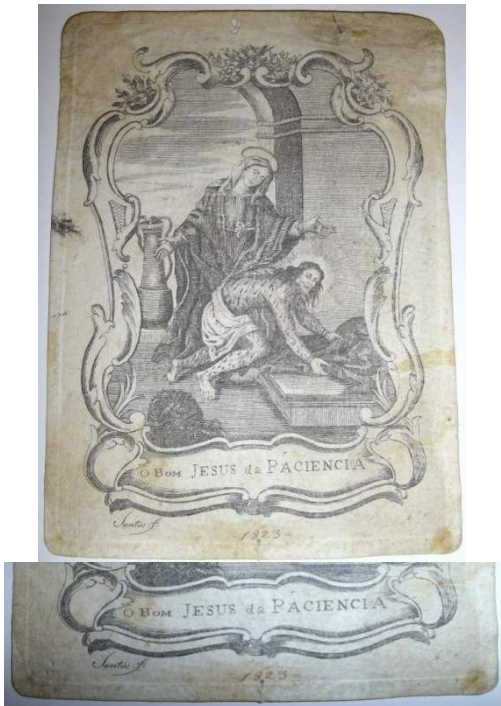
Evocação	Nossa Senhora da Conceição
Inscrição	<i>N. S. DA CONCEIÇÃO / Padroeira do Reino e colocada na Porta da Esquina da Cidade d'Elvas</i>
Subscrição	<i>S. D. (?)</i>
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	8,7 x 12,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 02261




Ficha Inventário nº 67

Evocação	Flagelação de Nosso Senhor	
Inscrição	<i>(...) ae consumptis carnibus adhaesit os meum, Job 19</i>	
Subscrição	<i>(...) fec. Porto</i> Manuscrito: 1822	
Autoria	A. Santos (?) (Séc. XVIII)	
Gravador/ Impressor	A. Santos (?) (Séc. XVIII)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,9 x 13,5	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 68

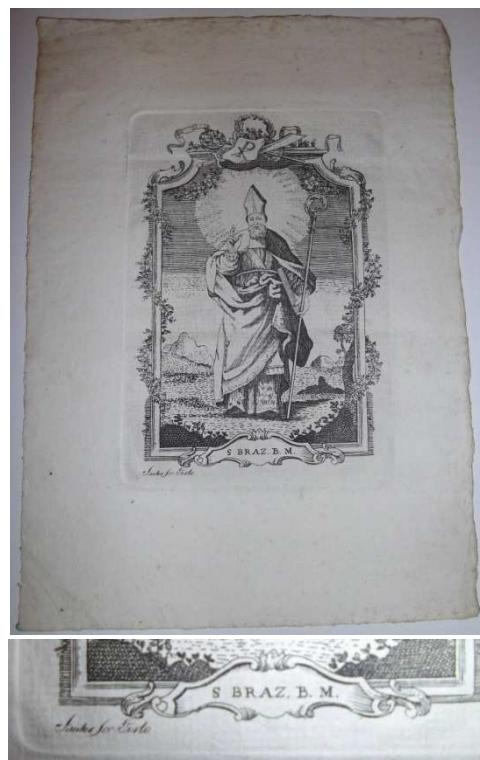
Evocação	Bom Jesus da Paciência	
Inscrição	<i>O BOM JESUS DA PACIÊNCIA</i>	
Subscrição	<i>Santos f.</i> Manuscrito: 1823	
Autoria	A. Santos (?) (Séc. XVIII)	
Gravador/ Impressor	A. Santos (?) (Séc. XVIII)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 13,5	
Estado de Conservação	R. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 69


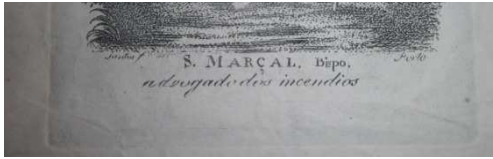
Evocação	São Brás	
Inscrição	<i>S. BRAS B.M.</i>	
Subscrição	<i>Santos fec. Porto</i>	
Autoria	A. Santos (Séc. XVIII)	
Gravador/ Impressor	A. Santos (Séc. XVIII)	
Casa de Comércio	Desconhecido, Porto	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	10 x 15,3	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 0430	

Ficha Inventário nº 70

Evocação	São Brás
Inscrição	<i>S. BRAS B.M.</i>
Subscrição	<i>Santos fec. Porto</i>
Autoria	A. Santos (Séc. XVIII)
Gravador/ Impressor	A. Santos (Séc. XVIII)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	15,5 x 21,7
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	

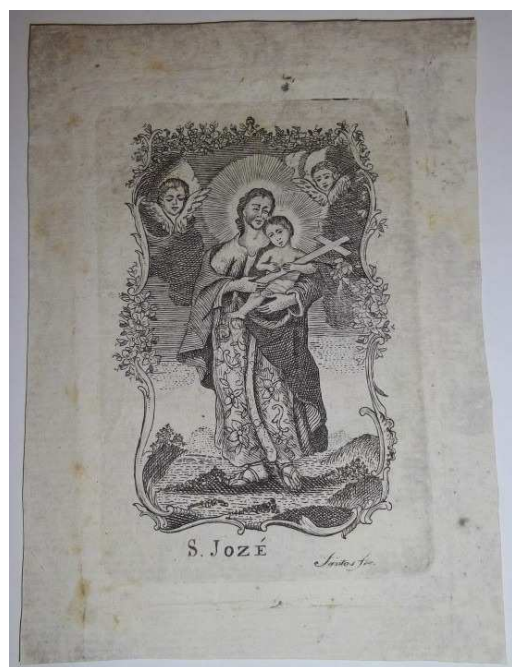


Ficha Inventário nº 71


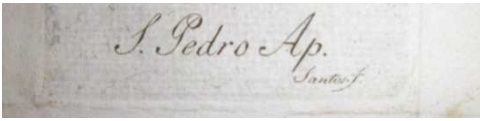
Evocação	São Marçal	 
Inscrição	<i>S. Marçal Bispo / Advogado dos Incendios</i>	
Subscrição	<i>Santos f / Porto</i>	
Autoria	A. Santos (Séc. XVIII)	
Gravador/ Impressor	A. Santos (Séc. XVIII)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Litografia ou fotogravura (?)	
Dimensões (alt. x lar. cm)	18 x 23	
Estado de Conservação	M. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 04141	

Ficha Inventário nº 72

Evocação	São José
Inscrição	<i>S. Jozé</i>
Subscrição	<i>Santos fec.</i>
Autoria	A. Santos (Séc. XVIII)
Gravador/ Impressor	A. Santos (Séc. XVIII)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	8,6 x 12
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 73

Evocação	São Pedro	 
Inscrição	<i>S. Pedro AP</i>	
Subscrição	<i>Santos f.</i>	
Autoria	A. Santos (Séc. XVIII)	
Gravador/ Impressor	A. Santos (Séc. XVIII)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Papel	
Técnica de impressão	Buril e água-forte	
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,9 x 15,9	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 01625	

Ficha Inventário nº 74

Evocação	São Gregório
Inscrição	<i>S. GREGORIUS</i>
Subscrição	<i>C. Galle</i>
Autoria	Cornelio Galle (?) (1615-1678)
Gravador/ Impressor	Cornelio Galle (?) (1615-1678)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril
Dimensões (alt. x lar. cm)	7 x 9,2
Estado de Conservação	R. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 75

Evocação	Nossa Senhora do Rosário
Inscrição	<i>MISTERIA S. ROSARII</i>
Subscrição	<i>T. v. Merlen</i>
Autoria	Theodoor Van Merlen (?) (1609-1672)
Gravador/ Impressor	Theodoor Van Merlen (?) (1609-1672)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Pergaminho
Técnica de impressão	Buril
Dimensões (alt. x lar. cm)	6,5 x 9,3
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 76

Evocação	Santa Ana
Inscrição	<i>S. ANNA.</i>
Subscrição	<i>Cor. V. Merlen</i>
Autoria	Cornelius Van Merlen (1654-1723)
Gravador/ Impressor	Cornelius Van Merlen (1654-1723)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Pergaminho
Técnica de impressão	Buril
Dimensões (alt. x lar. cm)	6,5 x 9,3
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 0751



Ficha Inventário nº 77

Evocação	Sagrada Família, Santa Isabel e São João Baptista
Inscrição	<i>DELICAE MEAE ESSE CUM FILIIS HOMINUM</i>
Subscrição	<i>Cor. van Merlen</i>
Autoria	Cornelius Van Merlen (1654-1723)
Gravador/ Impressor	Cornelius Van Merlen (1654-1723)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Pergaminho
Técnica de impressão	Buril
Dimensões (alt. x lar. cm)	6,7 x 9,6
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	





Ficha Inventário nº 78

Evocação	Santa Apolónia
Inscrição	<i>S. APPOLONIA.</i>
Subscrição	<i>Corn. v. Merlen</i>
Autoria	Cornelius Van Merlen (1654-1723)
Gravador/ Impressor	Cornelius Van Merlen (1654-1723)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,5 x 13,5
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 04784

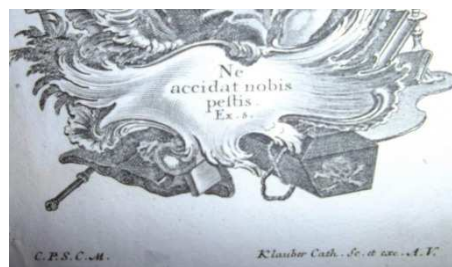
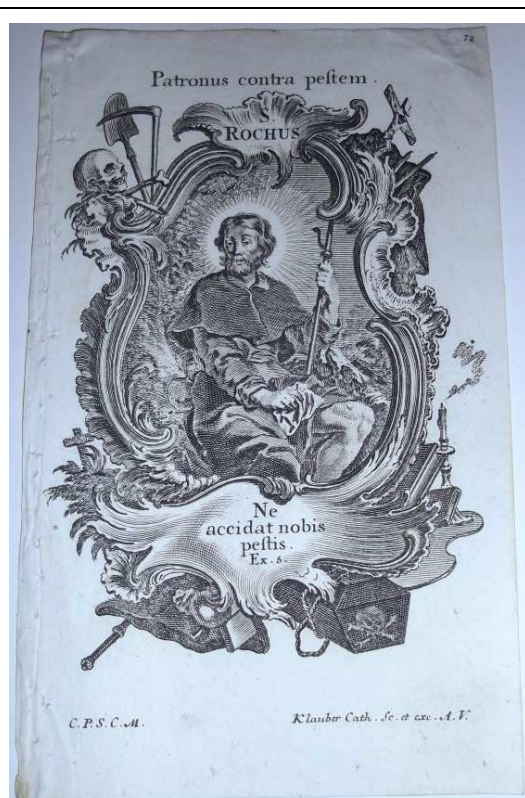


Ficha Inventário nº 79

Evocação	Ecce Homo	 
Inscrição	<i>ECCE HOMO</i>	
Subscrição	<i>Jacob(...)</i>	
Autoria	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Gravador/ Impressor	Gravador desconhecido (Séc. XVIII-XIX)	
Casa de Comércio	Desconhecida	
Suporte	Pergaminho	
Técnica de impressão	Buril	
Dimensões (alt. x lar. cm)	8,2 x 11	
Estado de Conservação	B. E.	
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)		

Ficha Inventário nº 80

Evocação	São Roque Obs: Ilustração de livro
Inscrição	<i>S. ROCHUS /PATRONUS CONTRA PESTEM / Ne accidat nobis pestis Ex. 5</i>
Subscrição	<i>C. P. S. C. M. / Klauber Cath. Sc. et exe A. V.</i>
Autoria	Catharina Klauber (a. 1740-1760)
Gravador/ Impressor	Catharina Klauber (a. 1740-1760)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte (?)
Dimensões (alt. x lar. cm)	9,5 x 15,2
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 01728



Ficha Inventário nº 81

Evocação	Sagrada Família
Inscrição	<i>JESUS MARIA JOSEPH</i> <i>/Exempla Devotionis et</i> <i>Temperantiae</i>
Subscrição	<i>C. P. S. C. M. /M.</i> <i>Engelbrecht exc A. V.</i>
Autoria	Martin Engelbrecht (?) (1584-1756)
Gravador/ Impressor	Martin Engelbrecht (?) (1584-1756)
Casa de Comércio	Desconhecida
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	7,2 x 12,5
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	



Ficha Inventário nº 82

Evocação	Nossa Senhora do Carmo Obs: Ilustração de livro
Inscrição	<i>Beata Virgo Carmelitana</i>
Subscrição	<i>appō Wagner Ven.^a C. P. E. S.</i>
Autoria	Wagner (?) / Séc. XVIII
Gravador/ Impressor	Wagner (?) / Séc. XVIII
Casa de Comércio	Desconhecido
Suporte	Papel
Técnica de impressão	Buril e água-forte
Dimensões (alt. x lar. cm)	9 x 12,8
Estado de Conservação	B. E.
Descrição Ernesto Soares (nº inventário catálogo BNP)	E.S. 04840

